

Depois do ABORTO

Cleunice Orlandi de Lima

Autora de "Depois do suicídio"

Inclui depoimentos e relatos de Espíritos
que convivem com este ato, esclarecendo
como fica o Espírito abortado e o que ocorre
com os que o praticam, e que com ele colaboram.

DPL
Espiritismo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

DEPOIS DO ABORTO...

1998

Cleunice Orlandi de Lima

(Autora da Série Historiada “Professora de Papel” e “Depois do Suicídio...”)

CONTEÚDO

Dedicatória	
Prefácio	
Palavras minhas	
Capítulo I - Depoimentos	
De um médico abortista	
De Graciela Fernádes Raineri	
De uma mulher anônima	
De onde vem esta criança?	
Uma historinha	
Cavalo e cavaleiro	
As feministas	
Pesadelos da vida real	
Capítulo II	
Um caso polêmico	
“Nascer de novo”	
A história de uma missão	
Consulta prévia às mães	
Por que retorna o espírito?	
Capítulo III - Consequências do aborto	
a) Introdução	
b) Consequências para os anjos desprezados	
c) O astral inferior	
d) Consequências para o médico aborteiro	
e) Consequências para a mãe abortadeira	
1- Consequências físicas	
2- Consequências psíquicas	
3- Consequências de além túmulo	
4- Consequências em vida futura	
f) Consequências para o pai	
Capítulo IV - Casos especiais	
1- Gravidez de risco	
2- Risco de vida para o bebê	
3- O estupro	
Capítulo V – Outras considerações	
Um diário inacabado	
O que seria o mundo sem eles?	
Capítulo VI – A quem já abortou	
1- Oração	
2- Atividades benfeitoras	
3- Adoção	
4- Amparo às mães	
5- Algo mais	
Finalizando	
Bibliografia	

Dedicatória

Dedico este livro

A todos os abortados,
cujo choro nunca pôde ser ouvido,
cujas palavras foram emudecidas,
cujas missões nunca pôde ser cumpridas.

A toda mãe que não negou ao filho o direito de nascer.

A toda mãe solteira,
cuja luta eu reverencio de joelhos.

A toda mulher que provocou o aborto,
mas que passou a auxiliar outras crianças
para compensar seu engano.

A todo pai que amparou mulher e filho.

a todo médico
que nunca matou um ser não nascido.

A toda mulher
que jamais pôde ter um filho.

A todo filho e toda filha
que num dia virá a ter filhos e filhas.

Dedico este livro a você,
irmão, irmã, avô, avó, tio, tia, parente, enfermeira,
irmã de caridade, voluntária que ajudou a criar filhos de outrem.

Que Deus lhes pague!

Prefácio

Se você está lendo este livro, é porque precisa dele.

**Não importa seu sexo nem idade,
estado civil ou condição social.**

**Importa que ele veio parar em suas mãos
por caminhos que o Alto traçou.**

Os motivos, Deus sabe quais são.

**Continue a leitura.
Leia até o fim.**

**Se o assunto não lhe diz nada agora,
com certeza o dirá, num futuro próximo.**

**Talvez em suas mãos
venha parar um problema desta espécie.
Prepare-se para ajudar a resolvê-lo.**

Nada acontece ao acaso.

Palavras minhas

Este é um livro forte.

Seu objetivo é alertar sobre o crime do aborto e suas consequências mas, ***se você já praticou algum aborto, não pense que tudo está perdido.*** Há ainda oportunidades para compensar a negatividade do seu gesto. Continue lendo e, adiante, saberá quais oportunidades lhe são oferecidas.

Este livro é um alerta necessário, mas há vários anos venho prorrogando o momento de escrevê-lo. Faltava-me coragem e, mesmo agora que tomei a decisão, os receios me acompanham.

Eu explico os motivos destes receios:

Os dois maiores crimes são o ***aborto*** e o ***suicídio***.

Por serem os mais nocivos de todos os atos, os mentores espirituais, através de canais competentes, apelam aos humanos conscientes no sentido de ajudarem a desarmar a mão que ergue para matar-se a si mesmo e a suspender aquelas mãos que se juntam para matar a criança não nascida.

Dei minha colaboração no que diz respeito ao ***suicídio***: fiz um folheto que depois se transformou num livro: *“Depois do suicídio...”*. Foram e ainda estão sendo confeccionados e distribuídos, gratuitamente, muitos milhares de exemplares deste folheto, com o pedido que fosse lido e passado adiante; que fossem feitas cópias xerográficas e distribuídas. Grande foi o número de pessoas atingidas pelo seu conteúdo e, graças a Deus, elevado foi o número dos leitores que renunciaram à idéia de matar-se a si próprio.

Assim que o referido folheto começou a circular, muitos conhecidos, e até desconhecidos, sugeriram-me que escrevesse sobre o ***aborto***. Foi aí que me faltou coragem, pois o problema se me apresentou assim:

“-A pessoa que vier a ler o livro sobre suicídio ainda não se matou, mas quem vier a ler sobre aborto já poderá ter praticado algum; poderá ter induzido alguém a praticá-lo ou ainda poderá ser um médico aborteiro. Neste caso, como esta pessoa vai reagir? No mínimo, ficará com peso na consciência e, assim, estarei distribuindo sofrimento ao invés de combater o aborto. Um erro em troca de outro. Não, eu não levaria sofrimento a ninguém, quando o objetivo é justamente evitar dores.”

Os anos se acumularam.

Agora, não posso mais ignorar o problema.

É preciso mostrar ao mundo a verdade sobre o aborto e, se este exemplar cair em mãos de quem já haja propiciado a morte de uma criança não nascida, eu repito:

Se você já praticou algum aborto, não pense que tudo está perdido. Há oportunidades para compensar a negatividade do seu gesto.

Continue lendo e, adiante, saberá quais oportunidades lhe são oferecidas.

CAPÍTULO I

Depoimentos

De um médico abortista

Fui diretor da maior clínica especializada em abortos do mundo. E fui membro fundador da Associação Nacional a Favor do Aborto, cujo objetivo era conseguir do governo dos Estados Unidos, uma lei que permitisse o aborto. Exercíamos pressão sobre os membros governamentais para que fizessem leis neste sentido.

Quero que saibam, portanto, que fui membro da maior organização mundial que *vendia* aborto. Eis como funcionava a organização:

Em 1968, ao organizarmos o movimento, fizemos um levantamento para saber quantas pessoas eram contra e quantas eram favoráveis ao aborto. O resultado foi: **1%** era a favor - e **99%** não aceitavam aborto provocado.

Vou explicar como fizemos para convencer os 99% a aceitarem a idéia; a mesma tática foi empregada depois, em outros países onde se organizou idêntica embrulhada.

Duas grandes mentiras nos serviram de base:

1º - falsificamos estatísticas e fingíamos fazer enquetes mostrando que grande parte dos entrevistados era favorável à provocação do aborto.

2º - escolhemos uma vítima para atribuírmos a responsabilidade da não aprovação do aborto nos Estados Unidos: a Igreja Católica.

Mais tarde, os próabortistas empregavam as mesmas “estatísticas” e os mesmos números inventados por mim, em 68. Isso me divertia, me fazia rir bastante, porque eu havia participado do processo e sabia muito bem que eram tudo mentiras, puras patranhas, mas havia quem acreditava.

Pelas estatísticas verdadeiras sabíamos que, naquela época, nos Estados Unidos, menos de mil mulheres praticavam anualmente, o aborto clandestino. Mas este número era pequeno demais e não bastava para chamar a atenção dos desprevenidos. Então, multiplicamos este número por mil - e dizíamos que um milhão de casos acontecia anualmente!

O número de mortes motivadas por abortos clandestinos também era pequeno, não chegava a duzentos. Este número também não bastava para nossa propaganda; dizíamos, pois, que dez mil mulheres perdiam a vida por ano em processos abortivos, por falta de cuidados médicos.

Outras táticas eram ainda de nossa invenção. Dizíamos, por exemplo, que havíamos feito uma enquete nas ruas e que 24% da população aprovava

o aborto. Meses depois, dizíamos que a aprovação havia subido para 50% e assim, sucessivamente, sempre aumentando os números por nossa conta.

A idéia é simples: as pessoas, principalmente as mulheres, desejam estar sempre na última moda; desejam sempre formar parte da maioria; desejam sempre ser consideradas modernas, têm horror a ser chamadas de antiquadas. Assim, elas se uniam aos “avançados”.

Mais tarde, efetuamos enquetes de verdade e comprovamos que, pouco a pouco, os resultados que havíamos forjado iam aparecendo; crescia a adesão ao aborto provocado!

Sejam vocês, muito cuidadosos ante as pesquisas, principalmente sobre aborto porque costumam ser manipuladas e com isso, convencem aos que se interessam pelos noticiários. Estas pesquisas mentirosas chegam a convencer aos governantes, que modificam as próprias leis.

É importante que estejam atentos aos meios de comunicação porque, de acordo com a maneira de propagar conceitos, eles conseguem infiltrar quaisquer idéias nas pessoas. E, em 68, difundíamos através dos meios de comunicação, todas as mentiras que acabo de referir.

Afinal, quem duvida da estatística? Quem vai conferir se é verdade?

Pois bem: a maior clínica mundial especializada em abortos: o *Centro de Saúde Sexual* esteve em minhas mãos. Eram 10 salas de cirurgia e 35 médicos especialistas sob as minhas ordens. Praticávamos *120 abortos por dia*, inclusive aos domingos e feriados; só no dia de Natal não trabalhávamos. Confesso que, enquanto a clínica esteve sob minhas ordens, foram praticados mais de 60.000 abortos sendo que pelo menos 5.000 foram realizados por mim, pessoalmente.

Em setembro de 72 eu me afastei da clínica porque tinha outros compromissos a cumprir, mas, para mim, aqueles anos de trabalho me trouxeram uma experiência sem precedentes - e ainda hoje ***me pesam no coração, os remorsos pelo que fiz***, como uma vergonhosa lápide mortuária.

Lembro-me que os médicos que trabalhavam comigo, apesar de bem remunerados, também não se sentiam à vontade. Suas esposas me contavam que eles tinham pesadelos pavorosos e acordavam gritando, falando em sangue e corpos de bebês destroçados. Alguns dos meus auxiliares bebiam muito, outros passaram a se drogar e vários deles tiveram de fazer longos tratamentos psiquiátricos.

As enfermeiras também, muitas delas se tornaram alcoólatras e outras tiveram de abandonar o trabalho, afetadas por perturbações nervosas.

Esta é parte da confissão do Dr. E. Nathanson, no Congresso Internacional no Colégio dos Médicos em Madri, na Espanha.

Este médico, para melhor impressionar as futuras clientes - e silenciar

talvez a própria consciência - resolveu filmar um aborto. Com este material poderia esclarecer aos que relutavam em aderir à matança de crianças, os seguintes aspectos: rapidez, eficiência e segurança com que conseguiam retirar um feto do útero, assim como exibir a alta tecnologia empregada.

O filme - que recebeu o nome “Grito silencioso” - mostraria o interior do útero e os meios usados para destroçar e sugar a criança de dentro dele.

*Mas a filmagem funcionou ao contrário porque ele próprio, o médico, ficou impressionado com o que viu e, a partir deste filme, se posicionou contrário ao aborto. E passou a exibir a filmagem tentando assim, convencer as mulheres **a não praticá-lo**.*

Para melhor comentar sobre o filme, eis este depoimento:

de Graciela Fernádes Raineri:

Vi o filme “*Grito silencioso*” apresentado pelo Dr. Nathanson, famoso médico ex-abortista norte americano.

Ele mostra, mediante uma ecografia realizada na mãe, no momento do aborto, o que sucede com o bebê que - apenas agora se sabe - já reflete as características humanas: **sente medo, sente dor e tem apego à vida.**

Ao ver o filme, acreditei ser meu dever divulgá-lo, pois o mundo tem obrigação de saber o que realmente sucede num aborto provocado.

O filme começa mostrando o bebê antes da operação abortiva. Neste caso verídico, o bebê estava com 12 semanas - menos de três meses de vida.

Ele tinha movimentos calmos, mexia-se lentamente, colocava de vez em quando o polegar na boca. Parecia bem à vontade no ambiente tranquilo, na segurança do útero materno.

Quando o abortista introduz o primeiro elemento metálico procurando romper a bolsa amniótica, a criança perde seu estado de tranquilidade. Os aparelhos registram aceleração das suas batidas cardíacas e, em movimentos nervosos e perfeitamente conscientes, o pequeno ser muda de lugar, desviando-se do instrumento cirúrgico.

A bolsa é rompida e é introduzido um outro aparelho, espécie de aspirador. Neste estágio, nenhum instrumento tocou ainda o bebê, no entanto, ele pressente que algo anormal e terrível está para lhe acontecer porque agora, muda de lugar num ritmo enlouquecido para os lados e para cima em busca de segurança, no desejo de fugir ao aparelho e livrar-se de sua ação.

Quando o metal está quase para tocá-lo, a criança encolhe todo o corpo e **sua boca se abre** desmesuradamente, como se quisesse gritar.

O instrumento de aspiração alcança seus pezinhos e os arranca.

Arranca os pezinhos, mas a criança ainda está viva! Ela se debate, mas seus pedaços vão sendo destroçados, puxados, arrancados, sugados em grande velocidade.

Em menos de um minuto resta apenas a cabeça, que não passa pelo aparelho. Um outro instrumento parecido a uma pinça gigante é introduzido. A cabecinha é presa, triturada, transformada em pedaços e também retirada.

São os últimos resquícios daquele que, pouco antes era um ser humano tranquilo e depois, amedrontado, horrorizado, mesmo em desigualdade de condições fez o impossível para não morrer e, no último momento, abriu a boca ao máximo, num grito, com o objetivo talvez, de pedir auxílio...

A quem???

Eu, pessoa humana, que posso gritar e expressar minha vontade, empresto hoje minha voz a todos estes pequeninos que, ao serem mortos quisessem gritar, implorar pela vida, abrindo a boca, porém... Ainda não tinham voz!

Em nome de todos estes inocentes, eu peço a quem de direito que projete este filme em todas as escolas, nos colégios, nas universidades, para todas as mulheres e homens, a fim de que se faça conhecer o que realmente acontece num aborto provocado e dar a conhecer o direito à vida de uma criança.

De uma mulher anônima

Sou mulher como você e quero dizer que a ignorância me levou ao erro mais desgraçado que uma mulher pode cometer. Hoje compreendo o que fiz.

Quando os conhecimentos trouxeram luz à minha vida, horrorizei-me comigo mesma e percebi que não me informaram, na época, a verdade inteira. Disseram-me que seria retirado apenas um conjunto de células sem que isso viesse a prejudicar-me a mim própria e a ninguém mais.

Os meus olhos não viram o pequeno ser que se agitava dentro de mim e, por isso eu o desprezei. Dizem que “o que os olhos não vêem, o coração não sente.” Mas hoje, eu sinto e me lamento... Tarde demais.

Quando vejo uma criança pequena nos braços da mãe, o coração me estremece diante de tão terrível recordação.

Agora digo a você, a quem não conheço: Jamais tome a decisão que tomei, porque não esquecerá nunca. Por muitos anos que possa viver, sempre que ouvir o choro de uma criança este som lhe sacudirá as entranhas, o coração e a alma, como me acontece ainda hoje. Queira Deus que minha amarga experiência a mantenha longe de situação idêntica.

Perdoe por não assinar o meu nome. Não o posso fazer.

De onde vem esta criança?

Sabemos agora, que as estatísticas sobre o aborto podem ser mentirosas e enganam aos que querem ser enganados. Enganam àqueles que procuram motivos para cometer o ato mais desprezível, o ato mais covarde que o ser humano pode cometer.

E sabemos principalmente, que a criança não nascida já tem instinto de sobrevivência, possui todos os sentimentos como qualquer outro ser da mesma espécie: sente medo da morte, pressente o perigo, foge da dor, gritaria por socorro e chamaria pela mãe, se tivesse voz. A criança, ainda no útero, é, portanto, uma pessoa completa, dona de uma alma ou espírito, no entanto, aqueles que provocam o aborto preferem acreditar que uma criança é *gente* somente a partir do nascimento.

E, mesmo que fosse só um punhado de células, é uma *semente de gente*.
E esta semente de gente tem VIDA.

Diz Dom Rafael Cinfuentes (*responsável pela Pastoral Familiar da Arquidiocese do Rio e organizador da visita do papa ao Brasil em outubro de 97*):

“Entre o feto e o bebê não há diferença. No início da fecundação ele já é uma vida humana. O feto é dono de todo um patrimônio genético que funciona de modo idêntico a qualquer outro ser humano. Portanto, *tem vida*.”

A quem pertence aquele corpinho vivo?

Será que pertence a nós, que o estamos carregando na barriga?

Para que aquela pessoinha fosse considerada **nossa**, de **nossa** propriedade, ela teria de ter sido *comprada* numa loja ou então, teria de ter sido *confeccionada* por **nós**, por **nossas** mãos, por **nossos** próprios meios.

Mas nenhum ser vivo pode ser *construído* por nós, pessoas da Terra. Até mesmo um clone é feito a partir de células **vivas** *pré-existentes*. Não conseguiríamos construir um único mosquito morto, não saberíamos fabricar uma única pétala de flor, nem um grão de areia. O que dizer de um ser humano?

Assim, não está no poder de nenhum de nós a construção de um corpo vivo, pois não sabemos criar sequer os elementos que compõem as unhas de um bebê; não sabemos fazer um único fiozinho de cabelo. Sem exames médicos, não saberíamos ao menos o sexo da criança que está dentro de nós! Impossível conhecer a fisionomia que está sendo plasmada no interior do nosso ventre, nem a cor dos olhos, nada! E, mesmo assim, misteriosamente, a criança nasce com todas as partes do corpo, com todos os órgãos, com

movimentos graciosos, com dedinhos delicados - cinco em cada mãozinha, cinco em cada pé - com inteligência, *com um espírito!*

Será que fomos *nós* a fabricar aquele cérebro perfeito que ainda hoje é um enigma até para os maiores especialistas do mundo? Será que fomos *nós* a construir - com nosso nulo conhecimento - cada orelhinha, cada ossinho, cada olhinho que enxerga, cada órgão que funciona?

Não! Tudo é fruto de leis maiores, leis do próprio Deus.

Nós apenas acionamos o interruptor e, estranhamente, nasce de nós um outro ser - uma criança inteira, com tudo no lugar, com tudo funcionando; uma criança que se parece conosco, mas que não sabemos nada sobre ela.

Uma pergunta e uma resposta: Se este serzinho foi fabricado dentro de nosso útero, com substâncias retiradas de nosso próprio corpo, como é que o desconhecemos completamente?

É porque ele *não é nosso*.

É porque *não fomos nós* quem o fizemos.

É porque ele foi *colocado* em nosso ventre por mãos desconhecidas.

E foi colocado aí, *já pronto*.

Se foi colocado aí, já pronto, é que estava *pronto em outro lugar*.

E se estava pronto é porque *foi fabricado por outros*.

Neste caso, *não somos nós o seu dono*.

E se não fabricamos esta criança; se não a compramos; se não sabemos como ela foi feita, com que autoridade a matamos? Com que direito nos consideramos senhores daquela alminha de Deus? Como é que se vai destruindo assim, sem mais nem menos o que pertence a outrem?

Uma historinha

Era uma vez um empresário riquíssimo que possuía muitos funcionários, os quais dariam a própria vida para satisfazer o patrão, pois necessitavam muito daquele emprego.

Em certa ocasião, o empresário saiu de férias e empreendeu viagem pelo mundo. Ficaria ausente por um ano, visitando vários países. Dias depois da partida, dois dos seus funcionários receberam, pelo correio, uma encomenda estranha: um envelope lacrado contendo um grão de milho e um bilhete:

-Este material que coloco em suas mãos é de extrema importância para a continuidade da empresa. É uma espécie cara e raríssima. Você foi escolhido por mim para guardar esta semente até que eu volte de viagem e a peça de volta. Cuide dela com carinho e será promovido.

Assinado: (nome do empresário)

O primeiro funcionário, ao terminar de ler, exclamou:

“-Puxa vida, que honra receber incumbência especial do próprio chefe! E eu pensava que ele nem percebia minha presença! Vou cuidar disto com carinho, pois espero há muito tempo por uma promoção! E até que não é tarefa tão difícil. Obrigado, chefinho! Vou zelar deste grão nem que, para isso tenha de sacrificar outros serviços, nem que tenha de arriscar a própria vida.”

Guardou a semente, mas como se tratava de espécie rara, ficou indeciso:

“-Se ficar guardado, este grãozinho será devorado por algum rato ou então, poderá mofar e estragar. Se eu o plantar, terei muitos grãos para devolver ao chefe, mas há o perigo de não germinar e, aí sim, estará perdida para sempre. Mas se não plantar, ele corre perigo do mesmo jeito.”

E entre o risco de deixar o grão ser devorado por um rato e o risco da não germinação, preferiu este último. Procurou um amigo agricultor e recebeu instruções sobre como proceder. Plantou a semente em terra esterçada, em lugar seguro, ensolarado e arejado. Mantinha a umidade necessária para que o grão não secasse por falta de água e não apodrecesse com água demais. Assim que a semente germinou, foi feita uma cerquinha em torno para melhor proteção. A plantinha virou um pé de milho adulto e sempre sob o olhar daquele homem que chegava a se levantar da cama em plena madrugada, para ter certeza de que nada grave havia acontecido.

Vieram os frutos compridos, gordos e cabeludos. Por fim, foram colhidas as espigas que se converteram em muitos grãos dourados que fizeram a alegria do funcionário. Aquilo era obra sua e, mesmo que não viesse promoção alguma, só o prazer de transformar uma sementinha amarela num vegetal produtivo era recompensa mais que satisfatória.

O segundo funcionário ao ler a carta sentiu o peso da responsabilidade e quis cair fora. Recorreu aos mecanismos psicológicos de defesa, tentando desculpar-se a si mesmo por querer fugir à tarefa:

“-Aquele velho nunca me dirigiu a palavra, nunca me cumprimentou, nunca me notou; acho até que nunca me viu; ou fingia que não via. Para ele eu não existo. Por que vem agora com história pro meu lado? E ainda tem a coragem de dizer que fui escolhido entre outros! Mentiroso! Há tanta gente

trabalhando na mesma empresa, por que iria escolher justo a mim? Decerto nenhum dos outros aceitou ser babá de semente! Pois também eu não vou aceitar! Não vou ficar vigiando esta coisinha, não vou perder meu tempo por tão pouco, não vou ficar tomando conta de porcarias de semente nenhuma! Estudei por anos e anos, cursei faculdades caras, lutei pra conseguir o emprego e não vou me desvalorizar fazendo um servicinho sem importância. O patrão, se é que me conhece mesmo, deve conhecer também o meu currículo. E, se sabe o meu valor poderia me promover sem esta tolice!”

Mais tarde, os mecanismos de defesa sugeriam outros pensamentos:

“-Já sei! Esta encomenda não veio do chefe! O patrão não iria se preocupar com esta porcariazinha. Afinal, o que tem de importante este grãozinho para um empresário tão rico?”

A cada dia este funcionário sentia-se mais irritado em cada vez que pensava naquele grão. Por fim, resolveu o problema: arrebentou a semente com um martelo, jogou os pedacinhos no lixo, pensando:

“-Eu deveria era devolver pessoalmente este farelinho. Mas terei o prazer de dizer na cara dele que esmaguei o milho com minhas mãos. Afinal, por que não perguntou antes se eu aceitava a incumbência? Não sou palhaço!”

E ficou em paz por alguns dias apenas porque, sem saber os motivos, foi sentindo certo mal estar dentro de si. Algo amargo se movia dentro dele:

“-Não me custava nada ter enfiado a semente numa gaveta e ficar esperando para ver o que acontecia. Ou poderia tê-la entregue a outro funcionário para que cuidasse dela em meu lugar. Pode mesmo não ter sido mandada pelo chefe, mas... e se foi? Minha nossa! E se foi, de verdade, o chefe quem a mandou pra mim? Ah, que idiota eu fui! Se pudesse fazer o tempo voltar e ter de volta aquele maldito grão de milho...”

Quando o patrão regressou, mandou chamar os dois funcionários. Sorridente, o primeiro trazia uma sacolinha cheia de grãos. Contou que correu o risco de fazer a semente se perder, mas arriscou e acertou. Entregou ao chefe quantidade suficiente para um começo de plantação. E foi promovido.

Cabisbaixo e envergonhado, o outro confessou seu ato. E foi despedido. Chorou amargamente ao ver o colega assumir novas e importantes missões enquanto que ele, expulso da empresa, perambula ainda pelas ruas à procura de trabalho e com o peso da culpa a machucar sem sossego. Tudo por uma semente de milho, cujo valor não foi percebido.

Não lhe parece, leitor, que esta história é familiar?

Sim, acertou! É uma versão moderna da parábola dos talentos, contada por Jesus. Mas vejamos porque a parábola dos talentos veio parar neste livro:

Imaginemos que o empresário rico seja Deus. Os funcionários seriam cada um de nós, seres humanos, que O servimos no anonimato, como se Ele nem soubesse da nossa existência. Transformemos a semente de milho numa semente de gente; uma semente que chega sem aviso, sem que a esperemos - até sem que a queiramos. A carta está impressa em nosso espírito:

-Esta alma que coloco em suas mãos é de extrema importância para o progresso do próprio mundo. Ela é única, não existe outra idêntica. Você foi escolhida por mim para tomar conta dela até que o dia do nosso acerto de contas. Cuide desta alma com carinho e terá sua recompensa.

Assinado: Deus

E agora? Você vai cuidar da sua semente para que ela possa nascer, crescer e germinar? Ou vai duvidar que foi **escolhida para uma missão** e prefere destroçar a sementinha? Faça o que fizer, chegará o dia em que se encontrará frente a frente com o chefe... E aí receberá a recompensa, ou será despedida sem direito algum. Despedida sem direito algum, de verdade! Porque no trabalho para Deus não existe sindicato que defenda o mau trabalhador como aqui no chão. Não existem advogados pagos para mentir, nem juizes comprados. Lá, o dinheiro não existe e a justiça não tem venda nos olhos.

Terminamos a historinha, reafirmando:

Um novo ser humano está sendo *entregue* a nós; está sendo *confiado* à nossa guarda. Não é nosso, *não nos pertence*. Ele é do Chefe lá do Alto. Este novo ser nos está sendo confiado para algum objetivo e, sem dúvida, vai ajudar a nós mesmos na nossa própria promoção espiritual. E temos de devolvê-lo ao *verdadeiro dono* quando este o quiser de volta. Temos de devolvê-lo *inteiro e melhorado*, de acordo com nossas condições porque o seu dono é o chefe. Quem é que gosta de decepcionar o patrão? Não podemos, absolutamente, *devolvê-lo antes da hora e morto, despedaçado* sem cumprir os objetivos para os quais veio!

É da bíblia também aquela passagem em que Jesus, com fome, procurou figos numa figueira e não os encontrou. “*E Jesus disse à figueira: - Nunca mais alguém coma fruto de ti. E passando pela manhã, viram que a figueira tinha se secado desde as raízes.*” (Marcos: 11 - 13 a 20)

Qual é o significado desta figueira para nossa vida? Se ela *tinha condições* de dar frutos e *não dava*, então **não tinha valor**. Daí, Jesus a fez secar mostrando, com este gesto, que a mulher que *pode* ter filhos, mas *prefere* não tê-los, não merece continuar vivendo. Viver para quê? Para aproveitar a vida? Para empregar seu tempo em diversões?

Note que Jesus não considerou as outras utilidades de uma árvore: refrescar o ar, produzir sombra, limpar a atmosfera, diminuir o impacto do vento, embelezar a paisagem. Para Ele, **a tarefa da figueira é produzir figos**. As demais utilidades seriam *secundárias*, podendo ser realizadas por outras árvores. Dar figos é exclusividade da figueira e de **nenhuma outra**.

Assim, a maior **missão** da mulher saudável e em idade fértil, é **ter filhos**. Mesmo que ela tenha outras tarefas, não pode se descuidar daquela para a qual foi criada: a reprodução da espécie humana. As demais obrigações da mulher apta a ter filhos são secundárias e podem ser feitas por outras pessoas.

Árvore que não executa a tarefa para a qual nasceu não merece continuar vivendo. Da mesma forma, a mulher capacitada a reproduzir e que *não* **queira** executar suas funções é **inútil** no entender de Jesus.

Foi para dar este recado às mulheres que **preferem abortar** a ter filhos, que Jesus secou a figueira. Jesus sabia que este ensinamento atravessaria séculos e milênios sempre atual, porque em todos os tempos há mulheres que preferem folgar a criar filhos.

*Atenção! Há mulheres que **não conseguem** ter filhos, por mais que os queiram. Não confundir a passagem da figueira estéril com a esterilidade de quem gostaria de ter filhos e não consegue. Estas **não estão fugindo** à obrigação.*

*Aquelas que **provocam** abortos e aquelas que **evitam** filhos a todo custo é que são o alvo das palavras de Jesus.*

Cavalo e cavaleiro

Cada filho é um espírito que desce ao mundo **através** de nós.

Ele **passa** por nós.

Passa por nosso ventre, mas **já é um ser humano ao entrar em nós**.

Nosso próprio espírito, assim como o espírito de nosso filho **já existiam antes**, muito antes, milhares de anos antes do ato sexual que nos deu origem física. Nós, como almas ou espíritos, fomos introduzidos no ventre de nossa mãe e recebemos o corpo que usamos até hoje. Da mesma forma, a alma do nosso filho é introduzida em nós para receber um corpo.

Nosso papel é apenas o de revelar uma foto, cujo filme estava em negativo. A foto já existia; nós apenas lhe damos forma.

Somos o mesmo que uma lâmpada que favorece a chegada da luz. A luz existia antes da lâmpada. Esta apenas facilita a chegada da claridade.

Somos apenas um portão por onde passam pessoas vindas de lugares que não sabemos onde ficam. Estas pessoas já existiam antes do portão. Apenas lhes damos passagem.

Assim somos, assim é a criança que chega ao mundo através de nós.

O espírito *já existia*; apenas lhe damos uma roupagem física. Ele vem de lugares que ignoramos quais são e nós facilitamos sua chegada ao mundo.

Gibran Khalil Gibran no livro “*O Profeta*”, no mais famoso poema, no capítulo mais lido e analisado, diz:

*Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e filhas da ânsia da Vida por si mesma.
Eles vêm através de vós, mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.
Podeis dá-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos.
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas.
Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que não podeis visitar nem em sonho.
Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós.
Porque a vida não anda para trás e não se demora nos dias passados.
Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.
O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a Sua força para que Suas flechas se projetem rápidas e para longe.
Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria.
Pois como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável.*

Quanta sabedoria em tão poucas palavras!

Somos, pois - nós e nossos filhos - produtos divinos, obras de Deus, espíritos em evolução. Não somos apenas obra de um casal que, ao se unir não estava absolutamente, querendo fabricar mais um ser humano. Somos muito mais que o produto de um ato sexual. Somos muito mais que um ato acidental. Somos, cada um de nós, um ser único, uma Chispa Divina que não se apaga com um sopro, nem com a morte, nem com o aborto.

Se não houvesse a intervenção direta de Deus, o ser humano não aconteceria e, prova disso são os casais que tentam por muitos anos e não conseguem gerar um filho. Enquanto Deus não determinar que haja concepção ela não acontece, por mais que os casais, os médicos e os cientistas queiram e

lutem neste sentido. No dia exato em que Deus determinar, a mulher - casada ou não, estuprada ou não, querendo ou não - conceberá!

Nada ocorre sem a permissão de Deus. **Nada acontece ao acaso.**

Cada corpo físico é uma montaria, um cavalo para esta Chispa Divina chamada **alma** ou **espírito**, que é o cavaleiro. O cavalo é moldado em nós, por mãos invisíveis - *mas quem é este cavaleiro que vem junto?*

Quando se provoca o aborto, coloca-se para fora cavalo e cavaleiro. O cavalo morre aí, nas mãos da mãe e do abortista; mas *o cavaleiro não morre*. O espírito não morre. Não morreria nem que fosse cem vezes abortado e as palavras de Jesus são a maior prova da imortalidade da alma:

“Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma.”

(Mateus 10: 28)

O corpinho vai para o lixo; mas para onde vai o espírito desta criança?

Ao matar o filho, as mães usam uma figura até muito bonita: *“a alma da criança é um anjo que volta para o céu e retorna às mãos de Deus.”*

Assim, estas mães se sentem livres para abortar o tanto de vezes que desejarem, sempre aumentando a *população de anjos ao redor de Deus*, como se fosse para isso que Deus os houvera criado!

Adiante, diremos para onde vão estes “*anjos*” desprezados.

Adiante diremos também o destino do médico *fazedor de anjos*.

E diremos o que está reservado à mãe que *manda de volta* o seu filho.

(Se você for médico fazedor de anjo ou se abortou seu filho, ou se induziu alguém a cometer tal prática, há maneiras de se redimir perante Deus. Continue a leitura. Adiante, saberá como despir-se de tamanho carma negativo.).

As feministas

Machista é o homem que quer levar vantagem sobre as mulheres, em todos os sentidos. Ele se crê dono absoluto do planeta, não deixando oportunidade alguma aos seres do outro sexo. É o inteligente, é o bom, é o sabido, é o dominador. Jamais faria um serviço considerado feminino.

Machista é aquele orgulhoso que valoriza a si mesmo, valoriza o próprio trabalho enquanto que, para ele, as mulheres são umas nulidades burras e incompetentes. Não divide com elas os direitos que crê ter adquirido no

momento do nascimento, por portar um órgão masculino - como se este órgão fosse a escritura do mundo. Ele tem ou quer ter muitos filhos, dentro e fora do lar, para mostrar energia sexual. E só valoriza filhos do sexo masculino, que vão continuar o nome de família que, para ele é muito importante.

O machista trabalha para continuar a ser proprietário do planeta tendo, geralmente, várias mulheres a quem não dá o mínimo valor, a quem não respeita, a quem usa como se usa um par de chinelos: embaixo dos pés arrastado pelo chão, sem direito a ser chapéu.

Feminista é a mulher que deseja direitos iguais aos dos homens e, nesta briga, elas se desgastam porque se reconhecem *inferiores*. Se conhecessem o próprio valor não andariam em passeata pelas ruas aos gritos, exigindo direitos idênticos. Mulher exigindo *igualdade* demonstra ser mesmo uma nulidade, burra e incompetente, do jeitinho que os machistas a consideram, pois *ignora que é muito superior a eles*.

Só quer ser mais quem se reconhece menos.

A desigualdade existe, sim. Mas elas, as feministas, reclamam *direitos* idênticos, mesmo considerando as *diferenças* todas. Ora, há um direito que as feministas não precisam implorar pelas ruas: fazer xixi em pé! Sim! Por que não fazem xixi em pé? Ou por que não fazem xixi na parede?

Bem.... Se tentarem vão molhar a roupa porque, anatomicamente nós, mulheres - as feministas também - somos diferentes dos homens. Só por isso!

E se somos diferentes no corpo, é porque temos *funções diferentes*.

Neste caso, os *deveres* é que são diferentes - e não os *direitos*.

Imagine se alguém daria crédito a um garfo por querer ser usado no prato de sopa! Imagine se a espumadeira se rebelasse por não servir molhos! Imagine o escorredor de macarrão insistindo em fritar peixe!

A situação é a mesma. Anatomia específica para *funções* diferentes. E, como igualar *funções* se nós, mulheres normais - as feministas também - não temos força física pra arrancar uma árvore com enxada?

Ah, não! Feminista é mulher moderna, inteligente, independente, fêmea de luxo, não vai fazer serviço pesado, não vai ficar arrancando árvores!

Ela quer ser igual aos homens só nos direitos! No trabalho não!

A bem da verdade, as feministas procuram defender também o direito a julgamento justo quando a mulher for acusada. Defendem o direito à integridade feminina contra os desmandos dos homens. Neste ponto, tudo bem.

Mas, entre os chamados direitos masculinos está aquele que as feministas reivindicam: o “*amor livre*”, o “*fazer amor*” com quem quiser, quando quiser, sem cobrança, sem o repúdio da sociedade *e sem gravidez*. É exatamente esta característica masculina que faz a inveja das feministas: *sexo livre, sem gravidez*. E se houver gravidez, que haja também o aborto legal.

“Ora, - dizem elas - se os eles não engravidam, por que nós engravidamos? Se eles fogem à responsabilidade, por que nós temos de arcar com ela?”

Querem se desfazer desta obrigação e, a isso dão o nome de *igualdade de sexo*. Querem amor e aborto livres e justificam sua posição dizendo que são *donas do próprio corpo* e, portanto, *podem fazer o que bem entenderem com ele*, até mesmo matar a criança que cair na tolice de habitar seu ventre.

Mas, ao contrário do que elas argumentam, **não** somos donas do próprio corpo. Raciocinemos sobre isso:

Como podemos reivindicar a propriedade do corpo em que habitamos se, nem ele mesmo, o próprio corpo, foi feito por nós? Lá atrás foi dito que a mãe não sabe construir um só fio de cabelo do filho. Aqui, o discurso vai mais longe, porque a mãe também não sabe fazer um único fio de cabelo da própria cabeça!

Pode ser nosso, de nossa propriedade, aquilo que podemos moldar à vontade, como por exemplo, um agasalho que compramos na loja. Com ele podemos fazer o que quisermos: mudar-lhe a cor e o modelo, ajustar o tamanho, cortar em pedaços, usar como pano de chão, jogar fora. Mas podemos fazer o mesmo com o corpo físico que nós, espíritos, usamos para nosso progresso? Como afirmar que nos pertence aquela coisa que não conseguimos moldar à nossa vontade?

Se somos brancos baixinhos, como nos transformar em negros altos? Como afirmar que podemos fazer o que bem entendermos com nosso corpo, se está fora de nossa capacidade mudar a cor dos nossos olhos sem lentes de contato? Se não conseguimos mudar a cor do nosso cabelo, por mais tinta que possamos usar? Se somos incapazes de transformar o mau cheiro do nosso suor em perfume de rosas? Se nem ao menos conseguimos controlar nossas mais íntimas necessidades básicas por um único dia inteiro?

Você, que está lendo, saberia responder o que está acontecendo, neste exato momento dentro do seu joelho esquerdo? E poderia ordenar ao seu sangue que se transforme em sangue azul? Poderia alisar as rugas com um passar de mãos, sem cirurgia plástica? Poderia dar ao próprio rosto aparência jovial, sem necessidade de cortes e bisturi? Sem botox, aquele tratamento contra rugas de expressão? Poderia transformar seu corpo gordo num corpo magro só com uma ordem: “-Emagreça trinta quilos já, neste instante!”?

Não, não, não!

O que se passa dentro de nós é mistério até para nós mesmos que somos - como dizem as feministas - “*donas do nosso corpo*”!

Nosso? Que *nosso* é este? Nós, espíritos, não possuímos absolutamente nada, nem mesmo o corpo! Ele nos foi emprestado para nossa evolução e

nos será retirado quando Aquele lá de cima resolver; e temos de devolver, por mais que esperneemos, por mais que nos neguemos a isso.

Você é alma que tem um corpo. Não é um corpo que tem alma.

Você é alma, não corpo.

O corpo é uma montaria e somos o cavaleiro que a *usamos*. O corpo é um carro alugado e somos o motorista; temos de devolvê-lo ao final da viagem mesmo que nossa vontade seja a de o conservarmos em nosso poder.

O corpo **não** é parte de nós, não nos pertence, assim como o cavalo não é parte do cavaleiro, assim como o carro não é prolongamento do motorista. Se este corpo nos pertencesse, ao morrer o levaríamos para o invisível - mas, com a morte, ele fica e se transforma em noutros elementos que vão formar outros corpos vivos. E **nós**, o espírito, a alma, a parte imaterial vamos embora. Um morre e se esconde embaixo da terra para ocultar a decomposição, a degeneração; o outro fica vivo, em evolução.

Assim, se não é de nossa propriedade nem ao menos o corpo físico do qual nos servimos, como afirmar que o corpinho que está sendo gerado na nossa barriga é nosso?

Nós não somos fábricas de corpos. Nós não somos fábricas de gente.

Somos aquela pessoa que recebeu de Deus a tarefa intransferível de favorecer o progresso de outra alma, assim como nossa mãe recebeu a incumbência de favorecer a nossa evolução.

O corpo de nosso filho é esculpido dentro deste outro corpo que usamos como montaria. O que fazemos - às vezes com muita má vontade - é receber o **espírito escolhido por Deus** para ser nosso filho, no momento **sagrado** em que acionamos o interruptor sexual. Depois disso é impossível desacionar o interruptor; impossível voltar atrás, a não ser em troca de sofrimentos imensos ainda nesta vida, prolongando-se além da sepultura.

As feministas ignoram as consequências negativas do aborto. Mas estas consequências existem e, adiante, falaremos delas.

No livro: *“Deixe-me viver”*, o autor espiritual Luiz Sérgio faz um comentário a respeito das feministas. Eis um resumo de suas palavras:

Por mais que a mulher se diga dona do próprio corpo, ela ainda não o conhece e dele abusa. Quando percebe que não pode controlar a natalidade, aos berros, pede aos homens que lhe dêem os direitos que julga merecer.

Ela se crê liberada, mas continua objeto para ser usado e esquecido.

A mulher superior obtém a liberdade intelectual e a profissional e, só depois escolhe o que deseja na condição de fêmea. A mulher superior não pratica aborto. Só a liberada faz e não assume. A mulher superior é equilibrada. Não mata. Busca nas fibras do corpo e do espírito os elementos que

necessita para fazer daquele feto que vive em si, um homem de bem. Pode não conseguir; mas tenta! O mesmo não acontece com a mulher coisificada que vive para sentir prazer e dar prazer ao macho. Ela se deita com o namorado porque está na moda. Assim é a mulher-objeto que não sabe ainda o que significa ser mulher. Ela se despe, se droga, se prostitui, se diminui até o patamar mais baixo e depois briga por direitos! Julga que o direito está na liberdade sexual.

As grandes mulheres, aquelas que deixaram o nome na História o fizeram através da inteligência, do trabalho e dos sentimentos nobres.

Mas há aquelas que também passaram à História por deixar atrás de si uma aura de sexualidade depravada, como Messalina, por exemplo; a estas, o mundo repudia e despreza, mesmo numa época de quase total libertinagem como a que vivemos hoje.

Pesadelos da vida real

Se interromper vidas do nosso útero fosse um direito, por que esta atividade não é feita às claras? Por que o sigilo em torno deste ato que as feministas e as sexólogas afirmam ser *direito* da mulher?

Ah, sim! O sigilo é por medo da justiça, que não abriu mão do aborto.

Mas, mesmo que os legisladores abram mão do aborto livre, será que você, mulher, sairia contando que eliminou seu filho?

Não! Nós sabemos que você faria *segredo* deste ato, apesar de se dizer moderna e favorável ao aborto, porque o crime acabaria ***pesando na sua consciência***; acabaria sendo uma voz interior a lhe acusar, a lhe recriminar até depois da morte; e ***você não gostaria de ouvir acusações também à viva voz***. Por isso, não sairia contando aos quatro ventos seu delito.

Supondo que as leis viessem a permitir o aborto em todas as circunstâncias, ainda assim, em cada alma - das feministas também - continuariam, em letras de fogo, as palavras: ***“Não matarás”***. Daí, o grito de revolta interna partindo do âmago, da consciência em falta com as leis cósmicas.

Falando nisso, a Revista VEJA nº. 1.513, setembro de 97, traz uma reportagem intitulada: ***“Nós fizemos aborto”***.

Talvez o objetivo da reportagem fosse mostrar que o fato não é mais tabu, que é encarado como prática normal, disseminado em todas as classes sociais desde faxineiras a grandes estrelas e empresárias *bem sucedidas*.

Mas não foi bem isso que aconteceu. Lia-se nas entrelinhas, **não** a tranquilidade pelo que tais mulheres fizeram, mas a **angústia** - e, além disso, a reportagem fomentou, sem querer é claro, certa aversão por aquelas que, anteriormente, eram ídolos inatacáveis.

No entanto, se o objetivo da reportagem era mostrar o lado negativo do aborto, ela o conseguiu. Nunca se viu tanta gente folheando uma revista. Todos à procura dos problemas íntimos de gente rica e famosa. E ali estavam eles. Prato cheio, verdadeiro banquete! Nomes e fotos de mulheres ricas e famosas e mais mulheres anônimas nunca fotografadas por uma revista. Sim, a reportagem mexeu com os leitores. Depois dela, aquelas mulheres já não são mais as mesmas aos olhos da maioria. E mesmo que o aborto estivesse legalizado, ainda assim pouco ou nada mudaria no íntimo do povo. Restaria um sentimento negativo indefinível por estas pobres estrelinhas sem brilho que confessaram sua façanha, crendo que o mundo as imitaria ou, pelo menos, que as perdoaria.

Mas o mundo não perdoa! Não é lei quem decide o sentimento da gente. As criaturas se elevaram, graças a Deus! Elas se espiritualizaram, aprenderam a amar, aprenderam a ser boas, aprenderam a respeitar a vida, sentem repúdio até mesmo pela pena de morte aos assassinos mais cruéis - e não será a lei quem as fará aceitar a pena de morte a bebês não nascidos.

O editorial da referida reportagem diz: *“Elas resolveram falar... Falaram de angústia, de culpa, de dor e de solidão.”* E continua: *“Não foi fácil. As mulheres não costumam falar sobre o assunto porque o aborto evoca pesadelos da vida real, compartilhados apenas com pessoas mais íntimas. Ninguém faz um aborto de alma leve, nem o relembra com tranquilidade. Os dezoito fotógrafos e vinte repórteres mobilizados para esta apuração mergulharam em tormentos pessoais e traumas. Foram oitenta mulheres que, corajosamente, contaram o que sofreram. Algumas deram seu depoimento, mas depois voltaram atrás. Por um motivo ou por outro, acharam que não era o momento de assumir, em público, o aborto que provocaram.”*

Mas... Vamos entender isso:

Elas não reivindicam direitos sobre o próprio corpo? Então por que agora, a **“angústia, a culpa, a dor e a solidão”**?

Não se sentiram liberadas quando resolveram expulsar o filho? Por que depois os **“pesadelos na vida real”**?

Não deram uma banana pra sociedade, pra religião, pras velhas corocas, pra lei, pros quadrados que condenam o aborto? Não se dirigiram ao aborteiro com nariz arrebicado, com direitos sobre *a própria vida*? E por que **“não fizeram o aborto de alma leve, nem o relembram com tranquilidade”**?

Não foram elas, cheias de certeza retirar aquilo que a sociedade *atrasada e ignorante* decidiu chamar de criaturinha de Deus? Neste caso, por que

os “*tormentos pessoais e os traumas*”?

Com passos firmes, elas se dirigiram ao lugar onde se matam bebês. Iam assassinar o filho e ninguém tinha nada com isso!

Por que então algumas deram depoimento, mas depois *voltaram atrás*?

Por que “*não era o momento de assumir, em público*”, o aborto?

Por que “o *segredo* é compartilhado apenas com os mais íntimos?”

Você que está lendo percebe que até aquelas mesmas que defendem o aborto sentem que erraram ao provocá-lo. E não serão as leis que farão mudar os sentimentos da imensa maioria em relação a este ato.

CAPÍTULO II

Um assunto polêmico

Por favor: Se você ainda estiver comigo, não feche o livro agora!

Leia sem pré conceitos e ficará sabendo coisas que, se soubesse antes, talvez não tivesse cometido aborto nenhum. E se souber agora, com certeza não provocará nenhum outro aborto, por mais difícil que lhe seja ter e criar filhos.

Entraremos agora noutra terreno - assunto mais profundo, polêmico e inaceitável para muitos. Vamos dar uma olhada na bíblia:

Em João, 3: 2 a 13 está escrito exatamente assim:

Jesus respondeu a Nicodemos: - Em verdade vos digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: - Como pode um homem nascer outra vez, sendo velho? É possível tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?

Jesus respondeu: -

Em verdade vos digo que aquele que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

Nicodemos perguntou: - Como pode ser isso?

Jesus respondeu: - Tu és mestre em Israel e não sabes? Se vos falei de coisas terrestres e não crestes, como credeis se vos falar das celestiais?

Este trecho da bíblia é claríssimo quanto ao ***nascer de novo***, no entanto há quem diga que Jesus se refere ao batismo.

Mas, peraí! Batismo? Neste caso, os antecessores de João Batista não viram o Reino de Deus. Nem mesmo José, pai de Jesus, nem Elias, nenhum dos profetas porque o batismo passou a vigorar somente depois de João Batista - aliás, do seu próprio nome: *Batista* foi retirado o nome: *batismo*.

Há também quem procure encaixar estas palavras de Jesus em teorias bem mais complicadas, dizendo que este trecho seria uma alegoria mais profunda, mais esotérica e patati, patatá... - mas está escrito, com todas as letras: “**É necessário nascer de novo**”.

Observe que, diante da incredulidade de Nicodemos, Jesus **confirmou** que **nascer de novo** significa **nascer outra vez** e mais nada! Não havia alegoria alguma nestas palavras. Jesus quis dizer exatamente aquilo que disse.

E vejamos outra característica interessante nesta passagem:

Jesus fez clara alusão às **duas** partes em que se compõe o ser humano: parte física e parte espiritual. **“O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito.”**

Ora, **“o que é nascido da carne é carne”**. A parte do humano que vem da mãe é carne, é o corpo físico esculpido dentro de nós, mulheres.

“O que é nascido do Espírito é espírito”; É parte divina, chama que não se apaga, que dá vida ao corpo. Sem espírito, o corpo humano não teria vida. A outra metade do indivíduo - aquela que vem de Deus - é o espírito.

Notar que, na primeira vez, a palavra **Espírito** está em maiúscula, significando o próprio Deus. Na segunda vez está em minúscula, significando a alma humana. Então, leia-se: O que é nascido de **Deus** é o **espírito humano**.

Leia-se a frase completa assim: ***O que vem da mãe é o corpo; o que vem de Deus é a alma que dá vida àquele corpo.***

E, se aquela primeira célula formada por óvulo e espermatozóide der origem a uma criança é porque ela, a célula, está **viva**. E, se a célula está viva é porque possui um espírito, mesmo que o corpinho seja ainda um quase nada.

Preste atenção agora, nestas palavras:

“O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito.”

Aqui, Jesus compara a **alma** do bebê ao **vento**: ninguém vê, ninguém sabe de onde veio, nem para onde vai. A comparação se encaixa porque o **espírito** de cada pessoa, assim como Jesus o disse, é invisível como o vento e, como o vento, não se sabe de onde veio e tampouco se sabe para onde vai depois que passa por aqui.

Verificar: novamente a última palavra da frase está em maiúscula. Leia-se pois: ***Igual ao vento é toda alma vinda de Deus, porque ninguém a vê.***

E estas palavras estão relacionadas ao **nascer de novo**. Neste caso, o **espírito** da criança que nasce está, conforme o disse Jesus, **nascendo de novo**. Ele, o espírito está vindo de uma **outra vida**, apesar de parecer incrível aos olhos de Nicodemos e de muita gente da atualidade.

Vamos rever o mesmo diálogo; somente o diálogo, sem as alegorias:

Disse Jesus a Nicodemos:

- Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.

- Como pode um homem nascer outra vez, sendo velho? É possível tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?

- Não te maravilhes de ter dito: *Necessário vos é nascer de novo.*
- Como pode ser isso?
- Tu és mestre em Israel e não sabes? Se vos falei de coisas terrestres e não crestes, como creereis se vos falar das celestiais?"

Assim, sem as figuras simbólicas, o diálogo se torna mais claro.

Eles falavam sobre **renascer** e, nas palavras de Jesus, o outro tinha obrigação de saber tal fato, que era coisa *banal* com certeza, para quem era mestre em Israel, como Nicodemos o era.

Outra coisa que salta aos olhos neste diálogo foi que Jesus **não desmentiu** Nicodemos, **nem tentou corrigi-lo** quando este lhe perguntou: **“Como pode um homem nascer outra vez, sendo velho? É possível tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?”**.

Nicodemos foi claríssimo na pergunta e **Jesus não o corrigiu!** Apenas **confirmou** o que já dissera: **“Não te maravilhes de ter dito: Necessário vos é nascer de novo.”**.

O que Jesus disse e repetiu neste trecho, com todas as palavras, é que o ser que nasce está **nascendo outra vez** após ter tido uma ou várias vidas anteriormente. O ser está **renascendo**; está **reencarnando**!

É incrível como muitos leitores da bíblia se fazem desentendidos a respeito desta passagem. É inacreditável o esforço destes leitores para dar *outra* versão às palavras do Mestre, somente para não terem de admitir o fato da **reencarnação**.

E há outras passagens onde Jesus diz claramente que o seu primo, João Batista, era a **reencarnação** de Elias. Vamos dar uma olhadinha:

“E desde os tempos de **João Batista** até agora se faz violência ao reino dos céus (...) e, **se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.**” (*Mateus, 11: 12 a 14*)

“Em verdade, **Elias virá primeiro** e restaurará todas as coisas; **mas** digo-vos que **Elias já veio e não o reconheceram**; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. **Então, os discípulos entenderam que Jesus lhes falava sobre João Batista.**” (*Mateus, 17: 11 a 13*)

Ambos os trechos são claros quanto a João Batista ser Elias, morto há muito tempo. Ora, **se um homem vivo é o mesmo que um que já morreu** há anos, então o que morreu só **pode ter nascido de novo, renascido, reencarnado!** E estas palavras estão na bíblia, nos capítulos e versículos citados, para quem quiser ver.

Reencarnação, portanto, é ponto indiscutível, desde que sua comprovação veio através do próprio Jesus e, “*quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça*”!

(Aborto é crime tanto para a mãe, quanto para o pai, ao médico e ainda a quem tenha obrigado ou induzido alguém a este ato. Se você for um destes, pode estar arrependido, com remorsos. Culpar-se apenas, não resolve. Continue a leitura e encontrará a solução que você, talvez, esteja precisando.)

“Nascer de novo”

Sim, o assunto pode parecer deslocado neste livro - mas, para que você saiba o tamanho do estrago quando provoca um aborto, é preciso conhecer este tema. Só depois poderá avaliar o peso do crime de matar um não nascido. Continuemos no ponto exato em que paramos:

Por que “*nascer de novo* para ver o reino de Deus”?

Para esta resposta, comparemos o mundo a uma escola. Escola de verdade, da maneira como existe aqui na Terra:

Até que alguém receba certificado de nível superior precisa de muito estudo, leitura, esforço, renúncia, sacrifício, experiência, conhecimento. Este alguém passa por períodos de aula, estágios, provas, de exames finais, férias. Um ano de estudos é interligado a outro; um é continuação do outro - e cada ano é mais aprofundado, mais específico, mais difícil. E, se não se esforçou como deveria, bomba! Reprise do ano. Reprovação. Repetência. Refazer a mesma série até que aprenda as lições todas daquela fase.

Depois da formatura, este profissional poderá ainda especializar-se em determinada área. Pode defender tese de mestrado, doutorado, novas especializações... E por aí, vai. São estudos rigorosos, as provas são difíceis.

Transformemos isso em aprendizado de um **espírito**:

Ora, para a formação de um simples profissional são necessários tantos conhecimentos, praticamente uma vida inteira de estudos; e para que um espírito possa sentar-se ao lado direito do Pai, uma só vida que não chega, às vezes, aos vinte anos bastaria? E se for reprovado nas lições daquela vida? Acabou tudo? Não haverá outra oportunidade? Inferno eterno para ele?

Se assim for, não há mais lugar no inferno para tanta gente! E o céu estará desabitado, pois é impossível alguém chegar aos oitenta ou noventa anos de idade sem criticar alguém, sem brigas, sem um pensamentozinho maldoso, sem um errinho por pequeno que seja.

E uma criança que morre pequenina para onde vai? Não fez pecados, mas também não desenvolveu virtudes. Para onde vai uma criança que não tenha pecados nem virtudes?

Para algumas correntes filosóficas, a alma do bebê vai para o limbo.

E o que é o *limbo*?

O dicionário responde:

“Limbo: lugar em que, segundo a crença cristã, estão as almas das crianças que morrem sem batismo; lugar em que estão também as almas dos justos, falecidos antes da vinda de Cristo.”

Sim, mas que lugar é este? Como é ele? Ninguém o descreve, mas de acordo com esta crença, referidas almas ficarão ali pela eternidade afora sem direito a nada, sem direito a se elevarem, sem direito à aprendizagem, sem direito a um lugar à Direita do Pai, sem direito ao Reino de Deus!

E este lugar é estacionado, sem dores, mas sem alegrias nem progresso.

Para este lugar foram os justos anteriores a Jesus.

Para este mesmo lugar deveria ter ido Elias e, no entanto, o próprio Jesus afirmou que Elias tinha retornado à Terra, sob o nome de João Batista. Assim, Elias não estava no limbo, apesar de ter estado na Terra muito antes de Jesus, e ter morrido sem batismo.

Mas, supondo que exista o limbo, lá deve estar também José, o pai de Jesus, que morreu sem ser batizado! E qual culpa tiveram todos os que morreram antes de se inventarem o batismo para serem castigados eternidade afora? E que culpa carregam as almas dos bebês que morrem sem serem batizadas?

Há quem queira dar um aspecto melhorzinho ao limbo e dizem:

“Criança é anjo. Vai para o céu, retorna aos braços de Deus.”

Se assim for, haverá maior vantagem em se morrer na infância do que ficar sofrendo neste nosso mundo desgraçado cheio de horrores, doenças,

dívidas, fome, maldade, cobranças, miséria. E o céu estará povoado somente por anjinhos! Deus teria feito o céu somente para as crianças expulsando, de antemão, os marmanjos que tentam se salvar através do amor e da caridade, mas que, vez ou outra deixam escapar uma palavra azeda.

Neste caso, cadê a justiça de Deus que não dá oportunidade, não dá chance nenhuma de salvação aos que conseguem sobreviver à fome, ao frio, à guerra, aos problemas arrepiantes, que desenvolvem virtudes, mas que morrem velhos, depois de haverem cometido suas faltas?

Um Santo (*para os católicos*) ou um Anjo (*para os protestantes*) ou um Espírito Superior (*para os espíritas*) ou um Mestre Ascensionado (*para determinada filosofia esotérica*) ou um Senhor de Luz (*para os demais esoteristas*) tem de ter conhecimentos amplos, além de já haver se despedido de todas as maldades em forma de egoísmo, orgulho, ciúme, violência, vaidade, inveja, ódio, vingança, mágoa - e haver adquirido as virtudes do perdão, amor, paciência, caridade, benevolência, disciplina interna e externa - e isso tudo é construído em muitas, muitas vidas no plano terrestre.

Nenhum aluno pode ser considerado doutor num só ano de estudos, assim como nenhuma alma pode se santificar numa só existência, porque os anos de uma vida terrestre são poucos demais para os defeitos a eliminar e para as virtudes a incorporar. A reencarnação, pois, é uma necessidade para que a alma possa continuar em evolução.

Vida após vida. Nascer, viver, morrer, nascer de novo... até aprender o suficiente para **ver o reino de Deus** e **sentar-se ao Seu lado direito**.

A aprendizagem e evolução de um espírito são feitas através de **provações, expiações, conhecimentos e missões**.

1- As **provações** são os estágios; as provas, os testes pelos quais o espírito necessita atravessar até completar seus conhecimentos.

Ele deverá conhecer todas as condições sociais: ser rico em algumas vidas, ser pobre em outras, ser belo, ser famoso, escravo, patrão, empregado, negro, conhecer as torturas do clima quente, as delícias do clima ameno, os rigores do clima frio. Precisa conhecer o que é ser homem e o que é ser mulher. Precisa conhecer o casamento, aprender a criar e a amar filhos; saber como é a vida de um solteirão, a vida na metrópole, no sertão, em cidade do interior, na favela, num bairro elegante e assim por diante, até sentir o sabor de cada uma destas condições e aprender o **autodomínio** em cada uma delas.

Mas as **provações** são também os problemas do dia a dia: a falta de dinheiro, a batida do carro no poste, as dívidas a serem pagas, o desemprego, uma doença, um imprevisto - ou as homenagens recebidas por determinado

feito, os elogios por certa atitude, o dinheiro ganho na loteria, a boa nota numa prova difícil de escola que faz a inveja dos colegas, a compra de uma mansão, a herança recebida inesperadamente.

Em cada provação pesada o espírito pode adquirir uma ou mais virtudes, ao mesmo tempo em que elimina o defeito correspondente.

Vamos traduzir isso em exemplos práticos:

Um pescador pode estar numa vida de **provação**: sofrer miséria e desconforto para se livrar do orgulho e adquirir a virtude da *humildade*.

Uma mulher bonita que desfile nas passarelas, uma miss ou aquela moça que arranca olhares de admiração por onde passa está sendo provada pela *beleza*. Assim, terá de viver em ambientes tentadores, conviver com pessoas que explorarão sua forma física para experimentar se já sabe lidar com a *vaidade*.

Um artista de TV, um grande médico, um bom escritor, um cantor, um pintor badalado pode estar sendo testado quanto à *fama*. Um empresário pode estar sendo provado no teste da *autoridade*. Um político está, com certeza, sendo provado na *capacidade administrativa* e por aí vai.

Cada problema difícil no dia a dia - ou numa existência inteira - é um teste, prova ou exame para que a alma possa demonstrar o que aprendeu.

2- As **expições** são traduzidas na necessidade que o espírito tem de se redimir dos atos errôneos praticados em vidas anteriores. Se, nas vidas em que foi patrão não soube respeitar os funcionários, então nas vidas em que for empregado, não será respeitado pelos superiores.

“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”

Aquele mendigo maltrapilho deve estar em existência de **expição** por não ter sabido lidar com o dinheiro naquela outra vida em que foi provado pela riqueza, além de haver enxotado muitos pedintes de sua porta. As pessoas famintas das regiões de fome - da Etiópia, por exemplo - podem ter sido, em vidas passadas, os maus políticos que esvaziaram os cofres públicos, que enganaram, roubaram, enriqueceram à custa da miséria do povo a quem deveriam amparar. Sofrem hoje o que ontem fizeram sofrer. É a lei. Aquele cego pode ter privado da visão um adversário, anteriormente. Um parálítico, possivelmente aleijou algum inimigo...

Ninguém é inocente, não se sofre sem motivo, nada acontece ao acaso.

Toda pessoa portadora de sofrimentos atroz quase sempre, são vidas em **expição**, conhecida também pelos nomes de **Carma, Causa e Efeito, Retorno, Ação e Reação**.

3- Há a necessidade do **Conhecimento**. Claro! É preciso conhecer as ciências todas, pois, como ajudar no Serviço do Pai, como ser um auxiliar de Jesus quem não souber a diferença entre um planeta e uma nuvem?

Medicina, Matemática, Geometria, Geologia, Astronomia, Artes, Mecânica, Geografia, Informática, Zoologia, Biologia e todos os demais ramos do conhecimento deverão formar a bagagem de um candidato a Santo.

Não é possível aprender tudo isso numa só vida. Aliás, há quem passe pela existência em completo analfabetismo! Como adquirir conhecimentos neste estado? Acontece que, quando analfabeta, esta pessoa está sendo aprendiz da paciência, da humildade. Em vida posterior poderá entrar de posse de seus conhecimentos todos que, com certeza, são muitos.

Sim, não há dúvida que uma alma quando se encontra num corpo físico não se lembra de tudo aquilo que já aprendeu anteriormente, mas os conhecimentos adquiridos são propriedade sua, mérito seu e não serão perdidos por mais que se dobrem os milênios. Cada espírito poderá entrar de posse de seus conhecimentos assim que tiver completado seus estudos, vida após vida.

4- As *missões*, como o próprio nome o diz, são atividades de confiança entregues a quem tenha provado, em vidas anteriores, ser merecedor de um trabalho importante para o mundo.

Nenhum empresário entrega uma bolsa com dinheiro para ser depositado no banco, a uma criança ou a um bandido. Não se entrega a guarda do galinheiro à raposa. Não se deixa um rato cuidando do queijo e não se pede a um gato para fazer companhia a um passarinho.

Assim são as missões do Mundo Maior: o escolhido para as missões de peso são aqueles que já demonstraram maior seriedade, responsabilidade, conhecimento, boa vontade e capacidade.

Os espíritos em *missão* são facilmente reconhecidos: Criam situações em que beneficiam **outras** pessoas. Geralmente são pessoas que sofrem muito, que lutam contra a pobreza; são incompreendidas, invejadas e até perseguidas. Não fazem questão de ter o nome nos jornais - mas se o tiverem, conservar-se-ão com a mesma humildade de sempre. Podem estar a serviço da Ciência, da Arte, da Saúde, da Política, da Educação, da Indústria, da Religião, da Literatura, do Comércio ou de quaisquer outros campos.

Os missionários são espíritos que aceitam trazer ao mundo físico alguma invenção, idéia ou descoberta a serviço da humanidade, ou que aceitam tornarem-se mártires em prol de uma causa nobre. Como exemplos, citamos: Jesus, Maria, os Apóstolos, Buda, Francisco de Assis, Antonio de Pádua, Joana D'Arc, Irmã Dulce, Madre Teresa de Calcutá, Allan Kardec, Ghandi, Martinho Lutero, Chico Xavier, Infante D. Henrique, Cristóvão Colombo, Santos Dumont, Tomás Edson, Tiradentes, Princesa Isabel, D. Pedro II, Carlos Chagas, Osvaldo Cruz, Dr. Sabin, Walt Disney e muitos outros, cujos nomes são quase um mito.

Os missionários, porém, *não* são somente os grandes vultos da Humanidade. Pode ser também aquele padre que, no anonimato, socorre andarilhos pelas ruas. Pode ser o seu vizinho bombeiro que tem salvado vidas de incêndio. Pode ser aquele policial que usa a farda para auxiliar e não para perseguir. Pode ser um vendedor que sabe ouvir os clientes que o escolhem para conselheiro. Pode ser a professorinha mal paga que sabe conduzir seus alunos, ou a enfermeira que, no silêncio da madrugada, percorre as enfermarias aliviando dores. Pode ser um motorista de ônibus escolar...

E **missionárias são as mães!** Elas recebem de Deus a tarefa de orientar alguns dos Seus filhos: espíritos necessitados de amparo e reajuste.

A missão da mãe é anônima, sofrida, cheia de renúncias, repleta de lágrimas, não dá lucro; só despesa - e tem por fim elevar uma alma aos pés de Deus. Ninguém dá medalhas a uma mulher, ninguém lhe ergue estátuas por ter filhos e, por isso mesmo, ***ter e criar filhos é a maior missão*** que uma pessoa pode receber.

A história de uma missão

Há alguns anos, um fato ocorrido nesta cidade de Mirassol ficou famoso.

É o caso de certa mãe que veio ao mundo com a missão de amparar um outro espírito em dívida com a lei do carma, que nasceu como seu filho.

Recebeu nos braços o filhinho débil mental, necessitado de uma vida terrena passada na imbecilidade. Amparou-o, criou-o com desvelos que emocionavam aos que os conheciam. Ficou viúva muito cedo. No tanque e no fogão, esta mulher incrível sofreu todos os martírios das mães. Renunciou às ilusões do mundo e se multiplicou para que não faltasse o necessário àquela alma que lhe foi entregue. Os cuidados exigidos por aquele filho iam desde a comida na boca, banho, troca de roupa, auxílio nas demais necessidades.

O tempo passou. O menino cresceu e, com muito custo aprendeu a andar e isso foi um alívio para a mulher, que não tinha tanta força física para carregá-lo nos braços. Ele se tornou moço e depois envelheceu tendo a mãe ali, sempre ao lado, velando minuto a minuto por seu bem estar. Tornou-se comum ver mãe e filho, ambos velhinhos, cabelos brancos, passando pela calçada de braços dados. O filho nem chegou a saber o quanto era pesado àquela mulher valorosa, pois seu raciocínio não chegava a tanto. Andar trôpego, cabeça pendida para a direita, um sempre sorriso nos lábios, olhar vazio sem fixar em nada, expressão da mais completa idiotia.

A velhinha tinha um único desejo: que Deus a deixasse viver enquanto o filho vivesse, pois ninguém teria para com ele, toda a paciência necessária. Queria viver não por temor à morte - mas por amor ao filho.

Num dia, ele adoentou e foi recolhido à Santa Casa para tratamento e ali morreu. A mãe recebeu a notícia da morte e teve a reação das grandes almas: levantou os braços aos céus e agradeceu por haver continuado lúcida e saudável até que o filho se fosse. E arrematou:

-“Obrigada, Meu Deus! Agora sim, estou pronta para ir embora!”.

Apesar da idade e dos tropeços da vida, a velhinha se encontrava bem de saúde. Mas, por mistérios insondáveis, logo após a notícia da morte do filho ela recostou-se para um descanso. Dormiu e não acordou. E seguiram juntos, mãe e filho, no mesmo dia, para o mesmo túmulo.

Sem dúvida, esta mulher veio ao mundo em missão, missão esta que se encerrou justamente no dia em que o espírito do filho se libertou.

Missionários, portanto, são os anjos de guarda do planeta.

Mas nem tudo funciona assim, tão matematicamente.

Às vezes, numa mesma vida, a pessoa pode estar, ao mesmo tempo, em processo de *provação*, *conhecimento* e *expição*. Muitas vezes, **a própria pessoa escolhe**, antes de nascer, os sofrimentos pelos quais deseja passar para acabar logo de vez com o carma negativo.

Há quem esteja, numa mesma vida, acabando de saldar umas dividadinhas e, ao mesmo tempo, já estar designado para certa **missão**.

Outra pessoa pode estar cheia de dívidas para com as Leis Cósmicas, mas pede uma missão para mais rápido pagamento. Exemplo disso são as **mães** que, mesmo não tendo grande elevação espiritual, se oferecem ou são escolhidas para criar e orientar um ou mais espíritos, na condição de filhos.

Na missão de mãe, as mulheres dão grande avanço rumo à perfeição.

É ponto indiscutível, portanto, a necessidade de reencarnar para aprender, progredir, purificar, ascender e se aproximar do Pai.

Sabendo que existe o processo da reencarnação, é mais fácil entender as palavras de Jesus:

“Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.”

Consulta prévia às mães

Mas... Por que assunto de reencarnação num livro que trata de aborto?

Acontece que, sem este conhecimento prévio, é impossível entender o crime do aborto em toda sua extensão. Sem que houvesse necessidade de reencarnação, o aborto não seria cobrado de maneira tão rígida como o é.

Como vimos, há espíritos que necessitam de um corpo para *aprendizagem e provações*. Outros, cientes dos erros cometidos em outras vidas e da necessidade de *expiar* para se retratar perante o mundo, procuram regressar ao cenário físico num novo corpo de carne. Outros ainda foram encarregados de certas *missões*, a fim de trazer melhorias ao planeta ou ao país, à comunidade ou tão somente à família onde deverá reencarnar.

Negar oportunidade de nascimento a um espírito constitui **crime** indesculpável aos olhos de Deus, desde que todos os espíritos que renascem têm **compromissos** aqui na terra. E estes compromissos precisam ser cumpridos!

As coisas se passam nos bastidores do mundo invisível muito bem planejadas pelas Equipes Espirituais.

Assim: Após escolher o tipo de vida mais adequado ao espírito reen carnante, tais Equipes procuram uma mãe ou uma família que melhor se adapte às necessidades deste espírito e o prepara para o evento. Na maioria das vezes, o espírito reencarna *na mesma família* da qual já participou em vidas anteriores, para que seja promovido o **perdão** e o **amor** entre si e os demais integrantes da constelação familiar.

Um pai pode precisar renascer através de uma filha ou nora de outra vida ou da mesma vida. Uma avó pode voltar a nascer através do ventre da neta para que continuem juntos.

Fato que o mundo precisa saber é que ***nenhuma criança vem ao mundo sem o consentimento dos pais!!!***

Repetindo com outras palavras:

Nenhum espírito entra no útero de uma mulher em forma de bebê, sem que esta mulher o permita.

Em “*Gestação - Sublime intercâmbio*”, Ricardo Di Bernardi escreve:

“Durante o sono, são dados esclarecimentos preciosos aos pais. É comum haver a apresentação destes ao espírito reen carnante, mas, na maioria das vezes, eles já se conhecem de vidas anteriores.”

Veja o significado disso, em outras palavras:

O pai e a mãe de um bebê são avisados *antecipadamente* que terão um filho!!! E aceitam! E assumem o compromisso!

Este compromisso é assumido, geralmente, enquanto **dormem**.

Durante o sono, o espírito do futuro pai e futura mãe são conduzidos à presença das Equipes Espirituais responsáveis pelas reencarnações. A equipe lhes comunica que foram escolhidos para pais de determinado espírito. E lhes apresenta o espírito. Os pais, portanto, entram em contato com o filho *antes* de a gravidez acontecer - e **aceitam** recebê-lo, aceitam esforçar-se para promover-lhe o adiantamento moral e espiritual.

Ao acordar pela manhã, o casal não lembra o ocorrido ou, às vezes, tem ligeira sensação do que aconteceu durante a noite.

Camilo Castelo Branco, em “*Memórias de um suicida*”, (psicografado por Yvonne A. Pereira), conta sobre sua visita ao Departamento da Reencarnação. Depois de dar minúcias até cansativas sobre cada pormenor dos preparativos para o renascimento quanto ao corpo físico: cor de pele, estatura, problemas físicos, fisionomia e demais detalhes, Camilo esclarece que há uma pesquisa à procura de família, de ambiente e de pais que **concordem** em receber aquele espírito como filho; no caso relatado, o reencarnante era sempre bastante endividado, por ser *suicida*.

Então, os mentores estabelecem **acordos** com aqueles que podem ser pais e possuam **débitos** perante a Divina Justiça. Os acordos são nestes termos:

Que aceitem aquele espírito como filho; que o amparem durante a vida, pois ele necessita de reencarnação. Que consentam em se tornar, temporariamente, **Servos da Legião de Maria** agasalhando, em seu lar, aquele pupilo até que termine sua expiação. Se assim fizerem, *ser-lhe-ão favorecidas as oportunidades para a realização rápida do plano de evolução*.

Camilo, autor espiritual do citado livro, nos presenteia com um relato:

Teócrito reuniu Romeu e Alceste, entregou-lhe dois endereços, dizendo: - Há cerca de duas horas estas mulheres, donas destes endereços, estão dormindo. Trazei-as aqui, juntamente com os respectivos companheiros; todavia, se estes não quiserem vir, são dispensados.

Romeu e Alceste foram à Ilha de São Miguel, em Portugal, e a um lugarejo do nordeste brasileiro - ambos, locais de extrema pobreza, penúria e infortúnio - à procura das duas mulheres, grandes delinquentes do passado e que precisavam erguer-se moralmente, através de humildade e paciência.

Elas seriam trazidas em espírito, uma vez que seus corpos de carne estavam mergulhados em sono profundo - e entrariam em entendimentos sobre a possibilidade de se tornarem mães de dois espíritos necessitados de reencarnação. Ambas não recusariam a tarefa por se tratar de almas bastante arrependidas dos erros. No passado **falharam como mães, retirando das próprias entranhas, os envoltórios carnis de espíritos que delas deveriam renascer - alguns, em missão brilhante**. Agora, afundadas nas trevas dos

crimes por matarem os filhos antes de nascer, *teriam de arcar com a responsabilidade dos infanticídios*, aceitando nos braços pobres espíritos **suicidas**, aos quais deveriam dedicar-se de maneira amorosa e paciente.

Em seguida, retornaram Romeu e Alceste trazendo consigo um par recém casados e uma moça solteira. Seriam elas as futuras mães dos suicidas necessitados de um novo corpo. Teócrito acolheu os três com carinho e procurou entender-se com o casal português e com a moça nordestina sobre as vantagens daqueles renascimentos por intermédio delas.

Os acontecimentos foram explicados em detalhes, enquanto os pretendentes à qualidade de filhos foram apresentados aos futuros pais.

A jovem esposa resistia, dizendo:- “Oh, não! Não desejamos um filho doente! Nós nos casamos há apenas um mês! Somos pobres! Como sustentar uma criança problemática?” A brasileira, envergonhada, seguiu o exemplo da outra: - “Não, meu senhor! Não posso ser mãe, antes prefiro a morte! Sou solteira! Como arrastar a vergonha diante de meus pais, dos vizinhos? Seria desprezada por todos! Um filho paralítico! Deus, como criá-lo?”.

A exposição de Camilo segue adiante com pormenores esmiuçados sobre o momento em que foram mostradas às duas interessadas, cenas de suas vidas anteriores onde elas figuravam como damas ricas, achando-se no direito ao conforto, à diversão e à felicidade. E continua:

Por fim, tristonha, mas resignada, pronta a cumprir sua tarefa, a portuguesa caminhava ao lado do marido enquanto a brasileira, desfeita em lágrimas, se via conduzida por Carlos Canalejas e Roberto.

Foram reconduzidas ao corpo que dormia em seus míseros lares.

É preciso explicar novamente que, no caso presente, os espíritos reencarnantes eram **suicidas** e, portanto, nasceriam com problemas físicos. Por este motivo, ambas as mulheres não aceitaram, com prazer, a maternidade. Em casos normais, quando o espírito não é suicida, as coisas são mais fáceis porque não há tanto motivo para relutar, desde que o bebê não carregará em si, os estigmas próprios dos que se matam.

Este relato foi colocado aqui para mostrar que **nunca** as mulheres engravidam *sem o prévio consentimento* - e, mesmo no caso narrado, apesar das altas dívidas contraídas em vidas anteriores por estas mulheres, ambas **foram consultadas antes de engravidarem**.

A consciência externa não registra o fato, mas no subconsciente o fato está registrado. E **precisa estar registrado**, para que a própria **mente** comece a **preparar o corpo** da futura mãe **para receber o inquilino**.

Repetindo:

Uma gravidez não acontece sem que a mãe esteja sabendo. É preciso que ela o saiba, para que seu cérebro mande ordens às demais partes do organismo, a fim de prepará-lo para a chegada do feto.

E no mundo espiritual começam, *somente depois que a futura mãe já esteja sabendo do fato*, os preparativos para o nascimento. O próprio espírito a reencarnar entra em atividade febril, preparando-se e sendo preparado, à espera do momento de assumir novo corpo físico. Ricardo Di Bernardi, em “*Gestação, sublime intercâmbio*” diz que, quando o espírito vai reencarnar, inicia-se um processo de acompanhamento e orientação especializada para o evento. Assim como temos, na Terra, as maternidades para receber os recém nascidos, no Espaço também existem locais apropriados para o preparo àqueles que vão partir para a vida física.

A começar de então, entidades especializadas passam a atuar junto à futura mãe dando-lhe assistência e promovendo a ligação fluídica com aquele que será seu filho. Ao mesmo tempo, há ligações afetivas que partem do filho em direção à futura mãe. Tais laços vão se estreitando entre ambos, *mesmo antes do ato sexual* que resultará em gravidez.

Do lado materno surge, às vezes, o desejo de ter um bebê, devido ao estímulo gerado pela presença do filho já ligado à sua aura perispiritual.

Algumas mulheres neste estágio, passam a sonhar com crianças pequenas ou a pensar, continuamente, em bebês.

E o que aconteceria se a mãe não tivesse sido avisada antes?

Nada!

Não aconteceria gravidez alguma, porque o sistema de proteção do organismo materno se incumbiria de ***eliminar o espermatozóide*** que, porventura chegasse a se unir a um óvulo, mesmo em período fértil. Neste caso, as células chegariam a se reproduzir, mas haveria o aborto espontâneo, às vezes, antes até da mulher perceber a gravidez. Nosso corpo rejeita e procura eliminar quaisquer corpos estranhos, e a célula masculina que viria a fertilizar um óvulo é corpo estranho.

Só para ilustrar: Quando um fiapo de alimento fica enroscado entre nossos dentes, a gente não sossega enquanto não se livrar dele, porque aquele fiapinho não pertence ao nosso corpo. Se um espinho entrar no nosso dedo, imediatamente o organismo trata de expulsar aquele pequeníssimo intruso, formando logo uma vermelhidão em torno do espinho e, depois, um pouco de pus, que isola o intrometido e acaba por expulsá-lo. Assim é o organismo reagindo contra qualquer elemento que não faça parte do corpo.

Ora, assim sendo, por que é que o corpo da mulher não expulsa o espermatozóide, e depois o feto, os quais não fazem parte de si?

Resposta: Não expulsa porque a mulher foi avisada **antes** sobre sua presença e seu organismo se preparou para recebê-lo – e não para eliminá-lo.

Dáí, a necessidade do sistema de proteção do organismo feminino precisar de uma mensagem expedida pelo cérebro para, em lugar de afastar o espermatozóide, procurar protegê-lo. E isso ocorre depois da futura mãe ser avisada sobre a gravidez.

Vejam, pois, como a mulher é cercada de cuidados quando chega a época de receber um filho. Pode-se dizer que **a gravidez começa antes do ato sexual** que lhe dará origem. Ela ocorre, primeiro, no Plano Espiritual para, só depois de tudo preparado, acontecer no plano físico.

Não existe, portanto, gravidez indesejada, pois, *se ela ocorreu é porque a mãe já a havia aceitado e o fato estava gravado no subconsciente*. Este manda ordens para o organismo e ficam, todas as células, todos os órgãos de prontidão, à espera do ato sexual que trará à Terra um novo ser.

Enquanto o físico é preparado, o psiquismo recebe as influências dos espíritos responsáveis pelas reencarnações, preparando-a para o evento.

Depois disso tudo, **impossível alegar ignorância e dizer que foi apanhada de surpresa ao engravidar**.

Repetindo: *Se o subconsciente não tiver registro antecipado do fato, nenhum óvulo poderá ser fecundado. Com isso, fica fora a famosa gravidez indesejada geradora de abortos.*

Nem mesmo a gravidez fruto de estupro ocorre sem que a mãe tenha aceitado. Não ocorre gestação alguma sem que a mulher seja avisada e preparada física e psiquicamente, com antecedência. E isso é regra geral.

O aviso de gravidez pode acontecer **antes ainda do nascimento dos próprios pais!** Assim: **Antes de reencarnar**, as famílias são constituídas, sendo que cada integrante fica sabendo, de antemão, o papel a desempenhar: pai, ou mãe, irmão ou filho. Os espíritos se congregam na vida espiritual em constelações familiares, **cada qual assumindo o compromisso** pelo papel que representará. Ao descer para o mundo físico, os espíritos ficam como que esquecidos dos compromissos assumidos, mas, quando se apresenta a hora, as coisas vão acontecendo exatamente da maneira como foram planejadas no mundo espiritual. Acontecem os casamentos, os nascimentos de acordo com o programa. Não há como alegar ignorância ou inocência perante o envolvimento com determinadas pessoas aqui no mundo material: pais, filhos, irmãos...

Não se pode dizer que Deus seja arbitrário. Nada acontece ao acaso.

Para cada problema, uma solução do tamanho exato dele.

Por que retorna o espírito?

Geralmente, nossos filhos voltam na nossa família por causa de elos do passado, pois, com eles, mantivemos antes, laços sentimentais importantes.

Com relação a estes laços, podem ser de *afeto* ou *desafeto* porque, assim como o amor, também o ódio une as pessoas.

Muitas vezes, as dificuldades vividas geraram entre nós certo ódio e outros sentimentos inferiores. São os vínculos criados pelo *desafeto*. Espíritos ligados a nós por sentimentos negativos precisam de solução extrema para dissolver as mágoas, os desejos de vingança - e nenhum melhor remédio que o *agrupamento* destes mesmos personagens convivendo sob o mesmo teto.

Assim, as Equipes do Espaço promovem uma terapia onde ***os participantes de um mesmo drama surgem todos reencarnados na nossa família.***

E permanecemos como que anestesiados, esquecidos dos problemas do passado, sem sabermos de qual maneira ficamos vinculados aos nossos filhos, mas, com certeza, tais vínculos existem e a reencarnação propicia a nós, envolvidos na mesma teia, oportunidade de expiação pelos erros do passado. Desta forma, aquela criança que está sendo gerada em nosso corpo, e que depois do nascimento, viremos a abraçar, a acariciar sorrindo, pode ter sido nossa vítima ou nosso algoz; mas a lei da reencarnação a traz aos nossos braços para que, com ela, possamos desenvolver outra espécie de relacionamento: o do ***amor***.

Mas, como o dissemos antes, os laços que nos unem a um espírito não são, necessariamente, de ódio. Podem ser sentimentos positivos que nos reúnam em novo ato do mesmo espetáculo. Podemos estar nos reencontrando com espíritos a quem amamos. Antigos parentes, velhos amigos, cônjuge de outras vidas, pais desta ou de outras vidas retornam ao nosso convívio para juntos, encetarmos nova etapa da viagem rumo a Deus.

Uma outra situação ocorre quando duas pessoas, no passado, se uniram em prejuízo de uma terceira, ocasionando dores a esta outra pessoa. Podem ter sido ligações extraconjugais de longa duração. Cria-se entre a dupla de culpados um elo afetivo de energias desequilibradas que precisa ser desfeito. Neste caso, a Alta Espiritualidade programa a reencarnação onde o par estará novamente junto, quase sempre como mãe e filho, ou como pai e filha. Eles voltarão a se amar, mas será uma espécie diferente de amor: o amor desinteressado, o amor sublime, o amor verdadeiro nas bênçãos do lar.

Acontece, porém algumas vezes, que o amor que, no passado, uniu o casal em ligações amorosas extraconjugais seja tão intenso, que os elos suplantem, na nova encarnação, o afeto maternal e filial. É quando surge o Complexo de Édipo, onde o filho nutre verdadeira paixão pela figura da

mãe; ou o Complexo de Eletra, onde este amor desarmônico surge na filha, em relação ao pai. Assim, novas reencarnações são programadas onde esta dupla voltará em cena, sempre se alternando em pai e filha ou mãe e filho, até que desapareçam todos os vestígios do amor físico.

Observa-se por este breve apanhado, a necessidade do nascimento de uma criança. Ela estará não apenas à procura de equilíbrio para si mesmo, como também ***traz a nós próprias, suas mães, a oportunidade de nos reequilibrar perante as Leis Maiores.***

Diz Allan Kardec no “*Evangelho Segundo o Espiritismo*”, que os espíritos reencarnam numa família, às vezes, por laços de simpatia. Havia estima entre si em vidas passadas e renascem na mesma célula familiar por sentirem prazer em estar juntos. No entanto, pode acontecer que estiveram divididos no passado, por enorme antipatia, por forte inimizade e que agora se juntam para que, na convivência constante, possam se tolerar e se perdoar.

A este respeito, Santo Agostinho se manifesta também no “*Evangelho Segundo o Espiritismo*”:

Quando um espírito deixa a terra, carrega consigo as virtudes e os defeitos que lhe eram próprios durante a vida. Ele vai para o espaço se aperfeiçoar - ou fica estacionado até que queira ver a luz. Alguns partiram carregando ódios poderosos e desejos de vingança, mas, acabam compreendendo que, para chegar a Deus só existe o caminho da caridade.

Ora, não existe caridade sem o esquecimento das injúrias; não há caridade com ódio no coração e sem perdão. E, num grande esforço, o espírito **pede** a Deus que lhe dê **oportunidade para estar novamente na Terra junto aos inimigos, em convivência constante** até que o ódio se converta em amor.

E é dada a permissão para o reencarne junto à família a quem detestou.

Qual será, pois, sua conduta nessa família?

O contato constante dos seres que odiou é prova terrível e pode ou não sair vitorioso. Daí se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se notam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar.

Nada, com efeito, nessa existência provocou tanta antipatia. Para compreender o fenômeno é preciso voltar os olhos sobre o passado.

E continua Santo Agostinho:

- *Ó pais! Compreendei que quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus. É esta a missão que vos foi*

confiada e da qual receberéis a recompensa, se a cumprídes fielmente. Vossos cuidados e a educação que lhe derdes ajudarão seu aperfeiçoamento e seu bem-estar futuro. Pensai que a cada pai e a cada mãe, Deus perguntará: ‘Que fizeste do filho confiado à vossa guarda?’.

A tarefa não é tão difícil como parece. O ignorante como o sábio pode cumpri-la. Deus não faz a prova acima das forças daquele que a carrega; não permite tarefas senão aquelas que podem ser cumpridas; se não triunfa é devido à falta de vontade - a estes estão reservados prantos e gemidos.

Mãe, abraçai a vossa missão e dizei: ‘Um de nós dois foi culpado.’

Acolhei seus filhos! Vinde em sua ajuda e, mais tarde, no mundo dos espíritos, a família se felicitará de haver salvo do naufrágio o que, a seu turno, poderá salvá-la de outros.

Não é demais repetir que nada acontece ao acaso.

Nossos filhos tiveram ligações conosco no passado e ei-los aí, retornando, exigindo carinho e, às vezes, nos pedindo perdão em forma de ternura. Que não reste dúvida: o triângulo formado pelos pais e o filho é continuação de enredos familiares que envolveram também irmãos e parentes. **São muitas vezes, as dívidas que trazem um espírito para os braços da mãe.**

Mas nem sempre. A autora destas páginas ouviu, do espírito Eurípedes Barsanulfo, uma explicação interessante:

Há, no Espaço, uma equipe de espíritos já com bastante elevação, denominada: Irmandade das Filhas de Fabíola. É uma equipe muito grande e voltada principalmente, ao auxílio das mulheres encarnadas.

Sempre que esta equipe toma conhecimento de uma mulher que escolheu passar por grande e amarga provação, principalmente junto a um marido ou companheiro difícil, uma integrante da Irmandade das Filhas de Fabíola nasce como filha. Sua missão será a de amparar a mãe nas suas provações para que esta não venha a sucumbir.

As Filhas de Fabíola são facilmente reconhecidas:

Elas retornam sempre em corpos femininos e são lindíssimas, carismáticas, delicadas, gentis, caridosas, carinhosas e abnegadas. Dão amparo moral e sábios conselhos à mãe, ajudando-a a carregar sua cruz de ferro. Elas se colocam sempre ao lado da mãe contra o resto do mundo - mas isso não significa que, quando a mãe estiver errada, elas se posicionem também no lado errado - nestes casos, partem delas as mais severas críticas e chamamentos à razão, não permitindo que a sua “tutelada” enverede por caminhos negativos.

As Filhas de Fabíola não são muito ligadas à figura do pai. Não se casam muito cedo - às vezes nem se casam. Como o seu maior objetivo na

Terra é ajudar a figura materna, só pensam seriamente em casamento quando a mãe já estiver amadurecida, em posição mais estável junto ao marido, já sem tanta necessidade de sua presença constante. Ao se casar, as Filhas de Fabíola procuram um marido que seja o oposto do pai e preferem continuar solteiras a conviver com um homem beerrão, grosseiro e mal educado.

Assim, ficamos sabendo da existência destes anjos abnegados que vêm em missão especial de amparo às mulheres contra os desmandos masculinos.

Quantas destas doces Filhas de Fabíola existem no planeta? Um número grande e, possivelmente, você conhece pelo menos uma delas.

E, se sua união com seu marido ou companheiro for fadada à infelicidade, é possível que uma das Filhas de Fabíola venha em seu socorro.

Assim como as Filhas de Fabíola, existem outras equipes de espíritos que descem em ajuda aos pais ou aos parentes em dificuldades.

São anjos e mais anjos se doando em prol da humanidade!

E, muitas mulheres, ignorando estas verdades, simplesmente **mandam de volta** um espírito, um destes anjos que, às vezes, está em missão de auxílio a ela própria!

(Se você já praticou o aborto, não se lastime. Ainda há esperanças. Continue a leitura e encontrará a solução que deseja.)

CAPÍTULO III

CONSEQUÊNCIAS DO ABORTO

a - Introdução

Cada ato traz consigo suas consequências. Aos atos positivos correspondem muitas bênçãos dos céus, mas a cada ato negativo é contraída uma dívida que deve ser quitada até o último centavo.

O aborto é um ato negativo...

As consequências deste ato recaem sobre todos os envolvidos: *mãe, pai, médico abortista* - e sobre *parentes*, sobre *outras pessoas* que tenham influenciado, de alguma forma, no cometimento da falta. O próprio *abortado* sofre terríveis consequências, mesmo sendo a maior vítima do processo.

A literatura espírita é pródiga em casos de aborto e são de suas páginas que retiramos nossos argumentos, procurando usar a maior honestidade possível para não cair no erro do exagero comprometedor. Quando uma narrativa é extensa nós a resumimos por economia de espaço e, nestes casos, apesar de citar fonte e autor, usamos nossa própria linguagem, nossas próprias palavras. Procuramos evidenciar o assunto, fazendo aflorar mais o conteúdo do que as palavras, para tornar o assunto de fácil entendimento a quaisquer pessoas que quiser ler.

No livro “*A vida humana e o espírito imortal*”, de Ramatis, (*psicografado por Hercílio Maes*), lê-se o que aqui vai resumido:

O aborto é o crime mais infamante fichado no código penal da espiritualidade por destruir um ser já vinculado à mãe, em trabalho reencarnatório.

São anos de programação pela espiritualidade superior. É longo o trabalho nos preparativos de num espírito a nascer, mas, que vai para o lixo num aborto que, ao lesar o reencarnante, será lesado também o trabalho de centenas de almas, todas vinculadas ao mesmo processo encarnatório. São

*mentores, técnicos, médicos siderais, sociólogos, legisladores, e servidores operando no trabalho de um único reencarne! A mulher rebelde e ignorante destes trabalhos preparatórios mal pode calcular o **tamanho dos prejuízos decorrentes do ato de abortar!***

O uso de anticoncepcionais, apesar de condenado pela espiritualidade por evitar também a descida de espíritos de categoria elevada e prontos para trabalhos brilhantes, é menos prejudicial que o aborto, porque reduz o gasto energético usado no processo reencarnatório, não mobiliza tarefeiros no preparo de uma gestação e não estraçalha corpos e mentes dos pobres espíritos já em vias de nascer.

O aborto, por ser crime de lesapatrimônio, condena a pessoa que o pratica a enfrentar sofrimentos atrozes já na vida presente e também depois da morte, pois se torna candidata a ser um espírito abortável isto é, sofrendo ela própria, o processo do aborto provocado; sofrendo ela mesma, a rejeição por parte de mãe leviana; sofrendo no próprio corpo as queimaduras pelos produtos químicos abortivos; sofrendo ela mesma, os martírios que impôs a outros. E depois, ao conseguir nascer, é candidata a uma vida atribulada por uma ou mais de uma existência futura.

Quem faltou com o dever sofrerá as mesmas dores que impôs a outrem.

*Os casais sabem quantos filhos deverão nascer através deles porque, **antes ainda de reencarnarem**, já fizeram compromissos com outros espíritos. Assim, à noite, quando o espírito recupera a liberdade através do sono, seus guias se encarregam de recordar-lhes os compromissos assumidos antes do nascimento com determinados espíritos que deverão receber como filhos.*

Além disso, os Técnicos Siderais controlam e disciplinam os nascimentos, de modo a não nascer uma criança em lar errado, não haver injustiça nem número maior de nascimentos do que o planeta poderia suportar.

Tudo é medido, tudo é pesado, tudo é estudado.

Não existe gravidez acidental, não existe gravidez indesejada, não existe gravidez ao acaso, nem mulher menos preparada para a maternidade.

Se há gravidez é porque tudo já foi analisado nos meios espirituais.

A gravidez é o término de longo trabalho da espiritualidade, onde coisa alguma é deixada de fora, onde cada detalhe é visto e revisto por centenas de espíritos amplamente treinados na atividade de reencarne.

*E, portanto, quem não quiser ter filhos, que opte pela continência sexual. Consumado o ato, as criaturas que assumam os seus resultados, sejam eles quais forem, porque **sexo não é parque de diversões**. O sexo tem funções sagradas, por mais carola que possa parecer esta expressão. São tão sagradas as funções dos órgãos sexuais, que **conseguem trazer do invisível, um espírito para o mundo físico!***

Afinal, Deus serviu-se deste meio para fazer nosso planeta evoluir.

Quando os pais pedem aos filhos que evitem fazer uso indevido dos órgãos sexuais, eles não estão sendo caretas, nem quadrados, nem coroas; estão, em verdade, sendo **porta-vozes** inconscientes da mais alta espiritualidade, que procura evitar que o sexo descambe para a vulgaridade, pois **o sexo é a única porta de entrada dos espíritos para o mundo material!**

Ora, o único elemento capaz de trazer espíritos do invisível para o visível é sagrado sim! Precisa ser preservado a todo custo, de todo mau uso que dele se possa fazer.

E graves conseqüências estão reservadas a quem sair dos seus limites.

(Se você já praticou algum aborto, o que dizer?

O que dizer se você já está nas malhas do remorso, curtindo culpa sufocante?

É preciso apresentar soluções - e não cobrança.

As soluções existem - não são regadas a plumas, veludo e mel. Mas existem.

Continue a leitura e encontrará a solução que você, talvez, esteja precisando.)

b- Consequências para os anjos desprezados

É da literatura espírita as notícias que temos sobre as pobres almas que foram mandadas de volta ainda antes do nascimento, mandadas de volta pela mãe, que quis ver-se livre de uma amolação.

Vamos a “*Gestação - sublime intercâmbio*” de Ricardo Di Bernardi:

*O espírito abortado quando já em **elevado grau evolutivo**, é mais tolerante, tem reações mais moderadas. Muitas vezes, ele seria alguém destinado a aproximar o casal ou, no futuro, servir de amparo aos membros da família. Lamentará a perda da oportunidade de auxiliar aqueles a quem ama, mas não se deixará envolver pelo ódio ou mágoa, mesmo que o aborto o tenha feito sofrer física e psiquicamente.*

*O mesmo não acontece quando o espírito se encontra em **degrau mais baixo** na escala evolutiva. Neste caso, suas reações em relação à mãe que o desprezou são descontroladas e agressivas, devolvendo em moeda idêntica, o mesmo fel amargo que recebeu. Só o tempo fará com que haja amadurecimento de ambas as partes e terão, mãe e filho, oportunidade de se perdoar e amar reciprocamente.*

Vamos ao livro “*Deixe-me viver*”, de Luiz Sérgio (através de Irene Pacheco Machado), onde, pela primeira vez, uma obra nos traz luz sobre a situação dos espíritos **desprezados**. Tínhamos antes visão imperfeita e insatisfatória daquela alma de criança, daquele *anjo que volta para o céu e retorna às mãos de Deus*, na fala das mães que provocam o aborto. Na verdade, o espírito dos abortados não fica ao desamparo - mas já veremos em que estado! É inimaginável a tortura do ser que perde a bênção de um corpo que lhe estava destinado para seu progresso espiritual.

Luiz Sérgio nos conta que recebeu no Além, autorização para conhecer de perto a situação dos espíritos das crianças abortadas e escrever para a Terra, as coisas que viu. E ele viu que o *anjo que volta para o céu e retorna às mãos de Deus não está no céu!* Nem no colo de Deus! Nem está voando contentinho com outros anjinhos num vestidinho azul longo e rodado, coroiinha de flores na cabeça, batendo as asinhas brancas.

Em outras palavras: Os espíritos dos bebês abortados **não** ficam num lugar tranqüilo, num lugar feliz criado para *anjinhos* expulsos da Terra. Eles vão - isso sim! - para um local triste, lugar de dores, acompanhado por outros **desprezados** iguais a ele, recebendo cuidados de mãos carinhosas que, mesmo com amor, não conseguem retirar daquela mente torturada o momento terrível em que foi arrancado do útero maternal. Eles ficam num lugar onde se ouvem gemidos, onde se ouvem histórias pavorosas, relatos de medo, dor, sofrimento, onde não há paz nem descanso, onde os desprezados desejariam morrer de verdade, desaparecer para sempre do cenário cósmico e esquecer a humilhação, a decepção, as mãos que os desgraçaram.

Luiz Sérgio conta que conheceu a **Colônia dos Rejeitados** que era, por assim dizer, um grande hospital. Ao entrar, viu inúmeras alminhas de abortados em tratamento para retornar à carne. O choque pelo aborto os deixou com sequelas e estavam naquele hospital para cura física e psicológica.

Mas atenção! O espírito abortado pode estagiar neste lugar, porém não como castigo, pois, ele não teve culpa se a mãe leviana o abortou. A Colônia dos Rejeitados é lugar onde eles todos são tratados com muito carinho, muita paciência. Se continuam sofrendo é devido às dores impressas no perispírito no ato do aborto e, principalmente, devido ao desprezo recebido.

Palavras de Luís Sérgio:

Vi espíritos dementados devido à dor da rejeição. É como se fizéssemos um pedido pelo reembolso postal e, ao chegar a encomenda, nós a devolvêssemos. Para remeter foi preciso embalá-la com cuidado, com carinho. E agora, os abnegados espíritos tentam desempacotar o filho rejeitado. A pequena vítima geme nas incubadoras espirituais, por tempo incalculável enquanto a mãe, o pai e o médico que a assassinaram já estão nutra.

Aqui, um par de parênteses para depois retomar a narrativa:

Em “*Missionários da Luz*” e em “*A vida continua*”, André Luiz nos fala do processo de *miniaturização* da alma a nascer.

A **miniaturização** consiste em fenômeno vivido pelo espírito para possibilitar o nascimento. Em palavras de fácil entendimento, eis o processo:

Ao desencarnar, o espírito conserva a mesma forma de quando era vivo devido à existência do perispírito.

Perispírito é um envoltório para o espírito propriamente dito e que assume as formas do falecido. Assim, um “fantasma”, se for visto por alguém aqui da Terra, será descrito com as mesmas características físicas de quando era vivo. Por exemplo: o avô morto será visto e reconhecido pela neta, porque conserva a mesma fisionomia, o mesmo tamanho, os mesmos traços. Portanto, uma pessoa adulta permanece, após a morte, com a aparência que tinha enquanto vivia. Este “corpo” do fantasma é o perispírito.

Em frente:

Mas, na preparação para novo encarne, este espírito passa por um processo de “encolhimento”, como que para “caber” dentro do corpo físico que virá a ser formado no útero materno e que será ocupado por ele próprio. A alma fica menor em tamanho; fica um espírito em *miniatura*, mas mantendo todas as suas características. Daí o nome: **miniaturização** do espírito.

A redução do volume da alma é altamente necessária por dois motivos: facilita a adaptação ao novo corpo carnal e ajuda na perda da consciência, levando ao esquecimento da última vida passada. Tal esquecimento é importante frente às situações cármicas de reencontro familiar.

Aqui fechamos os parênteses sabendo que, segundo este autor espiritual de grande confiabilidade, o espírito passa por processo de *encolhimento* ao se preparar para o início da gravidez. E depois, já no útero, vai aumentando em tamanho, acompanhando o crescimento do feto. Após o nascimento, esta alma continua como que crescendo ao mesmo tempo em que o corpo. O espírito encarnado adquire, pois, o mesmo “molde” do corpo carnal. Se, por exemplo, um menino morre aos cinco anos de idade e se for visto dias depois por algum conhecido, este “fantasma” será descrito exatamente como era: uma criança com os mesmos traços e do mesmo tamanho de quando

vivia. Aos poucos, ele vai retomando o tamanho anterior à miniaturização necessária ao nascimento.

No entanto, o aborto provocado é uma agressão, uma violência das mais grosseiras onde o espírito miniaturizado é arrancado do corpinho em formação, *sem tempo para se refazer em tamanho*. Depois de socorridos na Colônia dos Rejeitados, normalmente os espíritos retornam ao tamanho anterior, tamanho normal. Mas há os que **não** querem voltar à forma natural e permanecem com aparência infantil exigindo carinhos, pedindo colo como criança de verdade. Além desta anormalidade, os espíritos apresentam as feridas, as dores, as queimaduras provocadas por agentes químicos, como se o tempo tivesse parado no momento em que foram destruídas as suas carnes físicas. E assim permanecem por longo tempo até se reabilitarem do trauma.

O autor espiritual Luiz Sérgio conta sobre alguns destes espíritos os quais, em seu conjunto, pareciam filhos de uma guerra. Eis alguns casos:

Rafaela foi abortada. Na época em que Luiz Sérgio a visitou, estava se preparando para nova tentativa e não sabia se conseguiria nascer desta vez.

Paulinho foi rejeitado oito vezes, pela mesma mãe! Ia tentar mais uma vez, pois aquela mulher lhe devia esta oportunidade. Aos gritos, ele tentava se equilibrar das dores da rejeição: - *Assassina! Ela é uma assassina!*

Solange... Bem, quanto à Solange, foi concebida quando o casal se preparava para uma viagem à Europa. O que fazer com uma criança pequenina?

Abortá-la, para não servir de desmancha-prazeres, é claro! Ah, quantas lágrimas seriam vertidas para pagar tão hediondo crime!

Deixemos a narração a Luiz Sérgio:

*Acompanhei o suplício de Solange, triturada viva pelo médico aborteiro. Ninguém pode imaginar tamanho horror! A pequena alma só não sofre mais, porque há uma equipe de espíritos denominados **Falange Maria de Nazaré**, que faz guarda nestas clínicas para socorrer as vítimas indefesas.*

No momento em que o médico introduziu o aparelho mortífero, Solange tentou escapar-lhe, intuindo a proximidade do perigo. Ela acreditava que a mãe fosse recuar no último momento e se desviava, apavorada, do instrumento médico enquanto a Equipe de Maria de Nazaré tentava retirar o espírito daquele corpinho antes ainda do crime, para que não sofresse tanto.

A garotinha reagiu até o fim. Fugiu enquanto pôde das mãos assassinas e não queria aceitar a ajuda dos Espíritos. Permaneceu lutando até depois que seus pedaços estavam sendo arrancados. Foi esquartejada e jogada ao lixo. Ao espírito, porém, ninguém pôde apagar da mente a violência sofrida.

O interessante é que Solange foi, quando viva, mãe do homem que agora pagou para mandar matá-la e que agora seria seu pai.

Fernando é outro abortado. Seu olhar cintilava de mágoa profunda. Dizia que queria morrer de verdade, mesmo sabendo que era necessário retornar ao mundo físico. E dizia: - “Fiz o que me pediam para ser bom filho. Fiz cursos nas Escolas da Espiritualidade para ser melhor do que já fui e o que restou de mim? Dores e mais dores pela rejeição de quem prometeu me acolher. Tudo mentira! O mundo é feito de ódio!

E, quando tentavam lhe dizer que desta vez ele poderia ser bem recebido, respondia: - “Não quero! Eles me matam! Aquela mesa, os aparelhos, a dor, a dor que queima, queima!!! Será que algum dia vou esquecer isso? Ó, Deus! Tem piedade! Não me mande outra vez para aquela batalha de sangue e de dor onde não posso me defender e ninguém o faz por mim!” - Em prantos, sua voz era um grito lancinante. A loucura parecia haver se apoderado de sua mente: - “O líquido queima! Estão me matando outra vez! Por favor, deixem-me nascer, eu não os perturbarei juro, juro por Deus! Eu não tenho braços fortes para me defender! Bandidos, um dia terão de pagar!”.

Luiz Sérgio termina este relato com uma opinião pessoal:

- Ninguém imagina o trabalho das equipes de reencarnação nem o tempo que levam para preparar a volta de um espírito à carne. Mapas cromossômicos, geografia dos genes, tipo sanguíneo, ambiente propício, tipo de carma a ser resgatado, missão a ser cumprida, tudo deve coincidir com a mãe e o pai do novo ser. É um trabalho delicado que os humanos, por maldade, preguiça e comodismo, por desejar gozar a vida ou por simples ignorância, destroem em poucos minutos. E... Ah, se conseguissem mesmo destruir, que bom seria! Mas o que conseguem fazer é traumatizar um espírito e contrair dívidas incalculáveis para si mesmos.

Jonas é outro caso. Ele seria o filho de Rebeca e Fernando e aguardava o momento. Já fazia um mês que estava em processo de ligação fluídica direta com os pais. Gradativamente, Jonas ia perdendo pontos de contato com o plano espiritual e ia se afinizando com o mundo material.

Luiz Sérgio, junto aos Técnicos em Reencarnação, acompanhou o espírito de Jonas para o grande momento da concepção. O reencarnante se reduziu ao tamanho fetal e, quando o espermatozóide se uniu ao óvulo, foi colocado pelos Técnicos Espirituais no útero de Rebeca, que recebeu uma luminosidade radiante do Alto, abençoando seus órgãos femininos.

Depois de dois meses Fernando, namorado de Rebeca, ao saber da gravidez abandonou-a. E conta Luiz Sérgio:

-Voltamos à casa de Rebeca. Ela chorava conversando com Fernando ao telefone e este dizia: - ‘É tão fácil se livrar de uma gravidez e você está fazendo drama por pouca coisa.’ - Diante dos protestos de Rebeca, ele completou: - ‘Vocês, garotas, são engraçadas: feministas, liberadas, ficam

tentando a gente, querem aproveitar a vida ao máximo, mas, quando pinta um filho, precisam do homem para criá-lo! Arrume-se! Vire-se! Acabou, estou noutra! Para a criança, só posso procurar um médico e mais nada!’

Ao desligar, a moça decidiu: - ‘Não vou abortar, terei o filho sozinha!’

Mas, quando Jonas já estava com três meses de vida uterina, reencontramos Rebeca em ponto crítico na sala de espera de uma clínica maldita. Tentamos convencê-la a desistir da idéia por meio de magnetismo apropriado. Ela ouvia nossas sugestões com os ouvidos da alma, parecia fraquejar da decisão, mas logo se recompunha dizendo: - ‘Vou até o fim!’

Quando tudo parecia perdido, sentei-me na cadeira ao lado dela e me fiz visível. Rebeca se assustou: - ‘Puxa, nem vi o senhor entrar! Sua namorada está lá dentro?’

- Não. Jamais traria uma mulher a este inferno. - disse eu.

- Então, o que faz aqui?

- Vim para implorar, em nome de Deus: Deixe seu filho nascer.

Nisso, a enfermeira entrou, olhou para os lados e perguntou: - ‘Com quem a senhora está falando?’

Admirada, Rebeca me procurou com o olhar. Não me viu e perguntou à outra: - ‘Você não viu um rapaz sentado aqui, conversando comigo?’

- ‘Não há ninguém aqui. ’

Saí do campo de visão da enfermeira. Cheguei à porta e, mais uma vez me fiz visível à Rebeca e lhe disse: - ‘Não mate, em nome de Deus!’

Rebeca desmaiou e foi socorrida pelo médico, que preferiu mandá-la para casa deixando o aborto para a semana seguinte. A moça saiu do consultório e buscou a proteção da mãe. Depois de ouvir o relato, esta acalmou a filha dizendo que a ajudaria. E iniciou o enxovalzinho. Quanto a mim, fui advertido pela equipe espiritual. Não poderia ter feito o que fiz. Prometi não repetir - mas que foi bom, isso foi! Especialmente quando, meses mais tarde, Rebeca embalava Jonas junto ao peito. Final feliz!

Luiz Sérgio acompanhou a equipe espiritual quando esta ia dar assistência a Rosalinda, jovem de dezesseis anos que, naquele dia, ia dar a notícia da gravidez ao namorado.

- Não posso assumir a responsabilidade! - disse ele - Vamos dar um jeito nisso! E se não quiser, arrebente-se sozinha! Meus pais me matam se souberem! Livre-se desta coisa, eu pago!’

Espíritos da equipe se aproximaram de Leandro tentando passar-lhe sentimentos de carinho em relação à criança - ele, porém, se mantinha na firme posição de eliminar o filho. Os demais espíritos reuniram-se em torno de Rosalinda para o mesmo fim, mas, sentindo-se sozinha, ela exclamou:

- ‘Arrume a grana, então!’

Naquela tarde, a pobrezinha chorou bastante. Não queria praticar o aborto, porém sentia-se incapaz de assumir um filho sem pai. A isso se juntava a decepção pela atitude do namorado. Sem ter a quem recorrer, contou à mãe o acontecido. Esta vociferou dizendo que a vida política do pai não poderia ser prejudicada por nenhum escândalo. Com o pai, foi a mesma coisa; ele lembrou que as eleições estavam à porta e um caso destes poderia manchar sua imagem. Como solução, ele mesmo indicou o aborto e se encarregou de encontrar um médico discreto que fizesse o serviço.

Dias mais tarde, Rosalinda deu entrada na sala abortiva. Foi recebida por um médico sorridente e despreocupado, como se ela fosse fazer curativo na unha encravada. Teve início a carnificina pavorosa. O feto se debatia tentando, pelos seus poucos meios, fugir à sanha criminosa dos aparelhos criados para matar gente pequenina. Por fim, como todos os outros iguais a ele que caíam naquelas mãos, acabou se rendendo à morte. O espírito foi amparado pela equipe assistencial, que o levou com carinho. Só gemia, corpo todo queimado. Era uma menina.

Levada ao Vale dos Rejeitados, a coitadinha tinha o corpo retalhado, cheio de dores e o que mais doía era o desprezo daqueles a quem amara na Terra. Aquele espírito rejeitado era a avó de Rosalina - mãe de seu pai. Ela amava a neta e queria reencarnar através dela. Antes ainda da concepção, Rosalina e Leandro haviam sido encaminhados, durante o sono, ao encontro dos Técnicos de Reencarnação e aceitaram a incumbência de receber aquele espírito como filha.

Luiz Sérgio arremata este caso, dizendo:

*Hoje, as jovens se comportam sem o menor pudor. Roupas sumárias, pernas à mostra, trejeitos convidativos. Depois, ao sofrer a consequência dos seus modos imaturos sentem-se frágeis, desencorajadas a enfrentar o que vem pela frente. E se descartam da responsabilidade espalhando morte em torno de si. Mas, à medida que se soltam na libertinagem, vão ficando presas em arrependimentos e dores. Um dia, estas jovens envelhecerão e, **feliz daquela que, ao se lembrar da mocidade, não tenha apenas remorso para recordar.***

c - O Astral Inferior

Para se falar das consequências dos atos criminosos de enfermeiras, parteiras e médicos *fazedores de anjos* é preciso antes, contar como é o panorama que encontram, no lado de lá, após a morte, aqueles que preferem ignorar as Leis Universais. É do livro “*A vida além da sepultura*”, de Atanagildo e Ramatis, psicografia de Hercílio Maes, as notícias mais fiéis sobre o **astral inferior**, onde se debatem os espíritos endividados com as Leis.

Vejamos um resumo das experiências de Atanagildo onde descreve as zonas baixas da espiritualidade:

As regiões inferiores do Astral são formadas de abismos, desfiladeiros, mata fechada, rios, lagos e caminhos agressivos, tudo de natureza atemorizante e deformada, sem a doce ingenuidade da paisagem terrestre. As correntes de água são escuras, grossas, sujas com odor de detritos e emitindo vapores sulfurosos. Ali há sombras espessas a se mover constantemente.

É superlativo o sofrimento das almas culpadas atraídas para lá.

Depois de entrar nestas zonas, não há como sair delas. As almas mergulham nas sombras e sufocam-se em detritos pastosos imundos. Ali passam fome, frio, sede, dor, medo, sono. Não há abrigo, nem como repousar. Não há alívio, não há descanso, não há esperança para o infeliz que ali vier afogar suas culpas. Além disso, os obsessores treinados nas sombras esgotam suas reservas de energia, coragem, esperança e alívio, deixando-o no triste estado de sofrimento moral e espiritual. Verdadeiro trapo sem forças.

Estas regiões astrais reúnem espíritos que foram criminosos na Terra e ali se aglomeram todas as suas emanções perturbadoras: o ódio, o egoísmo, a violência, a inveja, a angústia, o ciúme, a luxúria, a avareza, a cobiça e todas as demais consequências da conduta humana insatisfeita.

Veza ou outra, a agitação dos desencarnados presos nestas regiões se torna excessiva, formando-se ali terríveis surtos de crueldade e ódio projetados pelas paixões desordenadas. Nestes casos, formam-se verdadeiros tufões e redemoinhos de substância trevosa que se projetam em torvelinhos sufocantes como uma tempestade de areia suja, viscosa e fedorenta. Apesar dos grandes sacrifícios, nós nos submetemos às tarefas de socorro descendo a estas furnas do astral inferior. Para chegar àqueles lugares, temos de nos proteger com verdadeiro escafandro de fluidos densos, ao mesmo tempo em que nos esforçamos para esconder nossa verdadeira identidade e procedência. Temos de despojar-nos das aparências e credenciais superiores.

Quando penetro em tais regiões, sinto-me num mundo estranho e mórbido, dominado por atmosfera misteriosamente anormal como se estivesse, a qualquer momento, para ocorrer algum acontecimento terrível. E por

todos os lados me chegam aos ouvidos brados, uivos, blasfêmias, gargalhadas sinistras, medonhas agitações e revoltas que movimentam toda a paisagem sombria com sensação de terror! A vegetação é tristonha, como se fosse o cenário das velhas histórias de bruxas e fantasmas horripilantes. Alguns arvoredos se agitam em movimentos ferozes; outros, sem folhas, parecem erguer os braços nus em resignada tortura vegetal, como enfeites fúnebres em meio à fuligem do ar. Desde a menor lâmina de capim até o mais alto vegetal tudo é ameaçador, sinistro, medonho. É como se tudo ali sofresse, até as plantas.

Em meio a este ambiente há o que se poderiam chamar de cidades. São ajuntamentos de malfeitores, verdugos e espíritos dos que se excedem ao extremo quando encarnados, em profissões de destaque.

Ali estão os médicos que, no mundo terreno, fizeram da dor e da ignorância, um balcão de negócios. Estão os engenheiros que enriqueceram às custas de negociatas. Os políticos que enganaram seu povo. Os advogados que defenderam os interesses próprios, em detrimentos dos clientes. Os militares que praticaram injustiça à sombra das forças armadas. Os administradores que dilapidaram os cofres públicos. Ali está a mulher que viveu no conforto, coberta de jóias em prejuízo alheio. Está o padre que conspurcou o altar da igreja. Está o ocultista que abusou de seus poderes para enganar e favorecer-se a si mesmo. Está o médium espírita que trocou os bens do Alto pelos prazeres do mundo. Está o pastor puritano, mas avaro e cruel. Está o macumbeiro que montou negócio lucrativo através de despachos nas encruzilhadas. Está aquele que conseguiu burlar as leis terrenas com propina suja, vinda do comércio do tráfico. Está toda a escória do mundo!

As cidades são dominadas por irmandades de seres diabólicos que continuam, na espiritualidade, a prática de crimes hediondos contra as almas recém chegadas e contra os encarnados da Terra. São os Senhores das Trevas.

Uma das cidades que visitei assemelha-se a um imenso losango, em cujas pontas ficam sórdidos subúrbios que se estendem por muitos e muitos quilômetros de vastas zonas abismais, completamente atulhadas de criaturas, num pavoroso caos de dores e sofrimentos, como magotes de prisioneiros provenientes dos campos de concentração. Os chefes satânicos destas povoações medonhas mantêm verdadeiro exército de policiais tão impiedosos quanto os próprios mandantes. Estes vigilantes sinistros se destacam pelas capas negras e luzidias; têm aspecto ameaçador, causando terror por onde passam. São fortes, fisionomia rude, andam em grupos de seis a doze. Sob o mais sádico barbarismo cortam a chicotadas, os infelizes que cruzam seu caminho. É um espetáculo de terrível crueldade de se assistir: homens e mulheres que, apesar de já se encontrarem na mais negra fase de miséria e descalabro psíquico, recebendo atordoante chuva de chibatadas cruciantes.

Seus gritos lancinantes ou gemidos surdos mais provocam gargalhadas do que piedade nos que empunham o chicote.

A maior parte desta multidão de criaturas infelizes, depois de ter servido como repasto aos apetites infames dos mais graduados em processos que prefiro não revelar, é enxotada para fora do perímetro aristocrático.

Outra parte é recém chegada, em fase de observação pelos vigilantes.

Alguns são mandados à Terra em serviço de obsessão aos terrícolas, pois tais regiões ficam próximas da crosta do planeta, conseguindo influenciar os vivos que se comprazem em atos, pensamentos e sentimentos baixos.

Essas comunidades onde se situam infelizes padecentes dos maiores horrores jamais imaginados pelo cérebro humano também são alvo de atenção e do socorro das Equipes Espirituais Superiores, que procuram recuperar os menos culpados e levá-los para zonas assistenciais, assim como aqueles que já purgaram nos charcos imundos, as toxinas cáusticas que os levaram aí.

Caminhava eu rente aos paredões imundos daquelas regiões abismais, quando subi numa elevação do solo para melhor me orientar sobre os becos escuros e inundados de lama asquerosa. E a cena que vi foi apavorante:

Vasta multidão de criaturas estropiadas e coladas ao solo pegajoso, como se fossem répteis e vermes. De longe, sentia-se o mau cheiro da matéria apodrecida daqueles indivíduos. Embora profundamente enojado, resolvi penetrar viela adentro e assistir, de perto, ao espetáculo que me pareceu o mais degradante e horripilante entre todos os que já vira.

Muitos daqueles seres estavam mutilados; outros eram verdadeiras chagas vivas; os alienados gargalhavam sinistramente; muitos traziam estigmas que os identificavam com a natureza de suas paixões animalizadas. Ali não havia ordem nem lei. Não se ouvia o riso de criança, nem as vozes dos homens revivendo aventuras do passado. Nenhum sinal de trabalho ou alegria se verificava naquela imundície toda. No ar, as irradiações da mais baixa brutalidade, cupidez e inveja misturada ao feroz egoísmo.

Eu andava e o horrendo espetáculo dos rebotalhos vivos não terminava. Continuavam a surgir outros infelizes apresentando repulsivas deformações; muitos deles curvados pela dor, portavam úlceras estranhas, atrofia repelentes e padecimentos que não poderiam ser descritas em palavras. Alguns andavam, outros se arrastavam. Tristes restos do que foi gente! E tinham algo em comum: olhar pavoroso, andar vacilante quando conseguiam andar; gestos indefinidos, roupas imundas em farrapos, corpo em ossos, crostas de lama endurecida ou pendente pelos membros. Figuras medonhas, impossíveis de serem imaginadas pelos seres encarnados que vivem em meio à beleza, mesmo que postiça; aos perfumes, às roupas trocadas todos os dias, ao asseio da casa e à limpeza das ruas.

Reconheci-me num vasto conjunto de almas retardadas no caminho evolutivo espiritual que se amontoavam, entregues a toda espécie de sofrimentos morais e físicos, apesar de não possuírem mais o corpo físico.

Encontrei becos tão atulhados de infelizes devorados pelas feridas e em tal inércia, que faziam lembrar quadros aterrorizantes dos campos de concentração onde corpos esqueléticos, mas com sinais de vida, eram atacados pelos ratos em meio a pilhas de ossos e carnes apodrecendo. Os venenos do psiquismo enfermo escorriam pelas feridas, enquanto clamores e gemidos me feriam os ouvidos e a sensibilidade. Visão inesquecível!

Milhares de trapos humanos exaustos, à procura de sedativo e esperança. Entre choro e gemidos, outros tentavam se arrastar para dentro das tocas de piso nojento, pantanoso e esverdeado - mas eram expulsos a pancadas do seu interior, onde já se amontoavam homens e mulheres, aninhados na mais completa promiscuidade e desrespeito pelo pudor humano.

Havia seres de borco com os lábios na lama fedorenta, sorvendo sem querer aquela imundície como se fossem bêbados atirados no chão. Estes não passavam de farrapos quase imóveis e já sem voz para os lamentos, completamente esgotados em suas forças físicas e mentais. O caminho pestilento e inundado de sufocantes emanações gasosas obrigava-me a andar com cuidado para não pisar nos corpos cobertos de feridas que vertiam líquido escuro e pegajoso. Estes desgraçados se confundiam à lama e somente alguns movimentos lerdos deixavam perceber sua presença naqueles charcos repelentes.

Tudo pavoroso, o pior dos pesadelos! Compreendi, porém, que aquele era o meio mais eficaz de drenar as toxinas existentes nos espíritos que se dedicaram ao mal.

Os infelizes que habitam estas regiões não foram encaminhados a elas por ordens superiores - ali estão devido à atração natural, por se afinizarem a este tipo de decadência. “Semelhante atrai semelhante”. Esta é a lei.

Quando os homens da Terra se atolam nos vícios e nas atividades perniciosas, quando saem em busca de prazeres sensuais, quando preferem gozar a vida em lugar de cuidar da própria melhoria interna e de ajudar na melhoria do próximo, já são futuros inquilinos destes charcos astrais, pois o elo de simpatia magnética os direciona para as regiões inferiores. O mundo que encontrarão no outro lado da vida é o produto exato dos seus pensamentos, sentimentos, atos e desejos. As criaturas se reúnem de acordo com suas afinidades - seja na alegria, no sofrimento, na virtude e na maldade.

No astral inferior, as almas se agrupam por afinidade de sentimentos e, como há um padrão entre os delinquentes, estes se juntam em vales, de acordo com seu tipo de vibração e tipo de sofrimento a ser vivenciado.

Assim, há o Vale dos Suicidas, onde purgam os que se matam.

Há outros vales que abrigam outros tipos de delinquentes: os ladrões, os invejosos, os avaros, os ciumentos, os cruéis, os bebedores...

Há duas situações que me impressionaram mais que as outras: a dos suicidas e a do fazedor de anjos, os abortadores profissionais. São estes dois crimes os que geram as mais horripilantes situações no mundo astral inferior, pois se tratam ambos, de crimes contra a vida, nos seus aspectos mais repugnantes.

O suicídio é a revolta suprema contra Deus. Aquele que se mata interrompe a vida que devia aproveitar até o último segundo e revive, no astral, as cenas do seu ato derradeiro, devendo sofrer de modo bárbaro até o instante exato em que deveria desencarnar de forma natural, de acordo com o prazo previsto pelos Planejadores do Espaço. (Para maiores detalhes, ler: “Memórias de um suicida” e “Depois do suicídio...”).

Os abortadores profissionais são os piores carrascos das almas.

Os infelizes especialistas do aborto não percebem! Nem sonham que estão colocando nos próprios ombros um fardo contendo os mais pavorosos padecimentos e que vão sentir seu peso, compreender o que fizeram em toda sua totalidade, depois que a morte os separar do corpo. Sem mais o organismo físico que os protege contra as investidas de suas vítimas, sofrerão os mais requintados tormentos pela turba de almas que impediu de nascer.

d- Consequências para o médico aborteiro

Continuemos dando voz a Atanagildo, autor de “A vida além da sepultura”. Sobre o destino dos médicos abortistas, ele diz:

Não encontro palavras para descrever o sinistro futuro destes desgraçados depois da morte. Nenhuma força consegue protegê-los dos carrascos que, depois de lhe proporcionarem toda sorte de torturas e pavores, os deixam em frangalhos feito trapos, piores que os personagens da mais horripilante novela jamais criada pela imaginação de um Edgar Allan Poe! Não desejo torturar mentes, nem impressionar com quadros dantescos passados na vida astral com quem desprezou seus deveres e passou pela Terra como tenebroso cortador de fios de vida, por um punhado de dinheiro.

Os abortadores enriquecem na prática horrenda do crime e, depois da

morte, o prazo para o término de seus sofrimentos não se pode avaliar, pois, isso vai depender do tempo que seus adversários resolvam torturá-los até se darem por satisfeitos e bem vingados. Os abortadores, depois de haverem curtido no charco purgatorial o seu psiquismo envenenado pelos crimes praticados, ainda se deparam com medonhas e ameaçadoras presenças daqueles que lhes vigiam os mínimos atos e espreitam-lhes os mínimos pensamentos. Nenhuma réstia de luz os alcança porque, devido à natureza do lodo que lhes agrega ao perispírito precipitam-se, naturalmente, em regiões impregnadas do mesmo magnetismo do qual também são portadores. Mesmo a luz angélica que lhes é projetada das regiões superiores não lhes são proveitosas, em face da substância denegrida que lhes fica aderida ao corpo astral.

Quanto à natureza do **sofrimento dos fazedores de anjos**, eu os tenho visto nos charcos purgatoriais na mais pavorosa situação de padecimentos a que foram condenados pela própria tarefa de extinguir vidas no nascedouro. Estes médicos, enfermeiros, parteiras ou charlatães assassinos assumem no espaço aspecto inexpressivo e deformado, como se fossem massas gelatinosas monstruosas que se arrastam por um solo negro e viscoso, deixando sulcos por onde passam e se movendo dificultosamente na forma de larva humana.

Apenas se consegue perceber uma réstia de vida no seu olhar apagado.

A fisionomia não lembra o semblante de um ser humano, mas sim, um aspecto bovino apalermado. O restante do corpo não apresenta forma humana conhecida; lembra mais um verme gigante que se arrasta entre sofridos esforços, tentando se libertar da armadura viscosa que o prende. E tudo isso, em pleno gozo da consciência! Quem os puder ver vai verificar que estas infelizes criaturas assumem, no astral inferior, a forma de gigantesco feto, encimada por cabeça humana deformada! Tais almas permanecerão em sofrimento longo e pesado até que se drene toda a energia repugnante que lhes aderiu ao perispírito. A maior parte destes fluidos é escoada nos charcos e regiões abismais. A parte restante poderá ser aliviada pelos técnicos benfeitores, assim que a alma fizer jus à assistência espiritual.

Inúmeros estabelecimentos hospitalares e núcleos de socorro existem nas adjacências das regiões astralinas inferiores, servindo a todo espírito que, já purgado nas suas culpas, queira se renovar e ingressar nas equipes dos Servidores do Bem. Alguns deles, embora ainda não estejam totalmente limpos das terríveis aderências perispirituais, aceitam tarefas dolorosas de socorro a companheiros em piores condições. Assim, em trabalhos de abnegado sofrimento em benefício de outrem, eles criam o merecimento para o próprio alívio e assistência do plano mais alto.

E quando estiverem mais aliviados de parte das culpas, recebem a bênção da reencarnação, mas levarão para a Terra as marcas das ativida-

des negativas que ainda lhes pesam nos ombros... Isso, se não forem abortados!

Ao reencarnar, estas almas não têm por onde fugir à imposição de reproduzir no corpo físico, algumas das deformações apresentadas no Plano Astral. Acontece que o perispírito continua mutilado pela prática ignóbil a que se entregaram. Nascerão em corpos constituídos de carne mole e gelatinosa como bonecos de pano, com o sistema nervoso atrofiado. Passarão a existência dentro de cestos, de caixotes ou mesmo dentro de berços ornamentados em residências confortáveis - mas com a fisionomia marcada por um ar de idiotia, mais parecendo retratos inacabados. Muitas vezes são vistos pelas ruas, amontoados como fardos vivos, despertando sentimentos de piedade a quem passa - mas despertando também certa repulsa instintiva por se pressentir ali, a alma que, no passado empregou os melhores anos, os maiores esforços, toda a sua inteligência e seu conhecimento no desempenho do trabalho sinistro de esquartejar pequeninas vidas humanas.

Em “Deixe-me viver”, Luís Sérgio conta suas experiências sobre o mesmo assunto e podemos verificar que há muita semelhança entre ambas as narrações. Ele diz ter ido, junto a outros, visitar um local onde estavam os *fazedores de anjos* e as mulheres mortas ao abortarem. Eis seu depoimento:

*Entramos no **Vale dos Abortadores.***

Casas corroídas, praças em desordem, como que uma cidade fantasma bombardeada numa guerra. O mau cheiro era quase insuportável e o nosso caminhar, muito penoso. Andávamos como se estivéssemos atolados em lama de gelatina. Pelas ruas, mulheres correndo feito loucas, cabelos desgrehnados, roupas em trapos. Algumas ainda se encontravam grávidas e podíamos ver, dentro delas, o espírito em forma de feto que, apesar de sofrendo também, sentia sinistra felicidade por infelicitar quem o assassinou.

Bem perto de nós, envolto por uma dúzia de espíritos obsessores, debatia-se um médico aborteiro. Sua forma era como a de um feto com cabeça deformada, mais parecendo um verme e, colado nele, algumas de suas vítimas. O infeliz era quase só uma massa mole arrastando-se com dificuldade pelo chão pastoso. Quem o visse não diria que o grande, o rico, o famoso doutor de ontem é hoje esta massa, esta coisa detestável, verme disforme! Ele está agora tão indefeso como ontem estavam as suas pequenas vítimas!

E assim, fomos vendo pelas ruas aqueles seres horrendos rolando no charco infecto, naquele pântano da dor. Eles se arrastavam no chão nojentto, rodeados por suas vítimas que não os perdoavam.

O local está repleto destes que ganhavam dinheiro matando - e de mães que morreram no ato de impedir a vinda de seus filhos.

*Muitos dos espíritos que rolam naqueles charcos nem chegaram a praticar aborto nenhum - apenas **defenderam o aborto** ou **criaram leis favorecendo-o**, ou ainda **induziram mulheres à sua prática**. Hoje moram ali, junto aos exterminadores, junto aos que esparramaram dores em redor de si.*

Ricardo Di Bernardi nos dá um alô sobre o mesmo assunto:

A ignorância sobre a lei gravitacional não poupa aquele que joga uma pedra para o alto, de receber o impacto da mesma sobre sua cabeça. A pedra cai de volta, pela simples existência das leis naturais.

Há, no entanto, muitos fatores que atenuam a responsabilidade de um médico que escolhe a prática do aborto em determinada gestante.

*A **intenção** que leva o profissional a interromper uma gravidez é a melhor medida para medir a gravidade do seu gesto. A piedade pela fome, pela extrema miséria em que vive a gestante ou ainda por algum defeito físico ou mental que atinge a paciente ou o embrião, poderá fazer com que o médico tome a decisão de eliminá-lo. Esta decisão - ainda que equivocada - lhe parecerá acertada frente aos dramas da gestante. **E esta boa intenção lhe será levada em conta na hora dos acertos com as Leis Maiores.***

Para muitos profissionais da medicina só existe vida biológica. O desconhecimento da existência da alma, da necessidade de evolução através de vida atribulada é comum aos médicos. Por falta de informações, crêem que a ciência espiritual seja religião de fanáticos, cheia de mistérios, rituais e dogmas. Ao desconhecer as verdadeiras razões que fazem alguém nascer neste ou naquele meio, nesta ou naquela condição, parece acertado evitar o nascimento de uma criança que será, com certeza, outra sofredora no mundo. Esta é, na verdade, visão distorcida e parcial dos fenômenos da vida.

Todos nós, médicos, somos assistidos espiritualmente no exercício da nossa profissão. Cabe a cada um abrir os olhos e os canais apropriados para receber as orientações necessárias em cada caso que se nos apresente. Se, por ventura, estejamos incorrendo em frequentes equívocos éticos, nosso padrão energético se desequilibra impedindo intuições espirituais. Neste caso, assumimos a responsabilidade pelos males que produzimos.

*O grande móvel da responsabilidade, porém, é a **intencionalidade**.*

Frequentemente, no entanto, o que leva o médico a agir contra a vida de um bebê não nascido é o interesse financeiro. Neste caso, a situação se agrava em grau superlativo sob o ponto de vista espiritual. Evidentemente, são excluídos de responsabilidade aqueles que, no cumprimento do dever, executam o aborto no intuito de salvar a vida da mãe.

No tocante a médicos gananciosos, aos charlatães, e até às abortadeiras profissionais, as consequências fazem inveja às descrições que Dante fez do inferno. Ainda na vida presente, antes ainda da passagem pelo túmulo, estes aborteiros se fazem acompanhar por espíritos das trevas capazes

de infundir pavor a quaisquer pessoas vivas ou não. Dito acompanhamento espiritual é formado por formas viscosas e aderentes, elementos espirituais deformados e animalizados, compondo grupo horripilante que se fixa nos ambientes usados para matar bebês não nascidos.

Alguns aborteiros ainda vivos, já se envolvem em desagregação psíquica. Outros mergulham numa aura escura e adoecem de dolorosas enfermidades. Outros desestabilizam o ambiente doméstico pela interferência dos obsessores. Nas encarnações seguintes, as consequências os acompanharão e se farão presentes, possivelmente trazendo problemas ligados à paternidade - ou maternidade - em todos os níveis de situações, pela atração automática com as vítimas do passado.

Mas sempre é tempo de retroceder. Ainda na presente vida é possível retomar o caminho do arrependimento que leva ao Amor e à Luz Divina.

e- Consequências para mães abortadeiras

1- Consequências físicas:

Diz Luiz Sérgio que alguns espíritos, ao sofrerem o aborto, não se separam da mãe. Colam-se à sua aura e, por mais que se faça para retirá-lo daí, relutam em sair. Quando isso acontece, a mulher pode continuar sua vida na Terra, mas, pela vida afora segue cheia de remorsos, entra em depressão, contrai moléstias de difícil diagnóstico e, quase sempre estas doenças a levam à **morte antes da época prevista**. Neste caso, por propiciarem a própria morte são **suicidas**, mesmo que não quisessem morrer. E vão sofrer no além-túmulo, mais do que sofrem os próprios suicidas, pois, além de sua morte ocorrer antes do tempo, aconteceu devido ao **assassinato de outro ser**.

É, pois um suicídio com duas mortes ao invés de uma.

Outra consequência física para aquela que aborta é apresentar dificuldades depois, quando realmente deseja ter um filho. A este respeito, Luís Sérgio conta o caso de Isabelle aqui resumido:

Engravidou aos 16 anos. Seu parceiro tinha 45 e, o pior, era seu cunhado! Ao saber da gravidez, fez com que ela procurasse uma clínica sinistra. O feto foi retirado, mas seu espírito colou-se ao útero da mãe.

Um processo hemorrágico teve início. No entanto Isabelle, horas depois foi reconduzida à casa, já considerada fora de perigo. Os pais estavam em viagem e só o irmão mais novo e as empregadas lhe faziam companhia. Assim, não foi difícil para a jovem o período de recuperação, ainda mais que o cunhado *solícito* lhe prestou os devidos cuidados. Sim, a recuperação física até que ia bem - mas, o espírito do filho, aderido fortemente ao útero, a perturbava mentalmente. Isabelle começou a apresentar desequilíbrio emocional; chorava, gritava, atirava ao solo os objetos que lhe estavam à frente. Médicos foram chamados e só constataram um pouco de anemia e cansaço mental. Nada grave, mas Isabelle piorava. Em sonhos, via o bebê que a chamava de criminoso e, sem poder esquecer o assassinato que praticara, passou a ouvir a voz da criança mesmo quando desperta. O espírito do filho mais e mais se ligava ao corpo da mãe, afirmando: ‘-Não saio daqui! Vou matá-la, pois você me matou! Você vai morrer comigo!’

Por fim, com muito esforço da equipe espiritual Yves, o abortado, acabou sendo retirado e levado rumo ao socorro que necessitava.

Quanto à Isabelle, ficou estéril, sem poder ter outros filhos.

Adiante, o autor espiritual afirma:

“-Dez por cento das mulheres que provocam o aborto morrem ou se tornam vítimas de graves lesões físicas. A esterilidade é frequente.”

O jornal “Folha de S.Paulo” (4 de outubro de 97, página 3.1) diz:

Induzir o aborto com uso de medicamentos ou perfurando a placenta pode levar a gestante à morte. A forma mais comum, no Brasil, de tentar interromper a gravidez é por meio de certo remédio. Tomado em altas doses, este remédio age no músculo uterino, provoca fortes contrações e acaba expelindo o feto. Depois disso, a mulher pode ter fortes reações ao aborto, com hemorragias. Há casos em que estas hemorragias levam à morte.

Perfurar a placenta também é forma de provocar o aborto com muitos riscos. A gravidez é interrompida, mas há a possibilidade de forte infecção ou hemorragia. O Professor Doutor Carlos Alberto Diêgoli da clínica ginecológica do Hospital das Clínicas afirma: “-As infecções podem ser muito sérias e há casos em que causam a esterilidade.”.

Testemunho interessante nos chega através de André Luiz, narrado no livro “No mundo maior” (Francisco Cândido Xavier). Este fato é bastante semelhante àquele narrado sobre Isabelle por Luiz Sérgio, no que diz respeito aos desejos de vingança da alma do abortado em relação à mãe.

André Luiz narra que, com outros espíritos socorristas, foi em auxílio de uma jovem que estava prestes a provocar um aborto. Esta moça havia perdido a mãe há oito anos e foi criada com mimos excessivos. Filha única burlou a vigilância do pai e, abusando da liberdade, acabou vendo-se às voltas com uma gravidez fora do casamento.

Mas Cecília - este era o nome da jovem - reagia ao fato e quis se desfazer do filho. O espírito da própria mãe foi chamado para atuar junto à moça no sentido de aceitar a gravidez, necessária ao reequilíbrio da lei do carma.

O espírito materno dava orientações através de pensamentos, mas a moça se esquivava a aceitar a gravidez. Os médicos se negaram a praticar o aborto e ela passou a usar remédios venenosos e abusou deles, a ponto de prejudicar a própria saúde. Foi neste ponto que nossa equipe foi acionada.

Penetramos no aposento. Estirada no leito estava Cecília, tendo ao lado uma enfermeira que a ajudaria a se livrar do bebê. Deplorável era o quadro do embrião, quase a ser eliminado por aquele corpo saturado de drogas. Também o estado de saúde da moça era precário, sendo que seus centros endócrinos estavam em completa desordem. Do seu cérebro desciam filetes escuros que chegavam ao útero, prejudicando a estrutura do feto. Em sintonia com a mente da enferma, eu ouvia-lhe os pensamentos:

“-Não quero esta criança! Eu a matarei! Eu me livrarei dela!”.

A mente do bebê, como que acordado de um sono, pedia: “-Preciso viver! Tenho dívidas a pagar! Ajude-me, mãe! Não me mande de volta!”.

“-Amaldiçoado! - respondia mentalmente, Cecília - Prefiro morrer a ter você nos braços! Você me envenenou a vida, me perturbou a tranquilidade!” Em voz alta, Cecília se dirigiu à enfermeira: “-Vamos! Por que espera? Estou cansada, mas ainda hoje quero estar livre desta amolação.”.

“-Se está cansada, é porque o organismo não está em forma. É melhor esperar mais. Durma. Procure descansar; depois, a gente resolve.”

Cecília tomou o calmante que a enfermeira lhe ofereceu e, dentro de pouco, entrava num sono calmo. A alma liberta temporariamente pelo sono passou a nos ver e parou, espantada, frente à mãe. Esta abraçou a jovem e pediu: “-Filha, não escolha o aborto. Ainda está em tempo, não faça isso!”.

Cecília pensou nas leis humanas que, na época, não perdoavam a uma moça solteira ter um filho. Lendo seus pensamentos, a mãe continuou: “-A sociedade tem seus princípios, mas é preciso estar ao lado de Deus e não dos ditames sociais. Por agora, você vai encontrar sofrimentos, porém, mais tarde será feliz pelo dever cumprido. Esqueça a sua beleza! Não tema perder as formas do corpo! A morte virá de qualquer modo, seja você bonita ou não. Pegue sua cruz e siga em frente. Se lhe faltar o amparo do mundo, será seu filho a repartir as próprias forças para que você fique em pé. Pense no quanto lhe fará falta dois bracinhos aveludados a lhe abraçar.”.

“-Por que você não me disse estas coisas enquanto vivia? Estou sozinha com um problema! Como criar um filho se não sei trabalhar? Será que devo esmolar pelas ruas? Não, não! Não desisto do aborto!”

“-Reconheço que não a preparei para a vida e peço que me perdoe. Mas ainda é tempo! Antes mendigar o pão, que desprezar as oportunidades que Deus nos dá! Antes amargar a maldade humana, que amargar as consequências pelos erros em nome de falsa moralidade! Antes o sofrimento por um filho, que os sofrimentos por não ter tido tal filho. Sim, querida, eu errei por excesso de ternura - mas você está errando por excesso de maldade! Aceite a humilhação na Terra, mas não complique o seu destino. Eu não chorei ainda todas as lágrimas por ter errado na sua educação e espero que você não venha a chorar pelo remorso. Volte atrás! Ainda é tempo!”

A moça, porém retornou ao corpo que dormia. Acordando do que parecia ter sido um sonho, olhou a enfermeira e disse em tom sonolento: “-Tive um pesadelo... Vi minha mãe que já morreu. Ela me paciência e... Não! Não! Eu vou até o fim! Prefiro a morte a ter este filho!”.

“-Este sonho não seria um aviso? Não seria melhor aguardar mais?”

Cecília, porém, exigiu e, sem ter mais como se esquivar, a outra começou os preparativos. Diante de nós, a intervenção abortiva teve início. O filho reagia ao ser violentado. Seus movimentos se tornavam mais rápidos à medida que prosseguia a marcha da extração. E filetes escuros começaram

a partir do pequeno cérebro em direção à mãe, cruzando-se com os raios escuros que vinham em direção a ele. Crescia a desarmonia entre ambos.

Depois de longo e doloroso trabalho, o entezinho foi retirado, afinal. A enfermeira, porém, conseguiu retirar apenas parte da criança. O restante, atraído pelo útero materno, resistia à expulsão. Que situação triste de descrever! A mãe querendo expulsar o filho e este, já morto, recusando-se a ir embora. Depois, o ódio tomou conta por inteiro da alma que não chegara a nascer e ela agarrou, com força, aos pontos vitais do organismo da mãe, provocando hemorragia. Ato contínuo, o pequeno espírito alcançou o coração de Cecília, obstruindo a passagem do sangue e fazendo agravar a hemorragia em tal intensidade, que obrigou a enfermeira a pedir socorros.

Ficaram ali, mãe e filho, atacadados um ao outro. Assemelhavam-se a duas feras algemadas entre si. Cecília sentia a presença do filho, agitava-se e não parava de falar: “-Odeio você, que veio para me lançar à vergonha!”.

Agarrado aos centros vitais da mãe, o espírito dizia, por sua vez: “-Eu me vingo! Não a perderei nunca! Eu lhe pagaria com amor, o presente do nascimento. Mas você me negou este presente e isso fez acordar a perversidade que dormia em mim. Você me condenou à morte e, por isso, eu a condeno à morte também! Não fui aceito a serviço do amor... portanto, ficarei a serviço da vingança! Eu morro, mas você vem comigo!”.

Nada pudemos fazer para separar aqueles dois e a morte de Cecília aconteceu dentro de poucas horas. Mesmo mortos, continuaram engalfinhados, lutando ferozmente como se pudessem liquidar-se entre si.

Por quanto tempo ficarão assim? Por quanto tempo, Deus meu? Por quantos anos rolarão atreladas ao ódio? Quanto tempo levará até que possam se apartar e, finalmente renascer como mãe e filho, tantas vezes quantas necessárias até que se perdoem? Por quanto tempo ficarão entrelaçados?

Ouvindo meus pensamentos, nosso Assistente Espiritual esclareceu:

*“-André Luiz, você viveu uma experiência nova. Mas é nova somente para você. **Tal fato pavoroso, todos os dias se repete.** Cada mulher que resolve expulsar o filho precisa saber que é possível morrer junto, pois o filho pode como você viu, arrastar consigo a mãe criminosa. Muitas mulheres morrem **por dia**, deste mesmo jeito!”.*

2- Consequências psíquicas

E, mesmo quando não ocorre a morte nem a esterilidade, a mulher que tenha provocado o aborto sente certa reclamação da consciência, sempre.

Arrependimento e remorsos tardios. Para Ricardo Di Bernardi, “*são comuns os processos depressivos que acometem a mulher que se submeteu à*

interrupção da gravidez. A sensação de vazio interior misturada com sentimento de culpa ocasiona baixa de vibração na esfera psíquica. Paralelamente, a ação negativa exercida pelo bebê expulso passará a pesar ainda mais na situação depressiva materna.”

Bem lembrado.

O espírito expulso à medida que recobra a consciência, de onde estiver passa a emitir pensamentos de desagrado - pensamentos estes que atingem, de forma nociva, a pessoa da mãe que o desprezou. Muitas vezes estas influências carregam a mulher pelos tristes caminhos da psicopatologia. É possível que a perturbação exercida pelo espírito rejeitado seja a causa dos sofreres apresentados pelas mulheres entrevistadas pela revista “Veja”.

Já foi falado sobre esta reportagem, mas voltamos a ela para ilustrar as consequências psíquicas: angústia, tristeza, lágrimas, tormentos solitários, arrependimento. As dores provenientes do remorso superam, de longe, quaisquer dores físicas. Para ilustrar, vamos repetir aqui, o editorial:

*“Elas resolveram falar... Falaram de **angústia**, de **culpa**, de **dor** e de **solidão**. Não foi fácil. As mulheres não costumam falar sobre o assunto porque, além de ilegal, o aborto **evoca pesadelos da vida real**, compartilhados apenas com pessoas mais íntimas. **Ninguém faz um aborto de alma leve, nem o lembra com tranquilidade**. Os dezoito fotógrafos e vinte repórteres mobilizados para esta apuração mergulharam em **tormentos pessoais e traumas**.” Ao todo, foram oitenta mulheres que, corajosamente, contaram o que sofreram.*

Vejamos alguns destes casos mencionados pela revista.

De Cássia Kiss: *“-As pessoas precisam saber que, provocar o aborto, em qualquer circunstância, é crime.”* Ela conta que praticou um aborto e que, quando fez a novela “*Pantanal*” no papel de Maria Marruá, há uma cena em que dá à luz uma menina. E confessa: *“-Fiquei emocionadíssima durante a gravação desta cena. Logo depois chorei copiosamente, durante quase uma hora. Foi um momento divino. Comecei aí a descobrir o valor da maternidade, a importância de ter um filho.”*

Disse ainda que, na vida particular, depois de casada e disposta a ter um filho, engravidou - mas que foi surpreendida por um aborto espontâneo, no terceiro mês de gravidez. E completa: *“-Recebi o fato como um castigo de Deus. Resolvi que iria tentar quantas vezes fossem necessárias. Hoje, eu me recusaria a fazer qualquer exame, pois, mesmo que ficasse comprovado que o bebê tivesse algum problema, ainda assim eu levaria a gravidez adiante.”*

Em programa da TV Cultura, dois meses depois, Cássia Kiss disse estar arrependida por ter abortado e que hoje, mesmo que fosse vítima de estupro e engravidasse, mesmo assim não abortaria outra vez.

Sobre Hebe Camargo, a revista assim se expressa: *“Aquela senhora se portou durante a entrevista de maneira bem diferente da que aparece na televisão. Deixou de ser tão segura de si e ficou com os olhos cheios de lágrimas; parecia uma menina frágil de dezoito anos.”*

A jornalista Elizabeth Santana revelou que *“durante anos, guardou o dia 25 de setembro, data do aborto, enlutada pelo filho que não quis ter.”*

Elba Ramalho realizou há 24 anos, um aborto e diz: *“-Tem hora que me lembro e acho que agi de modo correto, porque não havia outra saída. Mas depois penso de novo e fico na dúvida: Será que agi certo mesmo? Se ficasse grávida outra vez, não faria o aborto, mesmo que não desejasse o filho”*.

Ainda na mesma revista:

De Dom Rafael: *“-Nenhuma mulher que induz o aborto consegue referir-se ao fato com a naturalidade de quem foi lixar as unhas no salão.”*

A revista conta que entrevistou mulheres que admitiram ter cometido o aborto, mas que não conseguem conviver com o fato: *“Não importa que não estivessem em condições de criar a criança; não importa que depois tiveram outros filhos saudáveis; em muitos casos só sobrou alguma coisa **a-marga, uma tristeza, uma culpa.**”*

(Sim, aborto é crime! Se não o é aos olhos do mundo, o é aos olhos de Deus.

Mas... e se você já praticou algum aborto, o que dizer?

Continue a leitura. Adiante está a solução que você, talvez, esteja precisando.)

3- Consequências no além-túmulo

Do livro *“Instruções Psicofônicas”*, de Chico Xavier, extraímos a presente página. É o alerta de uma mãe que, ao praticar o aborto, veio a morrer junto. Esta mensagem psicografada foi recebida a 23 de setembro de 1954, de um espírito sofredor de nome Maria da Glória. Era a segunda vez que a mesma se comunicava no mesmo local, para as mesmas pessoas:

Meus amigos, Deus nos ampare.

Eu trazia enlaçado a mim, o espírito revoltado de meu próprio filho, cuja reencarnação impedi, num aborto onde também eu perdi a vida. Leviana e surda aos deveres, adquiri compromissos ao me esquivar da maternidade. E, por não querer o filho que me palpitava no ser, procurei destruí-lo, usando bebida venenosa que, igualmente, me levou do mundo.

Eu supunha, entretanto, que a morte fosse somente um ponto final à minha tragédia íntima - mas estava enganada porque, da poça de sangue e dos despojos se levantou-se diante de mim, uma sombra acusadora. Era uma nuvem sem forma que vi se levantar. E, desta nuvem, nascia o choro incessante de um recém nascido. Tentei silenciar aquele choro angustioso com orações decoradas na infância. A nuvem, porém, continuava como que algemada ao meu próprio peito, através de laços invisíveis. Abandonei os meus aposentos de solteira onde estava meu corpo morto e procurei fugir, como se pudesse escapar de mim mesma. Perdi a idéia de rumo... Esqueci o calendário. A nuvem e eu corríamos sem parar...

Houve um momento em que a nuvem se transformou num homem que me perseguia, amaldiçoando: - 'Desnaturada! Assassina!'. Desejei assim, depois da morte, a vinda de outra morte que me afundasse no esquecimento.

Sentindo sede, debruçava-me no charco! Torturada de fome atirava-me aos restos dos animais mortos no campo! Anos em sofrimento sem fim!

Ah! Como será possível alguém adivinhar, na Terra, o tormento da consciência que criou para si mesma o inferno que a envolve?

Minha existência passou a ser um suplício terrível, sem nome. Chegou, porém, a noite em que vim a este templo. Mãos amigas apartaram de mim aquela sombra que me maltratava e o alívio surgiu, por fim.

Mas, pedi explicações sobre minha situação no passado e a resposta.

Para saber os motivos das dívidas desta última vida, fui submetida a uma intervenção magnética, com o objetivo de recuar no tempo. Foi-me apresentada uma visão da vida anterior, no Rio de Janeiro. Eu era uma menina mal nascida, pobre, sem pais, sem família. Fui criada no palácio imperial por D. Mariana Carlota, Condessa de Belmonte, que também era aia do menino que viria a ser o Imperador D. Pedro II.

Nesta visão me vi conduzida ao leito de uma menina enferma, prestes a morrer; tratava-se da Princesa Dona Paula, que sentia muita afeição por mim. Por causa dela eu havia sido recolhida no palácio, mas com sua morte eu ficaria outra vez desamparada, aos treze anos. Ela morreu, porém não me mandaram embora. Fui mantida em São Cristóvão, na posição de criada. Aos vinte anos, casei-me com um artesão da Casa Real. Miguel era o nome do meu marido e tivemos duas filhas.

Vi-me então, em 4 de setembro de 1.843, na noite festiva do casamento de D. Pedro II, nosso muito amado Imperador. Nesta noite, esqueci-me dos

deveres todos e fui à procura de um homem que me assediava. Encontramos na Rua Direita, junto ao Arco do Triunfo. Fui então surpreendida por meu marido em atitude indigna. Sem resistir ao golpe, Miguel suicidou-se.

E minha vida sofreu grande transformação. Vieram dificuldades, enjeitei minhas filhas e dividi meu destino com aquele homem que me levava à ruína. Mas ele me atirou no mundo na qualidade de mulher de ninguém.

A sombra de meu marido suicida jamais se afastou de mim. Espírito vingativo, ele me perseguiu. Fez piorar minhas provações e me acompanhou até a morte, ocorrida num asilo de alienados mentais, após longa peregrinação pelo meretrício. Ao me desligar do corpo já estava ele à minha espera. Aí, começou para nós ambos, uma noite de escuridão profunda. Uma noite imensa povoada de ódio, dor, gritos, blasfêmias, sofrimentos...

Depois voltei à carne outra vez, em novo corpo de criança. Cresci, me fiz mulher. Amando e me odiando ao mesmo tempo Miguel, que ainda se encontrava perdido nos sofrimentos da vida espiritual, procurou nascer como filho meu e poder continuar junto a mim - mas arruinei-lhe os propósitos, praticando o aborto onde também perdi a vida. Isto foi em 1943.

E retornamos os dois, às trevas de onde vínhamos. Tudo a recomençar!

Este é o martírio de uma mulher que nada fez, em cem anos, senão errar. Um século! De 1.843, a 1.943! Um século de um erro a outro erro!

E, de 1943 até agora, 1954, onze anos no negro sofrimento nas trevas.

Depois de onze anos da prática asquerosa do aborto, fui acolhida nesta casa e peço suas orações para que eu possa me renovar e partir ao encontro de Miguel para, juntos, voltarmos à Terra em jornada de perdão.

Sou um espírito em reajuste, pobre mulher que fala às outras as avisando do flagelo que nos aguarda cada vez que nos afastamos dos deveres sagrados.

a) Maria da Glória

Um outro relato veio através de Camilo Castelo Branco, no livro “*Memórias de um suicida*”.

Camilo praticou o suicídio no final do século XIX porque não suportou o carma da cegueira. Após relatar minuciosamente os horrores pelos quais passou no Vale dos Suicidas, prossegue contando seus progressos e estudos. E narra que, para complementar os conhecimentos, foi encaminhado - ele e outros espíritos nas mesmas condições - a visitar diversos departamentos espirituais para ver de perto os sofrimentos de cada um dos que, quando vivos, enveredam na prática do egoísmo e das demais antivirtudes que levam à decadência. Assim treinaria a sensibilidade para, após o reencarne, saber onde se esconde cada dor e como auxiliar.

Eis seu relato:

Fazia já dez anos que eu estava internado na Cidade Esperança. Já não me arrastava pelo solo; tornara-me menos denso e já me era facultada a visita a outros departamentos daquela instituição. Naquela oportunidade visitamos o Departamento Feminino que era, em tudo, semelhante ao que me abrigara.

Explicaram-nos que o espírito encarnado em corpo feminino adquire, com muito maior rapidez, as virtudes redentoras e se engrandece em menor tempo, caso aceite os encargos próprios da condição feminina.

Mas a mulher também se torna delinqüente. Ela também erra - e como! Na crueldade, ela chega mesmo a ultrapassar as fileiras masculinas quando se recusa a admitir a missão para a qual nasceu.

A mulher, infelizmente, ainda não compreendeu o verdadeiro significado da sua atuação no quadro físico. Acostumada a ser tratada como inferior pelos homens, acabou por se acomodar à inferioridade, sem saber se elevar acima das indignidades que ela mesma promove para se fazer notada. E inferioriza-se ainda mais quando deseja equiparar-se ao homem imitando-lhe as paixões e os atos deslustrados. Daí, as desgraças que a sobrecarregam em todos os sentidos.

Chegamos ao manicômio. Sim, foi no manicômio, ambiente de recuperação das pobres tresloucadas que recebi a lição sobre o elemento feminino! Uma religiosa nos recebeu. Era Vicência de Guzman, que nos levou a um pátio de enormes dimensões, com numerosas janelas gradeadas. Ali se enfileiravam as celas individuais onde se debatiam os espíritos de mulheres atacadas do mais abominável gênero de demência que pude observar durante todos aqueles anos que passei no além-túmulo. Gritos desesperados, gemidos aterrorizantes invadiam o local tornando-o repulsivo, verdadeira morada de loucos! Aquelas coitadas, mesmo depois de socorridas, continuavam se debatendo em sofrimentos atrozes, como antes do socorro.

Vicência permitiu que nos aproximássemos das janelas, a fim de examinarmos o interior das celas. E explicou:

-Estas apresentam maior grau de responsabilidade. Elas se deixaram arrastar por caminhos sinistros e hoje se revolvem no lodo, sem noção de quando serão libertadas das amarras que elas mesmas ataram. Muitas conspurcaram as leis do matrimônio esquecidas que, ao reencarnar, haviam prometido ser fiéis zeladoras da Família, educando os filhos nas leis do Dever e da Justiça, procurando torná-los úteis à Humanidade. Pois bem! Não só profanaram os vínculos do casamento, como também se recusaram a obedecer às Leis da Criação, negando-se às funções da maternidade, entregando-se às paixões, dominadas pelas vaidades. Elas expulsaram das entranhas os espíritos que seriam seus filhos, fugindo aos compromissos assumidos. Expulsaram os corpinhos que haviam sido cuidadosamente delineados pela espiritualidade para servirem de morada a espíritos que tinham

compromissos a serem cumpridos na Terra, ao lado daquelas mesmas que os mataram. Cometendo o aborto, estas mulheres anularam o trabalho dos Obreiros Divinos, os quais haviam preparado o acontecimento da reencarnação do espírito que necessitava descer à carne. O agravante é que o fato ocorreu depois que a entidade reencarnante já se encontrava ligada ao novo corpo, quando elas estavam cientes de que cometiam crime injustificável. Assim, a mulher causa prejuízos irreparáveis ao filho, por impedir seu nascimento. Causa transtornos às equipes reencarnacionistas, por fazê-las trabalhar em vão no preparo daquele evento. Mas as consequências para aquelas que expulsam o feto das entranhas são terríveis pelo seguinte: Extinguindo em si mesmas as fontes da reprodutividade, adquiriram como consequência, enfermidades tais como tuberculose e infecções repulsivas, o que fez com que desencarnassem antes da hora prevista.

Vejam bem: desencarnam antes do tempo** devido a enfermidades contraídas como consequência do aborto. **Neste caso, são também consideradas suicidas e tratadas como tais, com todos os sofrimentos decorrentes do ato de matarem-se a si mesmas.

*Elas pertencem a todas as classes sociais terrenas, mas aqui se nivelam em idêntica inferioridade moral e mental. Nas classes mais elevadas da sociedade terrestre, porém, ocorre o maior número de casos. As faltas decorrentes de seus crimes serão dissolvidas somente depois de **dois, três séculos** e até mais! Sim, terão muitas reencarnações em sofrimento **para chegar outra vez ao mesmo nível em que estavam quando cometeram o erro contra o filho.** Há casos em que, a fim de se libertarem em menor tempo das garras da dor, elas enfrentam a triste necessidade de **reencarnarem em mundos inferiores** à Terra durante algum tempo, pois **não fica impune o crime de impedir a marcha dos Planos Divinos.***

Após ouvirmos tais explicações, acercamo-nos das celas, a fim de observar seu interior - mas recuamos imediatamente, com involuntário gesto de horror. Depois de breve segundo, envergonhados por aquele movimento instintivo de espanto, voltamos à observação. E o que vimos?

*Destacavam-se à nossa frente as aviltadas figuras daquelas **infanticidas** e também consideradas **suicidas**, por motivos já explicados.*

Mas... Oh, Deus de todas as Misericórdias! Que monstruosidades eram aquelas que estavam sob nossos olhos? Que formas repelentes eram aquelas que se descortinavam aos nossos sentidos ávidos de instrução? Como poderia a mulher, ser mimoso e lindo, rodeado de encantos e atrativos, amesquinhar-se tanto a ponto de chegar a tão horrendos resultados?

O que víamos ali?... Seria mulher?! Porventura um monstro primitivo?

Não! Víamos - isso sim! - espíritos que impediram a Lei da Reprodução. Então era assim que estas mulheres terminavam?

Não há palavras para descrever. Mas tentarei:

*Vultos negros, engrenhados envolvidos em farrapos, padrão triste da Ruína, agitavam desesperadamente os braços tentando espantar as **mil formas perseguidoras** que lotavam o recinto, rodeando-as por inteiro.*

*Aquelas mulheres criminosas viam-se desfiguradas por **imagens pequeninas** - imagens dos mesmos embriões que deveriam ter se desenvolvido nos seus aparelhos reprodutores, mas que se viram desprezados e jogados no lixo. Permaneceram, todavia, agitando-se em torno da mãe cruel, alterando-lhes completamente o estado mental, transformando aquele recinto em habitação de uma coletividade enlouquecida e enlouquecedora!*

*Os **pequenos seres esvoaçavam em torno**, castigando a infratora das leis da criação. Eram como moscas a zumbirem inalteravelmente em torno da mísera sofredora, desorientando-a até a loucura! As desgraçadas mulheres lutavam, agitavam os braços sem descanso, tentando de afastar para longe aquelas visões macabras das individualidades que, não lhes perdoadando os crimes, passaram a persegui-las com ódios e revoltas.*

E o estado daquelas mulheres? Iguais a monstros fabulosos, nenhuma palavra da linguagem humana poderá descrever a fealdade que as cobria.

*Para a reabilitação dos erros, **renascerão loucas irremediáveis**, desde que seus crimes são imperdoáveis aos olhos da espiritualidade. **Serão repulsivos monstros deformados, enfermos**, cujo grau de anormalidade levará os homens a duvidar da Sabedoria de um Deus Que Tudo Pode!*

*Outras marcharão para as **trevas exteriores**, onde se rangem os dentes e se choram lágrimas de fogo, até que consigam se limpar da maior sujeira que pode manchar o espírito de uma mulher. As trevas exteriores são os estágios de dores em **habitações planetárias inferiores à Terra**, em degredo vergonhoso àquelas que mereceram tal sorte.*

Estávamos horrorizados pelo que víamos. Os casos daquele manicômio eram profundamente mais doloroso que o reservado a nós, os homens.

Um dos aprendizes fez a pergunta que todos nós queríamos fazer:

‘-Estas mulheres são tidas como suicidas. Mas não me lembro de havê-las visto no Vale dos Suicidas, naqueles anos todos que lá fiquei. Por quê?’

A resposta veio de um dos instrutores:

*‘-Elas não estiveram no Vale Sinistro, **pois o fato de padecer naquele lugar significa que o suicida terá um progresso normal**. Estas infelizes, porém, voltadas para as trevas, são envolvidas nas ondas maléficas tecidas por elas mesmas e assim permaneceram até agora - e prosseguirão até que novas vidas na Terra em duras existências e nos serviços do Bem venham a desatar os nós que as escravizaram. Elas estão em triste situação, mas já estiveram em piores estados. Pelo menos agora, estão sob a proteção dos espíritos benfeitores, em lugar seguro onde não podem ser atingidas pelos comparsas odientos do passado, nem pelos inimigos de outras vidas que*

*lhes seguem os passos, quais corvos farejando a podridão. Muitas destas desgraçadas foram aprisionadas pelos componentes de falanges perversas que as mantiveram em localidades tétricas, sendo submetidas a maus tratos e vexames inconcebíveis, indescritíveis! Há casos em que os espíritos que deveriam ter sido seus filhos, mas que foram abortados, associam-se aos seres perversos para melhor castigá-las. **Há ainda aquelas entidades mal-dosas que se aproximam de mulheres encarnadas para sugerir a prática do aborto tecendo assim, ação demoníaca, arrastando muitas a destinos semelhantes no crime e nos castigos.***

(Se você já praticou algum aborto, há maneiras de escapar a tão horrendos sofrimentos na vida após a morte. São atividades benfeitoras reequilibrantes que Deus aceita em troca do pior de todos os crimes. Adiante, você saberá quais atividades são estas.).

4- Consequências em vida futura

As consequências dos crimes das mães abortadeiras não param aí. A negatividade dos seus atos continua amargando cada passo e **as alcança, mesmo nas vidas futuras**, até que sejam eliminadas todas as toxinas, até que as dívidas estejam pagas até a última moeda, até que aquele carma negativo seja anulado com o serviço humilde ao Bem.

A primeira consequência surge ao tentar reencarnar: poderá sofrer, na própria pele, o drama de ser abortada. Ou seja: ser um espírito *abortável*.

A este respeito, voltemos às palavras de Ramatis:

O aborto, por ser crime de lesa patrimônio, condena a pessoa a enfrentar sofrimentos atrozes ainda na vida presente e também depois da morte - e a se tornar candidata a um espírito “abortável” isto é, sofrendo ela própria, o processo do aborto provocado; sofrendo ela mesma, a rejeição por parte de mãe leviana; sofrendo no próprio corpo as queimaduras pelos produtos químicos; sofrendo na carne, as dilacerações que infringiu a outros espíritos. E depois, ao conseguir renascer, é ainda candidata a uma vida atribulada por uma ou mais de uma existência futura.

Geralmente estas mães recebem, em novas existências, trabalhos adicionais - tipo horas-extras de serviço, que as reabilitam mais rapidamente nos pesados débitos contraídos no momento do aborto. Assim, as mulheres

abortadeiras ***não têm muita escolha*** quanto ao tipo de vida que terão pela frente, em nova vida. Enquanto outras mães podem trazer nos braços crianças perfeitas, saudáveis, lindas, alegres, engraçadinhas e inteligentes, as mães abortadeiras de vidas passadas deverão se conformar em receber filhos portando anomalias físicas ou mentais.

Estas crianças problemáticas são espíritos também endividados que necessitam de nova existência em sofrimentos. Assim, Deus procura na Terra, as mães com passado escuso e lhes entrega aqueles filhos, cujos passados também necessitam ser passados a limpo. Desta maneira, mãe e filho delituosos vão, em lágrimas ardentes, em dores reabilitadoras, em desconforto e angústias, palmilhar juntos o chão abençoado onde praticaram seus crimes.

Como exemplo, é válido retornar à narração de Camilo Castelo Branco, onde duas mulheres *tiveram* de aceitar suicidas como filhos, os quais deveriam reencarnar portando anomalias do físico ou da mente.

Vamos repetir, de maneira reduzida, as palavras do escritor espiritual:

Romeu e Alceste saíram à procura das duas mulheres, grandes delinqüentes do passado. Elas seriam trazidas em espírito, uma vez que seus corpos de carne estavam mergulhados em sono profundo - e entrariam em entendimentos sobre a possibilidade de se tornarem mães de dois espíritos sofredores, necessitados de reencarnação.

*Ambas não recusariam a tarefa por se tratar de almas bastante arrependidas dos erros. No passado falharam como mães, retirando das próprias entranhas, os envoltórios carnis de espíritos que delas deveriam renascer - alguns, em missão brilhante. Agora, afundadas nas trevas dos crimes por matarem os próprios filhos antes de nascer, teriam de arcar com a responsabilidade dos infanticídios, aceitando nos braços pobres espíritos **suicidas**, aos quais deveriam dedicar-se de maneira amorosa e paciente.*

Outro tipo de consequência em vida futura é narrado no caso a seguir:

Vilma e Rui souberam que iam ser pais depois de quase um ano de casamento. Alegria, planos, escolha de nome, acompanhamento médico... E tudo foi preparado com o maior carinho: enxovalzinho bordado pela própria mãe, bercinho com dossel rendado, banheirinha pintada à mão, chupetinha com aro de prata em cordão de ouro, lembrancinhas e todo o resto.

E Vilma rezava. Pedia a Deus um bebê perfeito e sadio - não importava o sexo, não precisava ser muito bonito e não precisava ser um gênio em inteligência - mas que tivesse capacidade suficiente para aprender as noções básicas do mundo. Todos os dias, ajoelhada em frente à janela e olhando o céu, a futura mãe fazia suas orações, seus pedidos, suas promessas.

Nasceu Fernando, um meninão com quase cinco quilos, já trazendo do-brinhas e pneuzinhos. Mas foi detectado problema cardíaco. A válvula mi-tral, situada entre os dois aurículos não teve o vedamento necessário que ocorre logo após o nascimento. O sangue venoso se misturava ao arterial e se distribuía pelo organismo com pouco oxigênio. Aquela vidinha estava em perigo. Exames, incubadora, medicamentos. Sem apresentar melhoras, o bebê foi transferido a hospital melhor equipado e entregue às mãos de espe-cialistas. No dia seguinte, ele se despediu do mundo. Foi embora deixando a mãe mergulhada em oceano de lágrimas. Nada lhe trazia consolo e sua vida se transformou num pesadelo sem perspectivas de acordar. Dias e noites povoados por perguntas sem repostas: “Por quê? Onde foi que eu errei? Minhas orações não serviram para nada? Cadê a tão falada bondade de Deus?” A revolta tomou conta do coração da mãe. Desacreditou da existên-cia do Criador que não ouvira seus pedidos, pois mandara cobra quando ela pedia peixe; que mandara morte em lugar de vida, pedra em lugar de pão.

Numa madrugada, Vilma sonhou que o filho estava ali, ao lado, no ber-cinho. Acordou feliz, mas constatou que o berço continuava vazio e chorou. Chorou amargamente. A revolta atingiu grau superlativo. Revolta pelas ami-gas que traziam nos braços seus anjinhos sorridentes, enquanto que os bra-ços dela continuavam vazios. Revolta pela injustiça que julgava ter sido vítima. Revolta contra o mundo, contra tudo, contra Deus. Por que Ele lhe mostrara um filho tão bonito para tirá-lo depois?

Tão profunda foi sua dor, que as perguntas atingiram o céu. E as res-postas lhe vieram em forma de estranha visão:

Vilma estava completamente desperta no quarto escuro quando perce-beu que, na parede à sua frente, se desenhava uma espécie de tela branca, iluminada não se sabe por qual espécie de claridade. Sentiu medo, mas con-tinuou olhando e, à medida que olhava, algumas cenas foram como que pro-jetadas naquela tela imensa. De início, julgou ser ilusão - mas, a seguir, uma voz passou a lhe dar explicações sobre as cenas que iam se projetando. Pe-trificada pelo medo, mesmo que quisesse se mexer não o conseguiu. Ficou completamente paralisada olhando a tela imensa e ouvindo aquela voz estra-nha nascida como que de algum narrador postado à sua cabeceira.

Na tela iam sendo mostradas imagens de sua vida passada e aquela voz de homem, com muito carinho, ia lhe explicando cada uma delas. Desta maneira, a mulher ficou sabendo o motivo de muitos dos sofrimentos que vivera até então. E soube, principalmente, a causa da morte do bebê:

Em vida anterior, Vilma provocara um aborto para não perder a elegân-cia do corpo e agora estava sofrendo a dor da morte para aprender a valori-zar a vida. O aborto provocado em existência passada foi, pois, o motivo de haver ficado com os braços vazios e o coração em prantos pela dor mais perversa que as mães podem conhecer.

E aquela voz disse mais. Disse que, enquanto Vilma esteve no mundo espiritual, no intervalo entre as duas últimas vidas na Terra, ficou por muito tempo numa instituição, espécie de escola reformatório, onde aprendeu o valor de uma vida que se inicia e a sentir asco pelo crime do aborto. Por este meio, Vilma teve conhecimento também que havia prometido receber, criar e respeitar os filhos que viesse a ter no futuro. Por fim, ouviu daquela voz, que *já soubera, antes ainda de nascer, que perderia um filho pequenino*.

Uma vida em troca de outra. A lei é dura, mas ensina.

Em pensamento, ela disse: “Meu futuro já estava traçado antes ainda de eu nascer. Neste caso, as orações para quê? De nada vale rezar, porque Deus não se comove, não modifica os destinos, pois que já estão delineados.”.

O narrador captou este pensamento e esclareceu: “Vocês, humanos, **ao invés de oração, fazem exigências**. Pedem o que é mais cômodo, pedem o fardo leve e se esquecem de pedir *paciência* e *resignação* para os rigores das frustrações que poderão lavar seus erros e levá-los mais depressa aos pés de Deus. O **amor** é o transporte rumo à felicidade maior, mas as pessoas só aprendem a amar depois que passarem pela **dor**. Assim, o sofrimento - e não a alegria - é o melhor mestre para se chegar ao amor que neutraliza os erros. E ninguém chega ao Pai portando uma mochila de crimes.”.

A voz emudeceu, a tela se apagou. Vilma, após recordar cada detalhe daquilo que parecia ter sido um sonho, compreendeu que o retorno amargo do seu crime havia sido justo e pediu perdão a Deus pelos erros do passado e perdão pela revolta do presente. Compreendeu que, realmente, em suas orações havia pedido *o que era mais cômodo*: um filho sadio, perfeito e inteligente. Pedira fardo leve para a própria tranquilidade, como o fazem todas as mães, para não ter muito trabalho e poder sentir orgulho pelos filhos. Não pensara que pudesse vir a acontecer algum imprevisto. Nem em sonho imaginara que iria precisar de muita paciência para enfrentar o drama que estava agora enfrentando.

Ao amanhecer, retirou do quarto os objetos que a faziam lembrar o filho. Recomeçou a vida sem nenhuma outra queixa. Sentia-se uma ré, cuja pena está por findar e agradeceu aos céus por aquela visão tão oportuna.

Um ano depois, nova gravidez aconteceu. As amigas a aconselhavam a rezar para que este outro filho não tivesse o mesmo destino do anterior. A esta sugestão, Vilma respondia: “Desta vez, vou confiar em Deus. Ele sabe o que é necessário para mim. Vou rezar sim, pedindo paciência e resignação para o que tiver de acontecer.”.

Desta feita nasceu uma menina e, da terceira gravidez nasceu um menino. Ambos perfeitos, saudáveis, inteligentes.

Vilma havia liquidado seu pesado carma com as Leis da Procriação.

Para Allan Kardec, os problemas com os filhos pequenos são, no mais das vezes, expiações para os pais - e não para os filhos.

Para o Dr. Ricardo Di Bernardi, a gravidez tubária, que torna impossível a gestação é mera consequência de abortos provocados noutra vida. **“Aborto provocado ontem determina aborto espontâneo hoje.”**

Diz o autor citado que, voltando à vida física, a mulher que em vida anterior provocou interrupção da gravidez, geralmente passa por dificuldades que dificultam a maternidade: ou mora em local de difícil acesso impossibilitando a consulta a um médico ou reencarna com sangue RH negativo e se casa com homem RH positivo - neste caso, poderá colher o fruto do aborto criminoso no segundo ou terceiro filho.

Diz ainda Ricardo Di Bernardi que, em todos os casos, poderá haver maior ou menor flexibilidade, de acordo com a pessoa. *Problemas podem ser abrandados em função de atos construtivos e amorosos em favor de outrem.*

Portanto, as mães que têm abortos espontâneos; mães que perdem seus filhos pequeninos ou mulheres que não conseguem engravidar, não se revoltam. Com toda certeza, foram chamadas à prestação de contas.

Nestes casos, seria muito aproveitável a presente encarnação, se se oferecessem como voluntárias para prestar serviço em creches, em alas infantis de hospitais, em programas para menores abandonados - ou se adotassem uma criança. Como as leis são sábias e nada acontece por acaso, *é muito possível que um bebê adotado seja aquele mesmo espírito abortado por ela própria, em vida anterior.*

Um outro fato para mostrar mais uma consequência do aborto:

A filha mais velha de um casal - pouco mais que uma adolescente - teve de criar sozinha, os nove irmãos pequeninos, por ocasião da morte dos pais.

Lutando contra a pobreza, esta jovenzinha lavava roupas alheias e as passava a ferro, para alimentar e vestir os irmãos. Não podia trabalhar fora porquanto não encontrou quem quisesse ficar em sua casa cuidando daquela criança toda. Nove meninos e meninas para banhar, trocar, alimentar, medicar, educar, proteger. Roupas de nove crianças - mais as dela - para costurar, lavar, passar, consertar. Criança com tosse, sarampo, febre, gripe, dor de ouvido, dor de garganta. Nove crianças para mandar à escola com uniforme limpo e lanche todos os dias. Criança chorando, criança caindo e se machucando, criança brincando, criança brigando. Mamadeira, papinha, fralda, xixi na cama, medo do escuro, colo, historinha para dormir, brinquedo esparramado. Compras a fazer, dívidas a pagar, pouco dinheiro. Dias corridos, noites sem dormir, cansaço, dores pelo corpo.

Ao chegar à idade de se casar, aquela garota nem pôde pensar nisso, porque não encontraria quem quisesse compartilhar tanta labuta.

O tempo andou devagar, mas andou. Os irmãos cresceram. Alguns se casaram, outros permaneceram solteiros, mas todos eles foram encaminhados na vida por aquela pequena heroína que teve de esquecer-se de si mesma para cumprir uma tarefa de gigante.

Por que tão pesada carga para uma pessoa? Nada acontece ao acaso, não se pode esquecer tamanha verdade. Aquela garotinha franzina que lutou para criar nove irmãos, em vida anterior havia cometido exatamente nove abortos!

E aqueles espíritos abortados vieram agora, todos de uma só vez, na pobreza e quase mendicância, a exigir os carinhos e os cuidados que ela lhes devia, mas que preferiu ignorar quando estava em excelentes condições sociais e financeiras. Vieram como irmãos para que ela não os pudesse abortar mais uma vez. Era uma dívida antiga para com todos eles, que foi paga numa existência amarga, sofrida e anônima.

f - Consequências para o pai

O Dr. Ricardo Di Bernardi não deixa de fora, nas consequências pelo crime do aborto, a figura paterna. Palavras do citado autor:

Se for verdade que o útero da mulher é um ninho onde se aconchegam os ovos que se abrirão em novos filhotes, não há como esquecer a função do pai. A pretensa igualdade pregada por movimentos de feministas extremistas faz com que fique embaciada a visão pelas lentes do orgulho de que a mulher jamais será igual. Sim, jamais ela poderá ser equiparada ao homem porque é maravilhosamente especial, muito superior a nós, os homens.”

As consequências maternais no caso de aborto provocado são mais óbvias, mas que, até por justiça, é preciso que haja referência sobre os efeitos no elemento paterno, o qual, em muitas vezes, é o mentor intelectual do crime.

*Quando ocorre gravidez antes do casamento, acontece do pai desertar deixando a mulher sozinha com um problema gigantesco. Neste caso, sem saber como enfrentar a família e a sociedade, a moça procura interromper a gravidez - assim, mesmo que o namorado não tenha participado diretamente no ato, é o mesmo que o tivesse feito porque tanto se lhe faz a morte ou não do filho. Não houve assistência e isso é levado em conta de crime, com consequências do tamanho do sofrimento provocado. Há ainda aqueles que, para escapar ao compromisso, acham suficiente arranjar o dinheiro para que a namorada procure um aborteiro. E fim! Sua “obrigação” está cumprida! Já pode sair arranjando outros filhos e pagando para matá-los. As coisas são erroneamente consideradas ainda hoje, como o eram antigamente: “O homem não **perde** nada e continua a ser o mesmo homem.” E isso o enche de orgulho, achando-se no direito de dispor, impunemente da vida de seres humanos.*

Quando casado, já chefe de família, pode sentir-se incapaz de assumir mais um filho e pressiona a esposa para cometer o aborto.

A mulher, em todos os casos citados, não está isenta da culpa - mas ao homem cabe responsabilidade proporcional à sua participação.

O pai, frequentemente obterá, na existência próxima, a colheita espinhosa desta semente irresponsável. Seu chacra cerebral, manipulador da idéia ou indução ao aborto estará desarmonizado, gerando ondas de baixa frequência e elevado comprimento ondulatório. Serão formados circuitos de energia defeituosa abrindo canal de acesso aos obsessores e caminho para a obsessão espiritual. O chacra genésico, pelo negativismo de suas atitudes, torna-se distônico e será portador de um aparelho reprodutor frágil. Moléstias testiculares e distúrbios hormonais de hoje são reflexos de um passado de abusos e de abortos.

Mas não se pode generalizar, pois cada espírito pode mudar o próprio futuro e, a cada momento, atos de amor e de crescimento interior fazem diluir o carma construído em vidas passadas e até mesmo na vida presente.

CAPÍTULO IV

Casos especiais

1- Gravidez de risco:

Na mais famosa obra de Allan Kardec, “*O Livro dos Espíritos*”, na pergunta nº. 359, os Orientadores Espirituais dizem que, no caso da mulher correr risco de vida, é melhor sacrificar a criança que ainda não nasceu a sacrificar a mãe.

Tal orientação tinha razão de ser porque a cesariana, na época - e até mesmo em boa parte do século XX - era prática desconhecida e os partos eram feitos em casa, por mãos de parteiras. Estas eram, geralmente, mulheres de meia idade e corajosas o bastante para prestar auxílio às parturientes. Quando o bebê era muito grande ou quando estava com o cordão umbilical em torno do pescoço, havia dificuldade no nascimento. Aí, entravam em cena os socorros conhecidos: chás de ervas do quintal, simpatias, rezas, promessas, que nem sempre funcionavam.

Em casos de extrema gravidade, era necessário lançar mão de um meio drástico que não podia ser considerado crime: despedaçava-se a cabecinha do bebê para que ele pudesse ser retirado. Retirada a cabeça, o restante não oferecia resistência e era salva, pelo menos, a vida da mãe. Se tal medida não fosse tomada, mãe e filho morreriam juntos. Daí, a orientação no “*Livro dos Espíritos*”, no sentido de sacrificar o ser não nascido a sacrificar a mãe.

É preciso, no entanto, levar em consideração que sacrificar a criança era medida extrema e tomada às pressas, quando já iniciado o trabalho de parto, quando a parteira sentia serem insuficientes os seus conhecimentos. Não era decisão tomada *antes*, durante a gravidez, porque era praticamente impossível saber se o nascimento ia oferecer dificuldades.

Há menos de um século morriam crianças ao nascer e morriam muitas mulheres de parto. Mas morria-se também em larga escala de tuberculose, apendicite, tétano, pneumonia, sarampo, infecção. Hoje, estes males raramente fazem vítimas porque a medicina avança a cada dia. A penicilina é descoberta recente. As vacinas previnem e chegam a eliminar, de vez, algumas doenças da face da Terra. Cirurgias são feijão com arroz.

Nos dias de hoje, dificilmente é preciso escolher a quem salvar: a mãe ou a criança. Sempre se pode lançar mão de uma cesariana, salvando-se mãe e filho - ou, pelo menos, a mãe. No entanto, com as descobertas feitas quase

diariamente no campo da medicina, não se pode garantir que, dentro de uma semana, os cientistas não descobrirão algo que afaste para sempre o risco de vida para a gestante, em todos os casos. Ninguém pode garantir que não chegará a solução médica quando tudo parecer perdido. Mas, supondo que ocorra o risco e persista a dúvida entre salvar a mãe ou o filho, ainda é válida a orientação kardequiana: “*sacrificar o ser não nascido para salvar o ser que existe.*”.

O problema, porém, ainda é debatido nos meios legais: liberar ou não o aborto, em casos de risco de vida para a mãe? Mas quem garante que a vida da mãe corre risco? Um médico? Dois médicos? Uma junta médica? E eles não podem se enganar?

Vejamos este fato:

Quando Celina engravidou, o médico anunciou que ela era portadora de problemas que a levariam à morte por ocasião do parto. Outros ginecologistas repetiram as mesmas palavras: ela não sobreviveria e recomendavam o aborto. Celina reagiu. Morreria junto, mas não cometeria ato tão contrário à sua consciência. O marido e toda a família insistiam: era preferível que o bebê fosse sacrificado, em vez de ambas as vidas. Celina se negava: “Morro junto, mas não mato meu filho!”.

Os nove meses se arrastaram e, por ocasião do parto, nada de sinistro aconteceu. Nada mesmo! O nenê nasceu bem através de cesariana e, com Celina, não houve problema algum. É verdade que os médicos de desdobram, mas sobreviveram ambos. Depois disso, Celina teve ainda mais um filho.

Você conhece fatos semelhantes. Daí, a dúvida: será mesmo que os médicos estão com a verdade quando sentenciam que a mãe corre perigo?

Outra situação:

Quando a futura mãe é ainda uma quase criança, a lei fica indecisa: liberar o aborto ou não? Os entendidos justificam a dúvida porque, dizem, o corpo da menina está ainda em formação e poderá oferecer risco de vida. No entanto, se uma criança com onze anos engravida é um sinal de que *seu organismo está completamente formado*, pronto para a maternidade.

Os homens erram. A natureza não erra. Se a mãezinha vier a morrer não será, necessariamente, devido à pouca idade e sim, porque constava na sua programação cármica que a morte ocorreria naquela ocasião. Deus não permite que uma pessoa morra se não for o seu momento. Fora o **suicídio** e o **aborto**, ninguém morre antes de chegada a hora.

Nada acontece ao acaso.

Vejamos um fato que servirá de base para a discussão deste tema:

Maria deu à luz o Menino Jesus, aos doze anos de idade. É verdade que este bebê era especial e Deus não deixaria que Maria sucumbisse ao dar à luz. Mas se seu organismo não estivesse *pronto* para a maternidade, o próprio Deus não teria permitido tal gestação. Afinal, ia nascer o Salvador do Mundo, tendo a preparação para este evento durado quase um milênio. Tudo foi analisado, tudo estudado rigorosamente nos ínfimos detalhes, por centenas e mais centenas de Técnicos Siderais para que não ocorresse a mínima falha, risco nenhum. Mesmo assim, foi escolhida Maria, aos doze anos!

Aliás, talvez Deus quisesse mostrar aos humanos que, se o nascimento mais significativo do planeta - o nascimento do Salvador do Mundo - aconteceu através de alguém com doze anos, é porque nesta idade as meninas já estão preparadas para as funções da maternidade.

Na antiguidade, na idade média e até em boa parte da renascença, era normal a menina se casar logo após a primeira menstruação - e esta pode acontecer a qualquer momento a partir dos dez anos de idade, ou até antes. Ora, se quando a medicina ainda estava em gestação, era comum às meninas com onze anos serem mães, por que agora, quando a medicina está tão avançada, a mesma idade é insuficiente, sendo aconselhável o aborto?

Será que os conhecimentos atuais são inferiores aos da antiguidade?

Dizem os favoráveis ao aborto que a mãezinha, sendo tão jovem, não está ainda madura *psicologicamente* para assumir a maternidade.

E quem garante que esta mesma menina, se lhe for retirado o filho *antes* da hora, vai ser uma mulher *equilibrada* no futuro? Será que a agressão do aborto provocado não será *mais prejudicial* que ter o filho?

Bem, ninguém vai obrigar que as mulheres todas sejam Celinas e Marias que enfrentem a maternidade com tanta fibra. Mas, antes de aceitar a palavra dos médicos, que consultem seu coração - e, se sentirem que podem enfrentar, que podem encarar os riscos, que tenham o filho! Deus as amparará, de qualquer forma - seja na Terra, ou no outro mundo. E, se for no lado de lá, ***o mérito será ainda maior***, por não ter fugido às obrigações.

É melhor ser vítima do que assassina. É melhor morrer do que matar.

E é preciso ter em mente que a morte não chega antes da hora prevista.

Se uma mulher tiver de morrer no dia 15 de janeiro, ela vai morrer no dia 15 de janeiro, com ou sem gravidez de risco - *a não ser que haja suicídio*.

2- Risco de vida para o bebê:

Mais de trezentos milhões de espermatozóides se acotovelam numa corrida desenfreada rumo ao óvulo. Todos *querem* fecundá-lo.

Diz a biologia que o mais apto vence a corrida e fecunda o óvulo e o Dr. Di Bernardi pergunta:

- “*Como o mais apto? Às vezes, um espermatozóide portador de anomalias genéticas supera todos os demais. Como?*”. E ele mesmo responde:- “*O óvulo irradia vibrações e passa a atrair aquele espermatozóide que contém os gens que ele necessita para a formação de um novo ser.*”.

Segundo os espíritos orientadores de Allan Kardec, muitos dos problemas ocorridos com os filhos são provas para os pais e não para os filhos. Incluímos como exemplo desta afirmação, o caso de Vilma, cujo carma a ser queimado era dela que, em vida anterior, provocou o aborto - e não do bebê que morreu no dia seguinte.

Assim, se um espírito tiver de vir ao mundo para a queima dos próprios carmas, é possível que venha a nascer com alguma anomalia física ou mental. Neste caso, ele tem ***necessidade imperativa*** de reencarnar, ainda mais que seu carma pode estar entrelaçado ao dos próprios pais.

Relembrando Camilo Castelo Branco, dois suicidas reencarnaram trazendo graves problemas e nasceram de duas mulheres que também tinham pesadas dívidas a serem descartadas. Assim, as Leis Maiores conseguiram reabilitar mães e filhos ao mesmo tempo. Bendita Sabedoria!

Mas, supondo que este fato houvesse ocorrido em nossos dias, a medicina, com certeza, detectaria a anomalia dos bebês e o aborto seria feito “*para o bem da criança e da mãe, para que não venham a sofrer*”.

E como ficaria? Vejamos:

Cada um dos citados espíritos suicidas necessitava urgentemente de uma vida de tribulações para se reequilibrar - e ambas as mães necessitavam desesperadamente se reequilibrar também, através do filho problemático.

Tudo previsto, pais escolhidos, ambiente propício, mapa de cromossomos desenhado, tipo de sangue conferido, taras de família descartadas, enfim, cenário pronto para o nascimento. A gravidez acontece, mas chega a ***suprema sabedoria*** dos homens e faz o aborto *para evitar sofrimentos!!!*

Ora, não é para reequilibrar os erros passados, adquirir virtudes e conhecimentos que existe a dor? A evolução não é feita com mel, veludo, chocolate e algodão doce.

Muitos espíritos vêm portando imperfeições físicas exatamente para fazer sua aprendizagem e elevar-se através da ***dor***.

Para adquirir a virtude da paciência, por exemplo, nada melhor a um menino que nascer com as pernas atrofiadas. Imaginemos a dose de paciência que ele precisará desenvolver para olhar os amigos jogando futebol, subindo em árvores, andando de bicicleta, brincando, brigando, correndo, enquanto que a ele, somente será possível assistir a tudo isso numa cadeira de rodas ou apoiado num par de muletas.

Mas o homem, o “todo poderoso” homem se intromete e dificulta o **roteiro para a evolução** destas mesmas crianças, porque “*não querem*” que elas sofram!

Como é que o homem vai assim, sem mais nem menos, desfazendo os planos cuidadosos e demorados feitos no Alto? Quem é ele para ir perturbando, na sua alta ignorância, a sagrada evolução de um espírito?

Se uma criança nasce com anomalia é porque *esta anomalia é de necessidade vital* para que ela se levante e ninguém tem o direito de interferir promovendo o aborto em nome de uma suposta **piedade** que, na verdade, é mais em nome de uma **comodidade** para os pais, em nome de um **peso a menos** para a família, em nome de um **empecilho a menos** para a sociedade do que propriamente por **misericórdia** para o filho.

Os que defendem o aborto quando o bebê é portador de anomalias entendem que, “*o bem da própria criança*” é a morte antes do nascimento e mais dores no Vale dos Rejeitados, maior demora em quitar suas dívidas - e não o equilíbrio com as Leis Maiores, que a libertaria definitivamente do sofrimento!

Em 25 de janeiro de 98, o *Fantástico*, TV Globo, falou sobre o caso Gabriela. E o jornal “*Folha de S.Paulo*” (10/2, pág. 3.3) trouxe a notícia:

Gabriela nasceu em Turim, Itália, a 13 de janeiro de 1998. Nasceu sem cérebro e, nestas condições, não teria a mínima chance de sobrevivência. Os pais Sandra e Luca foram avisados no terceiro mês de gestação e a mãe poderia se quisesse, ter optado pelo aborto terapêutico, legalizado na Itália desde 78. No entanto, esta mulher valorosa quis ter o filho.

Realmente, o bebê veio a falecer **e seus órgãos foram doados a outros bebês, cujas vidas dependiam de transplante!** Foi para isso que esta mãe levou até o final uma gravidez, mesmo sabendo que o filho ia morrer: salvar a vida de outras crianças!

Este foi um dos gestos de Amor mais incríveis de que se têm notícias.

O mesmo jornal traz uma reportagem sobre a empresária Inês:

Com 40 anos, Inês viu a reportagem do *Fantástico* sobre Gabriela e resolveu manter sua gravidez, também ciente que o filho não viveria.

Como Gabriela, o bebê de Inês é portador de encefalia (*ausência de massa cerebral*). Ela poderia se quisesse, pedir autorização à Justiça e realizar

o aborto, mas preferiu seguir o exemplo da italiana Sandra, mãe de Gabriela: continuar a gravidez e doar os órgãos d seu filho. É uma gestação de alto risco até para si mesma, pois, aos quarenta anos, há perigo para a parturiente e, mesmo assim, ela prefere ir adiante. Sendo espiritualista, Inês diz: - “Sei que todo este sofrimento tem alguma finalidade e que Deus sabe o que faz.”.

Mas a medicina não está vendo com bons olhos estes gestos! Diz que o bebê encefálico não pode ser doador porque patati, patatá...

A medicina prefere a ***agressão de um aborto***, cuja violência poderá trazer graves problemas psicológicos para a mãe, a este gesto lindo, suave, angelical que, se não puder salvar outra criança, pelo menos ***salvará a mãe das dores traumáticas e irreversíveis dos remorsos***.

Não sei como terminará a história de Inês, porque ao escrever estas páginas o bebê ainda não nasceu. Termine como terminar, Deus há de ajudá-la a suportar o trauma de uma gestação com final triste, sabendo que poderá levar alegria a outrem. Deus há de abençoar seu sofrimento e seu gesto de Amor.

3- O estupro:

Mais uma vez cabe a máxima: ***nada acontece ao acaso***.

O quê teria feito a mulher em vidas anteriores para ser vítima de um ato tão odioso e violento como o estupro? Será que Deus está dormindo quando ocorre uma gravidez nestas condições? Será que há erro dos Técnicos Responsáveis pelos nascimentos? Será coincidência a mulher estar nos dias férteis, justo no dia do estupro?

Di Bernardi escreve:

A vítima de hoje - a mulher estuprada - mostra no seu passado atitudes profundamente negativas praticadas contra outras pessoas. Algumas das que sofrem estupro participaram, em outras vidas, de atividades visando atingir, de maneira dolorosa, a intimidade sexual de outras criaturas.

Mas não existe fatalidade. Esta pessoa que ontem executou práticas contrárias à caridade poderá queimar a negatividade do seu gesto com atos de amor ao próximo e, assim, estará desfeito o laço da armadilha onde ela mesma deveria cair. Assim, se o estupro vier a acontecer é porque a mulher vitimada não agiu de modo a merecer o desvio deste ato tão lamentável.

O citado autor continua:

A lei gravitacional existe. Não é boa, nem má. Simplesmente existe. Se jogarmos uma pedra para o alto e ficarmos sob a linha de queda, fatalmente ela cairá em cima de nós. A pedra sobre a cabeça não é castigo de Deus e nem se trata de castigo. Ela nos atingirá obedecendo, simplesmente, à lei natural de ação e reação, também chamada lei de causa e efeito ou carma.

*Se não quisermos ser atingidos pela pedra que atiramos, **que abramos o guarda-chuva da caridade** e reduziremos o impacto das energias amargas que retornam do passado. Porque a gravidade é lei universal que se cumpre automaticamente.*

Assim acontecem os estupros. Não se trata de castigo. Nem de acaso. Trata-se do retorno dos erros passados, uma vez que não houve, por parte da futura vítima, atitude de limpeza cármica através da caridade e do amor. O estuprador, por sua vez, entrou em sintonia com a vítima de hoje porque nela existe alguma ressonância com a enfermidade psíquica dele próprio.

Mas, de qualquer forma, *o nascimento resultante de um estupro já havia sido programado pelos Técnicos Responsáveis* porque um espírito, qualquer que seja ele: filho da rainha da Inglaterra, ou filho da pobre lavadeira, *recebe os mesmos cuidados* por ocasião do reencarne. Não há diferença entre o filho de um empresário multimilionário e o filho de um escravo. Para a espiritualidade, todos são rigorosamente iguais e recebem os mesmos cuidados. Assim, **o filho do estupro não terá sido deserdado por Deus.**

A gravidez proveniente de ato tão brutal, com certeza é resultante de vidas passadas onde se colocou a **violência acima do amor** e agora, este passado retorna porque precisa ser passado a limpo.

Não nos esqueçamos de Ramatis dizendo: - “*Os Técnicos Siderais controlam e disciplinam os nascimentos, de modo a não nascer uma criança em lar errado. Tudo é medido, tudo é pesado, tudo é estudado.*”.

A mulher não engravida sem a própria permissão. E isto é regra geral.

Já vimos que quando ocorre a fecundação, o organismo materno inteiro já está pronto para ela, já está à espera - *em caso contrário, a fecundação não ocorreria, desde que o sistema de defesa feminino expulsaria o espermatozóide, por ser um elemento estranho.* O cérebro se encarrega de alertar os demais órgãos, que se preparam para o acontecimento. E isso é possível porque houve permissão da mãe, após *consulta prévia* durante o sono, ou antes ainda, anterior ao próprio reencarne.

Quando a mulher, antes de nascer, assume compromisso para receber determinado espírito como filho, ela é *lembrada*, com antecedência, ao se aproximar a data. Este *lembrete* ocorre durante o sono ou em forma de intuição. E antes ainda do lembrete vindo dos guias espirituais, a memória sideral da mulher aciona os mecanismos que levam organismo a ficar de prontidão.

Como se pode observar, *em nenhum caso existe a tão famosa gravidez inesperada ou accidental - nem mesmo quando é fruto de estupro*. O que existe é a lei de causa e efeito em andamento e a mulher, de posse do conhecimento dos erros praticados no passado, aceita - com certa relutância, é verdade - receber nos braços determinado espírito.

Violência gera violência e, se a mulher está sendo violentada, certamente ela não é inocente.

Segundo Ramatis, *“as feras não atacam os santos.”*

(Se você estiver passando por sofrimentos por haver provocado um aborto, não fique se culpando, pois nem tudo está perdido. Continue a leitura. Adiante está a solução que você procura.)

CAPÍTULO V

Outras considerações

Um diário inacabado

Esta história está na Revista Seleções do Reader's Digest, de fevereiro de 1966. Ela foi tirada de um álbum de Loreta Young, estrela de cinema e de televisão. Foi escrita em alemão por H. Schwab, publicada em revista polonesa e copiada por revista americana, editada em Portugal.

A história de uma criança não nascida é eloquente em qualquer língua, é entendida em qualquer país, por todos os povos.

5 de outubro: Hoje começou minha vida. Meus pais ainda não o sabem. Sou menor que a semente de uma maçã, mas já sou eu. E, embora ainda não esteja formada, serei menina. Terei cabelos loiros, olhos azuis e vou gostar de flores.

19 de outubro: (14 dias) Já cresci um pouquinho, mas ainda sou muito pequena para fazer qualquer coisa sozinha. Mamãe faz tudo por mim. E o engraçado é que ela ainda não sabe que está me carregando aqui, bem debaixo do seu coração. E alimentando-me com o próprio sangue.

23 de outubro. (18 dias) Minha boca está começando a aparecer. Imagine só! Daqui a um ano, estarei rindo. Mais tarde, saberei falar. Minha primeira palavra será: mamãe. Quem disse que ainda não sou uma pessoa de verdade? Sou sim, assim como a menor migalha de pão é pão de verdade.

27 de outubro: (22 dias) Hoje, meu coração começou a bater! Daqui por diante, ele baterá pelo resto da minha vida, sem nunca parar para descansar. Depois de muitos anos, quando ele estiver cansado, eu morrerei. Mas agora, eu não estou terminando - e sim, começando.

2 de novembro: (27 dias) Todos os dias cresço um pouquinho. Meus braços e minhas pernas estão começando a tomar forma. Mas terei de espe-

rar muito tempo até que minhas perninhas me levem correndo para os braços de minha mãe e até que meus braços possam abraçar papai.

12 de novembro: (37 dias) Agora começam a formar-se os dedos pequeninos nas minhas mãos. É estranho como são pequenos! Mas eles serão maravilhosos! Vão agradar cachorrinhos, jogar bola, apanhar flores, tocar outra mão. Meus dedos! Algum dia, poderão tocar violino ou pintar um quadro.

20 de novembro: (45 dias) Hoje, o médico disse a mamãe que eu estou vivendo aqui, embaixo do coração dela. Você não está feliz, mamãe? Daqui a pouco tempo, estarei no seu colo.

25 de novembro: (50 dias) Minha mãe e meu pai não sabem que sou uma meninazinha. Talvez queiram um menino. Ou talvez, gêmeos. Mas vou fazer-lhes uma surpresa. E quero ser chamada Catarina, como mamãe.

10 de dezembro: (65 dias) Meu rosto está completamente formado. Que bom se eu for bonita igual mamãe!

13 de dezembro: (68 dias) Agora, já estou quase podendo enxergar, mas está tudo escuro em volta de mim. Daqui a pouco, porém, meus olhos se abrirão para um mundo de sol, de flores e de criancinhas. Nunca vi o mar, nem as montanhas, nem um arco-íris. Como serão? E como é você, mamãe?

24 de dezembro: (77 dias) Mamãe, estou ouvindo seu coração bater. Será que você ouve a batidinha leve do meu? Você vai ter uma filhinha sadia, mamãe. Eu mal posso esperar para estar no seu colo, tocar seu rosto, olhar seus olhos. Você está esperando por mim, assim como eu estou esperando por você?

28 de dezembro: (78 dias) Mamãe, por que você deixou que eles parassem a minha vida? Nós seríamos tão felizes juntas!

O que seria o mundo sem eles?

Conforme já o dissemos, há muitos espíritos que reencarnam em **missão**. São os doces missionários - homens e mulheres - que se doam em benefício de outrem. Esquecem-se de si mesmos para trabalhar pela coletividade.

O que seria o mundo sem eles?

O que teria sido a Terra se Maria tivesse abortado Jesus?

Qual fim teriam levado os ensinamentos de Jesus, se Martinho Lutero e Allan Kardec não tivessem tido a oportunidade de vir ao mundo? O que teria sido do mundo sem as grandes descobertas do Infante D. Henrique e Colombo? Mas as suas mães poderiam tê-los impedido de nascer!

Como estaria o mundo se o avião não tivesse sido inventado? E sem a eletricidade, o que seria hoje de nós? Pois estaríamos bem atrasados no nosso progresso se Santos Dumont e Tomás Edson tivessem sido abortados.

O que teria sido da Índia sem Ghandi? Como teria sido a ciência sem Einstein, sem Newton? Como seria triste o mundo sem Disney, sem Chaplin! E, poderíamos dizer o mesmo sobre todos os outros missionários.

Estes abnegados espíritos aceitaram descer para mais uma vida terrena para realizar trabalhos de Luz. Ora, os trabalhos da Luz só podem ser feitos por Missionários Iluminados.

O que seria o mundo sem eles?

E... Já imaginou se sua mãe tivesse abortado **você**???

Mas há um outro tipo de trabalho mais rude, que só pode ser feito por espíritos *contrários* à Luz: os *espíritos trevosos*, os quais poderiam, de certa forma, ser também chamados de “*missionários*” higienizadores.

Espíritos trevosos são aqueles muitíssimo cultos e inteligentes, mas que colocam seus conhecimentos a serviço do mal. Deus lança mão de seus serviços quando há a necessidade de uma queima de carma coletiva.

Vamos explicar o que vem a ser isso:

Para guardar a casa contra ladrões, ninguém escolheria uma freira dócil, sensível, delicada. A escolha recairá sobre um ser mais abrutalhado, apropriado pra espantar ladrão. Lançará mão de um ser inferior que possa cumprir a tarefa. Para casos desta natureza, um cachorrão serve.

Para dar aulas de Artes Marciais a marmanjos, ninguém mandaria aquela frágil professorinha de Artes Musicais. Para envernizar paredes de um edifício, ninguém usaria um pincel de esmalte para unhas. Para limpar cristais, ninguém usaria um pano de chão.

Cada tarefa ao seu tarefeiro.

Deus também usa tarefeiros específicos para serviços específicos.

Sempre que há um trabalho rude a ser desenvolvido, não são mandados os anjos, nem os santos. São escolhidos seres grosseiros que mais se adaptem à grosseria das tarefas. Exemplo disso foi a Segunda Guerra Mundial, tarefa medonha que foi muito bem executada por espíritos voltados para o mal. Esta guerra era um incômodo necessário. Havia grande coletividade de espíritos em débito com a lei do carma e foi decidido que pagariam ao mesmo tempo, sofrendo dores iguais às que, em vidas anteriores, impuseram a outros.

Deus programou, na mesma época e na mesma região geográfica, o nascimento dos maiores endividados de guerra e mandou ao planeta os espíritos selecionados para a operação limpeza: **Hitler** e seus auxiliares.

Tudo o que aconteceu na segunda guerra mundial estava previsto. Nada aconteceu ao acaso, nada foi coincidência, tudo obedeceu rigorosamente aos planos traçados pelo Alto.

E morreram exatamente aqueles que deveriam ter morrido. Só foram vitimados aqueles que, em outros tempos, fizeram vítimas. Ninguém pagou mais do que devia, ninguém sofreu sem merecer, não houve vítima inocente. Nem mesmo as crianças eram tão inocentes como se imagina; elas estavam em corpos novos, mas eram espíritos antigos, promotores de grandes carnificinas no passado.

Segundo Ramatis, *os judeus* sacrificados sob as ordens de Hitler foram, em grande parte, em época recuada, os soldados do Rei Davi - aquele da bíblia que lutou contra o gigante Golias. Naquela ocasião, ainda antes de Cristo, os soldados de Davi cometeram as maiores brutalidades nas terras invadidas: mataram de maneira pavorosa, saquearam, estupraram, incendiaram. Foram desumanos os massacres de Davi e seus exércitos sobre os inimigos, passando *carroças com pontas de ferro* sobre infelizes prisioneiros ao longo das estradas. A descrição deste trecho está na bíblia. E está na bíblia que Davi mandou matar a picaretas, a serras e a machados e em *fornos de tijolos* os habitantes de Rabá. E assim se fez em todas as cidades. (II - Samuel XII - 31).

No século XX, estes mesmos soldados executores de ordens tão horrendas morreram com a mesma crueldade: alguns, esmagados, despedaçados nas estradas *sob as lagartas dos tanques* alemães; outros, em *fornos crematórios*. (Davi também não era nenhum santinho. Ramatis deixa no ar a hipótese de ele ter sido, na atualidade, o próprio Hitler!)

Nas Leis Maiores, ninguém paga dívidas dos outros, ninguém paga o que não deve. Cada qual acerta os próprios débitos, mesmo que demore muito tempo. Havia, pois, a necessidade de reunir os soldados de Davi e outros, de outras guerras em novos corpos e, de uma só vez, fazê-los resgatar seus crimes. Foi uma lavagem de carmas, uma limpeza planetária.

Portanto, Hitler - um anjo das trevas - foi mandado para **auxiliar** o mundo. É claro que ele **não** sabia que estava promovendo a limpeza do planeta, a serviço de Deus. Ele agiu sem saber que foi **escolhido** para a tarefa, devido às más inclinações ao mal, inerentes ao próprio espírito em atraso.

É verdade também que esta limpeza aconteceu através das maiores selvajarias, mas tudo o que aconteceu estava sob o controle do Criador. Não sobrou vivo nenhum dos que deveriam morrer e não morreu nenhum daqueles que deveriam continuar vivos.

Hitler promoveu desgraças - mas foi para isso mesmo que ele foi escolhido. Hitler foi simplesmente **usado** pelo Alto. Ele era portador de grande carisma, muita inteligência, grande capacidade administrativa e, por isso mesmo, foi usado numa tarefa suja e medonha. Mas não poderia ter sido de outro jeito. A limpeza de carmas foi feita de tal modo que nenhum anjo, nenhum santo, nenhuma entidade superior aceitaria a tarefa.

Para a continuação do raciocínio, imaginemos agora, como foi o planejamento, lá no mundo espiritual, da Segunda Grande Guerra:

Deus, Jesus e Seus Auxiliares Diretos escolhem, cuidadosamente, o local para a queima coletiva de carmas. Planejam a vinda de milhões de pessoas que deveriam quitar seus débitos. Escolhem as famílias onde cada um deve reencarnar. Promovem o nascimento dos políticos, dos militares graduados, dos soldados alemães; o nascimento dos presidentes, dos políticos, dos militares graduados e dos soldados dos outros países a serem envolvidos. Fazem nascer os cientistas, os motoristas, os médicos, os aviadores, os pára-quedistas, as enfermeiras, as namoradas, as esposas e todos os milhões de pessoas que seriam envolvidas, de uma forma ou de outra, naquela guerra.

Há mais gente pra nascer. Seus nascimentos já estão programados e acontecerão na hora certa, no local certo, para tarefas já determinadas. Tudo pronto há mais de cem anos. Nada vai dar errado - nada **pode** dar errado.

Só falta nascer Hitler para que tudo comece a se mover.

Aí, a mãe de Hitler engravida - mas suponhamos que ela se dissesse dona do próprio corpo, se dissesse feminista, liberada e praticasse o aborto!

Hitler iria para o lixo!!! E fim!

Veja só que confusão enorme! Uma centena de anos preparando cada um daqueles que tomaria parte no conflito e faltar o personagem principal!

E há outro exemplo bem próximo de nós, no tempo e no espaço:

Fernando Collor de Mello e seus companheiros foram escolhidos para uma limpeza cármica no Brasil. Todo o dinheiro retido e depois, praticamente perdido pelo povo, foi uma providência do Alto para acertar as contas das almas que, no passado fizeram fortuna de maneira não muito honesta.

Assim, no prazo de um dia, quem se deitou rico acordou pobre. Uma nação inteira acertou seus débitos com a Espiritualidade em poucas horas e sem guerra. Quem não tinha dívidas de outras existências a serem resgatadas, inocentemente retirou seu dinheiro do banco para a compra de algum imóvel, poucos dias ou horas antes de tudo acontecer. Outros, mais comprometidos com a Lei de Ação e Reação, sem que de nada pudessem suspeitar venderam suas terras, puseram o dinheiro no banco para render juros. E ficaram sem terras, sem dinheiro, sem juros, sem nada, pois, na hora da fritada dos ovos, pouca coisa lhes sobrou.

O mesmo que foi dito sobre Hitler pode ser repetido sobre Collor:

A Alta Espiritualidade reúne, num mesmo país e na mesma época os que, em outras vidas, em outros lugares, em outros tempos, enriqueceram desonestamente. Quase cinquenta anos reunindo espíritos de uma nação e de outra, de uma família e de outra, de uma época e de outra. Está tudo preparado para determinado momento psicológico a acontecer: época de grande desequilíbrio governamental, fuga de um presidente que, infelizmente aconteceu através do suicídio; renúncia de outro, deposição de outro, governo dos militares, morte de um presidente antes da posse, farra com dinheiro, políticos desonestos, inflação enlouquecida, cena apropriada para o que viria a seguir. Enquanto isso, o nascimento de mais gente que tinha de saldar seus débitos. Tudo estava planejado muito antes disso tudo acontecer. E nasceria Collor, que viria como esperança popular e que faria a limpeza cármica financeira do Brasil, além de mostrar o quanto de podridão havia em cada governo.

Ávido por dinheiro, ávido por conforto, ávido pela fama e poder, pobre espírito doente, vaidoso, orgulhoso do nome de família, orgulhoso da própria beleza e riqueza, Collor foi *usado* pela Alta Espiritualidade e o Brasil livrou-se de um débito doloroso que vinha de centenas de anos antes, além de colocar a descoberto os desmandos políticos.

Mas... e se Collor tivesse sido abortado? Sem Collor, os brasileiros continuariam sua longa via crucis, a pagar seus débitos aos poucos, vida após vida por mais algumas centenas de anos.

Com Collor, ficamos livres de enorme carma negativo! Amém!

Os exemplos citados referem-se ao nascimento de espíritos atrasados.

Mas o mesmo exemplo poderia ser usado para o reencarne de Buda, de Francisco de Assis, ou de Bill Gates. O prejuízo, se eles fossem abortados seriam os mesmos.

Pois é isso mesmo que acontece quando uma mulher expulsa seu filho do útero, através do aborto criminoso.

O mundo está à sua espera, não importa qual papel ele desempenhará.

Mas pode-se ter certeza que, seja qual for o papel, é de grande importância, foi escolhido entre outros e ***ninguém pode substituí-lo.***

Pode depender dele uma coletividade de espíritos já nascidos ou ainda a nascer. Ele é necessário para que uma roda comece a rodar, não importa o tamanho da roda. Cada filho faz parte de um programa e, sem ele, os planos divinos não poderão se concretizar.

Pois se até mesmo Hitler foi necessário e insubstituível para o progresso planetário; se até Collor foi importante para o progresso do nosso país, o que não dizer do ***SEU*** filho?

Aliás, é bom que o mundo inteiro saiba que, neste final de século, e começo de outro, *estão voltando à Terra todos os grandes espíritos do passado, preparando-se para serem os homens do século XXI.*

Sim, o século XXI será feito por pessoas iluminadas, pois, aqueles contrários à Luz serão encaminhados a outros planetas de mais baixa categoria, naquela separação do *joio* e do *trigo* previsto por Jesus.

O seu filho pequenino, ou aquele a nascer já é *trigo* e está incluído na listagem dos Espíritos de Luz a habitar o planeta no século XXI.

Aborte-o - e terá abortado um gênio ou um santo!

CAPÍTULO VI

A QUEM JÁ ABORTOU

A este respeito, diz o Dr. Di Bernardi:

*“Cartazes acusando: ‘**Aborto é crime!**’ só teriam valor se fossem lidos, exclusivamente, por quem ainda não tenha cometido nenhum ato desta natureza. Mas os cartazes estão lá, com finalidade preventiva: ‘**Se você não praticou o aborto, não o faça, porque é crime matar bebês não nascidos!**’*

Mas... e a quem já tenha abortado? O que dizer àquelas que já estão nas malhas do remorso, curtindo sufocante sentimento da culpa? O que dizer às parteiras e médicos aborteiros? O que dizer a quem tenha propiciado a interrupção de uma gravidez ou tenha induzido outra pessoa ao aborto? Estas, ao esbarrar em tais cartazes, têm seus sofrimentos muito mais agravados.

*Há religiões e movimentos filosóficos que infundem **culpa** em quem, tenha expulsado algum filho das entranhas. Estas religiões e estes movimentos devem ser arquivados nas empoeiradas prisões medievais, junto a outros instrumentos de tortura. Não vamos repetir os erros passados.*

***Esclarecimento** associado a **consolo** carinhoso devem fazer parte do conteúdo de qualquer doutrina contrária ao aborto. É preciso apresentar **soluções - e não cobrança**. Ao invés de apontar o inferno às mães que desprezaram seus filhos, é preciso ter a mesma postura de Pedro, o Apóstolo:*

*‘Mas sobretudo, tende ardente caridade para com os outros, porque **a caridade cobrirá uma multidão de pecados.**’ (1ª epístola, cap. IV, vers. 8).*

*Já há dois mil anos, Pedro ensinava que, ao invés da opção da **dor**, podemos fazer opção pelo **amor**. Construir mais do que já destruímos.*

Voltar pelos pântanos da vida para semear flores onde plantamos dores e, quando voltarmos a transitar pelos mesmos pântanos, encontraremos milhares de lírios resultantes da nossa sementeira.

A postura estática do remorso e culpa nos desarmoniza e, cada vez mais, nos projeta para o desconsolo das companhias trevosas.

*Segundo um espírito amigo, de nome François Villon ‘**não se pode abrir as portas da culpa àqueles que estão perdidos no corredor escuro do erro, para que eles não caiam no fosso do sofrimento. É necessário iluminá-los com a tocha do esclarecimento e do consolo, para que enxerguem mais adiante, a opção do Trabalho e do Amor.**’*

Errar é aprender. Ao invés de se fixar no remorso, aproveitar a experiência como uma boa aquisição para discernimento futuro.

“Agir na mesma área para crescer em créditos espirituais.”

As amargas consequências pelos crimes não são **castigos** infligidos pela espiritualidade - e sim, **reparações** para com as Leis Universais objetivando o necessário equilíbrio das almas endividadas. Já foi dito que ninguém chega aos pés de Deus carregando uma mochila de erros.

É preciso também saber que a lei do carma - ou do retorno - não é estrada de mão única. É uma lei que admite reparações; que oferece oportunidades ilimitadas para que todos possam consertar seus enganos.

O erro pelo aborto provocado precisa ser desfeito por qualquer modo e quem não o desfizer através do **Amor**, terá de desfazê-lo através da **Dor**.

Os meios através da **Dor**, nós já nos detivemos em sua análise tempo suficiente, mas podemos resumi-los rapidamente: Arrependimentos, remorsos, dores morais. Doenças que não conseguem ser detectadas pela medicina comum. Mortes prematuras consideradas suicídio. Longo tempo em profundo sofrimento na vida após a morte. Difícil reencarnação, geralmente se tornando espírito abortável. Ao reencarnar, é possível não ter filhos, ou perdê-los ainda pequeninos ou ainda ter filhos portadores de anomalias graves.

Através do **Amor** é muito mais fácil o reequilíbrio de uma alma.

Segundo Pedro, *“A caridade cobre uma multidão de pecados”*.

A **caridade** pura e simples, portanto, é o caminho para estas mães.

Não apenas para a mãe que buscou o aborto.

Mas também ao pai do mesmo bebê abortado.

Também ao fazedor de anjos.

Também às amigas e parentes que induziram ou facilitaram o ato.

Também aos que obrigaram a filha ou a nora a cometê-lo.

Enfim, a todos os que se viram, de uma maneira ou outra, envolvidos criminosamente na rejeição e expulsão de um espírito reencarnante.

O antídoto contra o mal do aborto é a caridade.

Mas não aquela caridade humilhante que faz o recebedor sentir-se ainda mais diminuído do que já o é. E sim aquela que eleva quem oferece e não envergonha quem recebe.

Não aquela de dar esmola perguntando: “Por que não vai trabalhar?”.

Não a caridade de levar uma cesta à favela, regada à reclamação.

Não aquela caridade de fim de ano quando, para aliviar a própria consciência e poder festejar sem remorsos, distribui presentinhos às crianças e pronto! Sua obrigação está cumprida até o ano que vem!

Não aquela caridade vaidosa que convida jornal e TV para que o mundo saiba o quanto se é “bonzinho”.

A caridade que cobre uma multidão de pecados é aquela que arregaça as mangas e vai trabalhar, de verdade, em benefício de pessoas necessitadas.

Como o erro da mãe que abortou foi a rejeição a uma *criança*, então a dívida poderá ser mais rapidamente saldada através de ajuda a *crianças*.

Mesmo que se tenha provocado um aborto, é possível quitar os débitos ainda nesta existência, sem ter de passar pelos sofrimentos dos umbrais ou vales de dores, sem passar pelas amarguras já descritas nestas páginas.

Por que não tentar?

Por que esperar a vida do lado de lá para, em sofrimentos superlativos, apagar uma mancha que *poderá ser apagada de forma mais branda se for de maneira espontânea?*

Por que não começar *agora, já, aqui, nesta vida* a reparar o erro, de maneira mais suave, à sua escolha?

Veja como:

1- Oração:

Oração significa: Luz em ação.

Quem ora em benefício de alguém está mandando Luz para esta pessoa. E Luz é o contrário de trevas. Quem ora também anda dentro da Luz, porque é impossível acender uma fogueira e não se iluminar também.

Comece orando a Deus por seu filho - aquele que você rejeitou e que poderá estar em sofrimento, cheio de dores nalgum lugar do espaço. E poderá estar odiando você. Ele está precisando de orações para sentir alívio pelas dores morais e físicas que você lhe propiciou.

Mas **você** vai orar. Não mandar **outros** rezarem por você.

Não mandar rezar missa porque, neste caso, não será *você* a rezar.

Não rezar terço porque, nele, as palavras saem automaticamente de seus lábios, sem que o coração tome parte. Quer ver? Tente rezar um terço inteiro sem desviar, por um único segundo, o pensamento do objeto que você deseja atingir com a oração. Depois da primeira Ave Maria, seu pensamento já se dispersou e, daí em diante, a reza só vale como sacrifício - mas não atingirá o objetivo.

Ore com o coração. Um Pai Nosso saído da alma e depois, diga as palavras que você diria a seu filho abortado, se estivesse frente a frente com ele. Diga que o ama. Diga que está arrependida do que fez e que, quando o fez, era uma ignorante. Diga que, se ele quiser voltar a nascer através de você, será bem recebido. Peça-lhe perdão.

Mas não ore um só dia, não! Ore sempre. Ore todos os dias, até que ele perceba que seu arrependimento é sincero e passe a sentir o carinho vindo de você. Ore com sentimento, com calor no coração, evitando a frieza das preces decoradas. Ore com o coração. Ele a perdoará, com certeza.

Ore a Deus, pedindo perdão pelo seu ato.

E ore por outros bebês abortados, que não têm quem reze por eles.

Ore pelas mulheres grávidas, para que não recorram ao aborto.

Ore pelas crianças abandonadas pelas ruas, enquanto não se decidir qual tipo de **atividade** deseja exercer em benefício delas.

Ore por todos os filhos do mundo inteiro: crianças, adolescentes, doentes, drogados, ladrões, assassinos, estupradores, presidiários - e pelas mães dos doentes, pelas mães dos presidiários, pelas mães dos drogados, por todas as mães sofredoras.

E continue orando pela vida afora por seu filho e por todos os filhos.

2- Atividade benfeitora:

Fazer opção por uma atividade onde possa estar em contato direto, corpo a corpo com crianças necessitadas de carinho, de amparo, de colo, de cuidados pessoais. Creche, escola, APAE, hospital, orfanato, em quaisquer instituições que cuidam de crianças pobres, abandonadas ou doentes.

Veja numa creche, por exemplo, o horário do banho nas crianças e peça para que a deixem ajudar nesta tarefa por, no mínimo, uma vez por semana. Serviço voluntário, sem receber dinheiro em troca. Escolha um dia da semana - ou mais de um dia - e esteja lá para ajudar no banho, na troca de roupa, na mamadeira, na papinha. Segure as crianças no colo, brinque com elas.

Se você não tiver tempo durante a semana, então vá a um orfanato, onde não se descansa nos fins de semana. Vá lá aos domingos por uma hora ou duas para brincar com aquelas crianças sem carinho de ninguém. Leve um bolo feito por você, leve suco de laranja e coma junto.

Ou então, uma ala pediátrica em hospital. Geralmente, nestas alas as mães podem ficar junto ao bebê doente. Mas as coitadas dormem sentadas ao lado do berço, sem poder sair para um banho ou para um lanche. Ofereça-se para ficar cuidando do bebê enquanto a mãe vai para casa dar uma des-

cansadinha, saber o que está se passando com os outros filhos, tomar um banho. Veja se alguma delas tem roupa a ser lavada; leve esta roupa para casa, lave e passe a ferro, **você** mesma. Ah, quantas mães precisam de ajuda deste tipo!

É enfiar as mãos na massa – as **suas** mãos - e não apenas construir um orfanato e deixar para *outros* a tarefa de lidar com aquela gente pequenina.

A atividade voluntária neste sentido fará com que os erros sejam reparados muito mais rapidamente. De acordo com certo autor espiritual, *as horas de trabalho com crianças são contadas em dobro*.

3- Adoção:

Se houver oportunidade, adote uma ou mais crianças e trate-as como verdadeiros filhos, sem diferença entre eles e os seus de sangue. ***Doe-se a uma criança abandonada.***

Muitas vezes, com a adoção, está se abrindo a mesma porta que foi fechada pelo aborto. Muitas vezes, aquele mesmo que você abortou retorna ao seu lar, pelos inesperados caminhos da adoção. É impossível saber se aquele órfão que bate à sua porta à procura de um lar, à procura de uma mãe, é o mesmo espírito que você rejeitou - mesmo assim, não despreze oportunidade alguma.

Se você, mesmo não tendo praticado aborto algum nesta vida, sentir-se inclinada à adoção, adote!

A adoção é, talvez, a maior obra de Amor que alguém pode praticar.

4- Amparo às mães:

Outras atividades que reequilibram carmicamente a quem tenha errado no sentido de desprezar um bebê não nascido, é no amparo às mães solteiras, mães miseráveis, mães sem condições de criar seus filhinhos.

Quantas mãezinhas estão necessitadas de um carinho? De uma palavra de afeto? De um auxílio em forma de enxovalzinho? Em forma de comida?

Converse com elas. Oriente. ***Evite que elas abortem..***

Aprenda a costurar, a bordar, a fazer crochê ou tricô. E costure, borde, faça enxovaizinhos e doe àquela mãe que está à espera de um filho e não tem com quem cobri-lo. Depois, comece outro enxovalzinho e doe a outra mãe. E mais outro. E mais outro.

Ampare uma destas criaturas. Ou mais de uma, de acordo com suas possibilidades. Amparando mães você estará, automaticamente, propiciando vida melhor às crianças.

5- Algo mais:

Faça votos de nunca mais vir a praticar algum aborto.

E cumpra estes votos! Numa próxima gravidez, ame seu filho em dobro, para compensar aquele que, por ignorância, não soube valorizar.

E continue rezando pelo seu filho e por outros filhos.

Finalizando:

É difícil a reconquista da paz interior ainda nesta vida, através da caridade? Através do trabalho cansativo em benefício de crianças necessitadas?

Não, não é! É muito mais difícil a reconquista desta mesma paz através do sofrimento ainda nesta vida e em vidas futuras.

Portanto, se você tiver débito a ser saldado, comece hoje!

Comece agora, para que a morte não a encontre desprevenida.

A morte poderá estar por perto e você ainda não fez nada para se reequilibrar espiritualmente.

Enquanto não se decide, comece a orar.

Ore com todas as suas forças.

E seja feliz tendo a consciência tranqüila.

Que Deus ilumine você, minha amiga, meu amigo.

Que Deus oriente seus passos, seus atos, seus pensamentos, seus sentimentos. Leve Deus no coração, leve um sorriso a todos, dirija olhares doces a quem encontrar. Deixe um rastro de LUZ por onde andar.

BIBLIOGRAFIA

A vida além da sepultura - Ercílio Maes (Atanagildo e Ramatis) - F. Bastos
Aborto à luz do Espiritismo - Eliseu Florentino da Mota Jr.- Ed. O Clarim
Deixe-me viver - Irene Pacheco Machado (Luiz Sérgio) Ed. Recanto
Evangelho segundo o Espiritismo - Allan Kardec – IDE
Folha de S.Paulo - jornal (10/2, pág. 3.3)
Folha de S.Paulo (4/10/97, página 3.1)
Gestão - Sublime intercâmbio - Ricardo de Bernardi -Ed. Universalista
Instruções Psicofônicas - Francisco Cândido Xavier - FEB
Memórias de um suicida - Yvonne A. Pereira (Camilo C Branco) - FEB
Mensagens do Astral - Ercílio Maes - (Ramatis) Freitas Bastos
Missionários da Luz - Francisco Cândido Xavier (André Luiz) - FEB
No mundo maior - Francisco Cândido Xavier (André Luiz) - FEB
O livro dos Espíritos - Allan Kardec
O profeta - Gibran Khalil Gibran - A. Cultural Internacional Gibran
Seleções do Reader's Digest - (*Revista*) - fevereiro 1.966
Veja (*Revista*) - nº. 1.513, setembro 1997

SOBRE A AUTORA

CLEUNICE ORLANDI DE LIMA,

Nascimento aos 17 de janeiro de 1943 em Junqueira, município de Monte Aprazível - SP.

Professora I, II e III, aposentada em 31 de janeiro de 1991.

Casada desde 1965 com Otávio Batista de Lima

Cinco filhos: Fernando (in memorian), Nicinha, Otavinho, Adolfo e Sônia.

Quatro netos: Otavinho III, Maria Luísa, Emmanuel e Lucius.

FORMAÇÃO:

- **Graduação:**

- **Pedagogia** na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. José do Rio Preto;
- **Estudos Sociais I** na Faculdade de Educação de Monte Aprazível;
- **Estudos Sociais II** na Faculdade Riopretense de Filosofia em S. José do Rio Preto;
- **Geografia -Licenciatura Plena -** na Faculdade de Filosofia de Catanduva;
- **Orientação Educacional**, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. José do Rio Preto;
- **Supervisão Escolar para Escolas e 1º e 2º Graus**, na Faculdade de Filosofia de Votuporanga;
- **Administração Escolar de 1º e 2º Graus**, na Faculdade de Educação de Monte Aprazível.

- **Especialização:**

- **Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais:** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto;

- **Aperfeiçoamento** no Colégio Estadual e Escola Normal Anísio José Moreira, em Mirassol, **obtendo medalha de ouro “Honra ao Mérito”** através da Fundação Cândido Brasil Estrela: **a melhor nota do Brasil: 9,9** fazendo jus ao prêmio estadual “Cadeira Prêmio”, que naquele ano (1965), deixou de existir.

HABILITAÇÕES:

- **Geografia,**
- **Psicologia da Aprendizagem,**
- **Didática do Ensino,**
- **Filosofia do Ensino,**
- **OSPB (Organização Social e Política Brasileira),**
- **EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros),**
- **Educação Moral e Cívica.**

ATIVIDADES PROFISSIONAIS NO EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO

- **Diretora de Escola e Vice Diretora de Escola**
- **Professora Efetiva I, II e III.** Aposentada desde 31 de janeiro de 1991.
- **Professora Polivalente**
- **Substituta na Rede Estadual, na Escola Edmur Neves, em Mirassol;**
- **Professora de Artes no Colégio São Paulo, em Mirassol;**
- **Professora de Redação na Escola Lucy Sicard Neves, em Mirassol.**
- **Professora de Geografia, OSPB e Estudos Sociais** na Escola Anísio José Moreira, em Mirassol.;

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- **Bibliotecária** na Escola Estadual Prof. José Felício Miziara, em São José do Rio Preto.
- **Balconista**
“Loja Roupada” em SJRPreto, “Loja Roupada” em Votuporanga, “Bomboniere Cida”, “Empório Petrocelli”, “Cacareco Bar”, “Loja São José” e Floricultura “Tutti Fiori”;
- **Catadeira de café** em várias Máquinas de Café, em Mirassol;
- **Operária:** “Fábrica de Balas Joanida”, em Mirassol;
- **Recepcionista** e depois **enfermeira** na “Casa de Saúde São José”;
- **Agricultora:** Viveiro de Plantas Ornamentais, Horticultura e Cultura de Pimentas
- **Empresária:** Sócia Fundadora da Escola de Computação “Siga Informática”, Mirassol;
- **Pintora de óleo sobre tela,** com exposições locais e regionais.

PUBLICAÇÕES

Autora dos seguintes Livros

- **Título:** “*Depois do suicídio..*”, DPL Editora e Distribuidora de Livros Ltda - São Paulo
- **Título:** “*Depois do aborto..*”, DPL Editor e Distribuidora de Livros Ltda - São Paulo
- **Título** do livro paradidático “*O guarda – noturno*”, Editora do Brasil – São Paulo

Autora dos Livros Didáticos:

- **Título:** “*Professora de Papel – Histórias para Alfabetizar*” -
Trata-se de método independente criado dentro de sala de aula, atendendo profundamente nossas crianças, pois conhece suas necessidades e deficiências. Alcança alfabetizar dentro de **um só ano letivo, sem deixar resíduos de aprendizagem** para os anos posteriores. **É o único idealizado para crianças com deficiência de aprendizagem** Em uso em Clínicas de Fonoaudiologia, em Escolas de Educação Especial para Deficientes Auditivos, em classes para Deficientes Mentais, em escolas de todos os estados do Brasil. Encontra-se em uso também fora do país: Japão, Itália, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos.
(Descrição: www.professoradepapel.com.br)
- **Título:** “*Festa na Escola*” - obra para comemorações de eventos cívicos escolares

Outras publicações

- **Título:** *Depois do suicídio...*, folheto de 20 páginas com distribuição gratuita a nível nacional e internacional. Republicado por CVVs, Polícia Militar de S.Paulo, Centros Espíritas e particulares, sempre com o propósito de salvar pessoas da morte voluntária. Há 18 anos, vem fazendo campanha contra o suicídio **editando e distribuindo gratuitamente** folheto de esclarecimento sobre as conseqüências deste ato.
- **Título:** *Nos caminhos da Mata Uma – Mirassol – 100 anos de Histórias* – No prelo – livro com 998 páginas elaborado a pedido da Prefeitura Municipal de Mirassol

Co-autora

- Participação, com o conto “*A última viagem*”, no livro “*19 Contos*”, antologia da Editora Verso, organizada pelo SENAC e lançado durante a Bienal do Livro em S. J. do Rio Preto, em 87.

Artigos em Jornais:

- **Título:** “*Quem matou Tuca?*”, que motivou um programa de televisão: Globo Repórter: “Ditadura da Balança”, em julho de 77.
- **Título:** “*Carta Aberta ao Governador*” ao então Governador Paulista Paulo Salin Maluf, no jornal Folha de S.Paulo em 79; republicada em jornais de todo o Brasil, lida e comentada em programas de rádio e TV, entre estes: Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti.
- **Título:** “*Faltas abonadas*”, publicada pela Folha de S.Paulo, que levou a uma série de artigos dirigidos ao então Governador Paulo Salin Maluf e que motivou o fim dos atestados médicos nas faltas abonáveis dos professores de escolas estaduais, na década de 80.
- **Título:** “*Causas da Decadência da Educação*”, série de 11 artigos no “*Jornal dos Professores*” após pesquisa de 3 anos realizada entre alunos, pais, professores, diretores e pessoas ligadas à Educação.

Artigo em Revista Internacional

- **Título:** “*Oração do Ciclista*” – na Revista Seleções do Reader’s Digest, em dezembro de 77, sendo a **primeira mulher brasileira** a publicar nesta revista americana, **para 84 países, em 13 idiomas.**

PALESTRAS:

- **Título:** “*Aborto não!*” em escolas de Segundo Grau, clubes de jovens e Centros Espíritas.
- **Título:** “*O que é o suicídio!*” em Centros Espíritas e clubes de jovens.
- **Título:** *Alfabetização e Fonética*
 - Para Professores e Especialistas de Educação:
 - de Escolas comuns Públicas e Particulares
 - Para professores de classes especiais:
 - Deficientes Auditivos e Deficientes Mentais
 - Para estudantes:
 - Faculdades de Pedagogia e Cursos de Magistério.
 - Secretaria Estadual de Educação nos Estados de Sergipe e Mato Grosso.

- **Já atendeu** a mais de 450 convites para cursos e palestras em 210 cidades de 9 estados: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Sergipe.

INSERÇÃO EM PROGRAMAS DE TV:

- Entrevistas jornalísticas nos programas:
 - “**Momento do voto**”, TV Globo em 88, devido ao Movimento Moralizador da Política por ela criado, objetivando esclarecer a população sobre a importância do voto.
 - “**Ditadura da Balança**” TV Globo em 77, sobre os regimes de emagrecimento que levam à morte.

OUTROS

- Promotora, em 83, na **FLE** (*Fundação para o Livro Escolar*), de encontros com escritores, proprietários e representantes de editoras do livro didático, onde expôs suas insatisfações quanto à qualidade do livro didático.

MEMBRO DE ENTIDADES E ORGANIZAÇÕES

- Membro da **UBE**: União Brasileira de Escritores.

HOMENAGENS:

Título **Honra ao Mestre**, pelas Escolas Porfírio Pimentel e Cons. Rodrigues Alves, em Macaúbal.

Homenageada “**Professora do Ano**” pelo CPP mirassolense, em 96.

Laureada: 1º troféu “**Mérito Cultural**” em 96, pelo Rotary Club e Fundação C.ândido Brasil Estrela.

Homenageada pelo Rotary Club 8 de Setembro, em julho de 98, pelo **Dia do Escritor**.

Homenageada “**Escritora Mirassolense**” pela Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Mirassol.

Homenageada “**Escritora de Destaque**”, na Noite de Homenagens em 98.

Homenagem na Câmara Municipal de Mirassol, pelo **Dia da Mulher**, em 8 de março de 2006.

Homenagem pelo Rotary Club, pelo **Dia da Alfabetizadora** em 8 de Setembro, em setembro de 2006.

Homenagem no Clube da Terceira Idade Encontro com a Felicidade em 2007, pelo trabalho de alfabetização de idosos que vem realizando voluntariamente em Mirassol, desde 2003.

Homenageada pela Câmara Municipal de Mirassol com o título “*Cidadã Mirassolense*” no dia 13 de dezembro de 2008, por indicação do vereador Bill Guarnieri.

PLANTANDO ESCOLAS

Em 2003, aos 60 anos, Cleunice começou a plantar escolas para Alfabetização de Idosos, em projeto criado por ela: ***Projeto PLIM – Primeiras Letras na Idade Madura.***

São salas de aula nos diferentes bairros para ensinar Leitura e Escrita à Terceira Idade, cujas professoras dão aula voluntariamente sob orientação da Professora Cleunice.

Foram criados 11 Núcleos de alfabetização de idosos em bairros diferentes, levando a escola até o aluno e não ficando imóvel e indiferente à espera dos alunos.

Destas 11 classes, a maioria deixou de funcionar por falta de apoio governamental.

O Projeto PLIM trabalha em benefício da velhice e velhinhos anônimos que nunca se sentaram numa cadeira escolar e cujo maior sonho é aprender a ler.

ATUALMENTE

Vem compondo, escrevendo e aplicando o Método de Alfabetização para Adultos e Idosos, sob o título: **“Alfabetizando Gente Grande”**.

Referido material é composto a partir das necessidades de seus próprios alunos, que escreve e aplica, num processo dinâmico de elaboração, experimentação, observação, correção, reaplicação dos conteúdos e observação dos resultados até que haja perfeito encontro de circunstâncias entre o criar e o aprender, de forma a se tornar trabalho científico, uma vez que são observados todos os passos da Ciência.